OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXVI

A BRUXA DE MONTE-CORDOVA

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.
XX, XXI — Horas de paz.
XXII — Agulha em palheiro.
XXIII — O olho de vidro.
XXIV — Annos de prosa.
XXV — Os brilhantes do brasileiro.
XXVI — A bruxa de Monte-Cordova.

) CASTELLO B

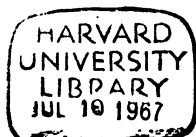
BRUXA

DE

E-CORD

ROMANCE

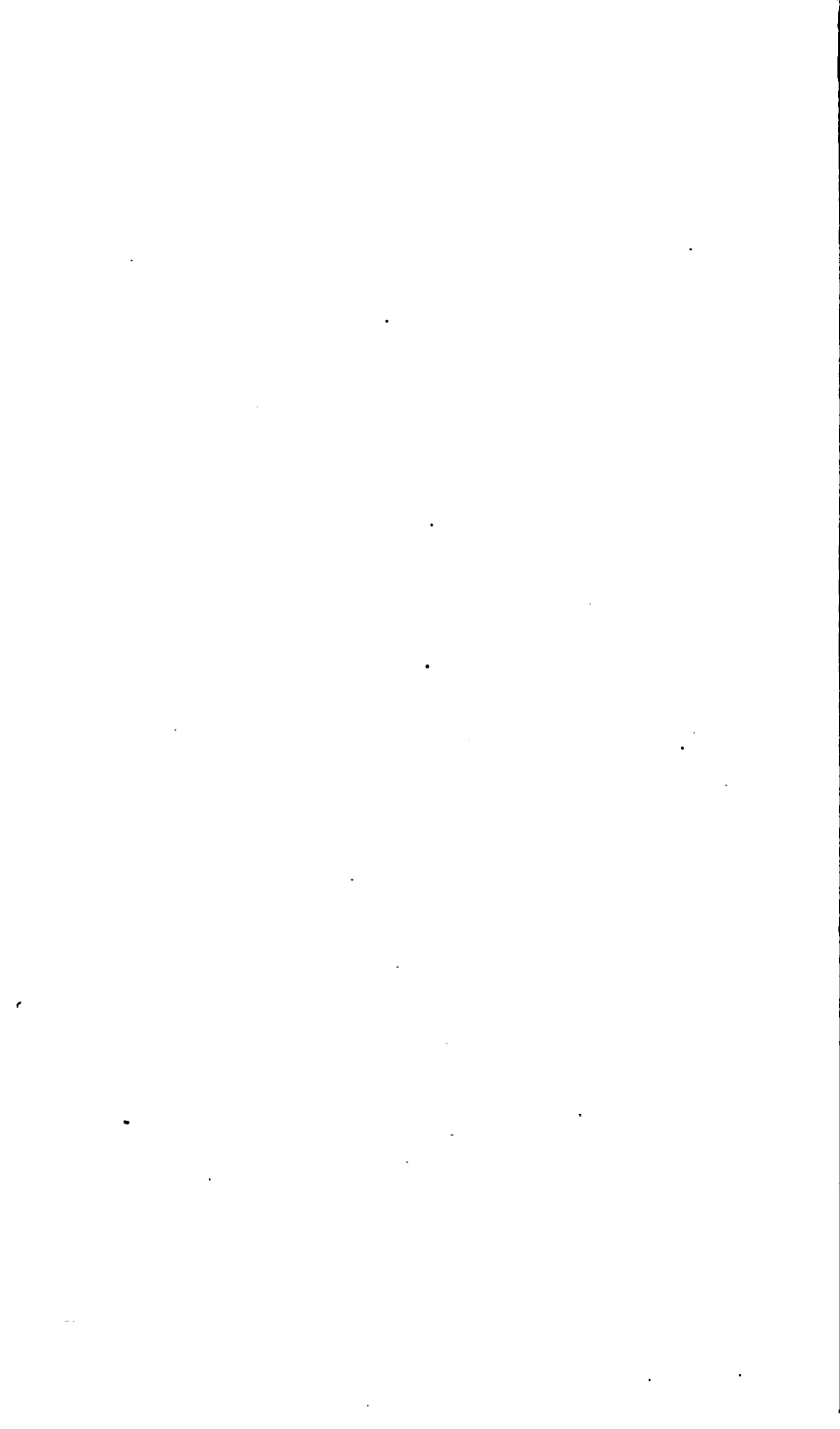
ERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
IA ANTONIO MARIA PERE
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
DA
Parceria Antonio Maria Pereira
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

A

Luiz Augusto Rebello da Silva

OFFERECE

Camillo Castello Branco.

PRIMEIRA PARTE

A MOCIDADE DE UM HOMEM

I

Angelica

Quien viendo tan hermoso sujeto no quedára enamorado? Quien á tan superior belleza no se viera rendido, sin que le faltára el alma, ó corriera peligro de incensible?

Francisco de las Cuebas — *Hipolito y Aminta.*

O capitão-mór de Cabeceiras de Basto morria por ella.

Dois frades bentos de S. Miguel de Refojos andavam como energumenos desde que a lobrigaram na sua egreja.

O juiz ordinario, o alferes de milicias, o juiz dos orfãos, o escrivão das sizas, o boticario e o mestre-escola farejavam-n'a, tanto á inveja, que a rapariga, quando elles, um por cada vez, se lhe faziam encontradiços, resmuneava, formando com os dedos uma figa occulta:

— Eu t'arrenego, diabo!

E apertava o passo com os olhos no chão e o credo na bocca.

Desculpemo-los sem excepção dos frades. Pobres moços! nenhum ainda tinha vinte e seis annos. Espadaudos, vermelhaços, beiços grossos e rosados, narizes d'aguia, sadios como duas montanhas!... frades, sem fé, sem esperança, sem caridade!

Desculpemo-los todos; que a culpa não na tinham elles nem ella.

A culpa era o *fames peccati*, a «isca do peccado» boas palavras com que os santos padres explicam uma coisa simplissima que os roixinoes dizem em regorgeados trilos, e os poetas em madrigaes de esmadrigadas cantilenas, e os outros individuos todos, a seu modo, desde o urro atroador do leão hircano até ao guincho estridente da aguia do Herminio.

Angelica Florinda era a tentação dos homens e dos anjos, inclusos os seres intermedios do genero humano e dos serafins: os frades.

Alta, reforçada, nalgas e espaduas boleadas, breve cintura separando os tumentes seios das ancas maciças e rotundas, cabellos em ondas lustrosas de azeviche, as sobrancelhas cerradas e indistinctas, olhos pestanudos e piscos, dentes de immaculado esmalte, o beiço superior orlado de um debrum pennugento, e o inferior carnoso, côr de cravelina. A tez sobre o moreno, com sua zona rozada em cada face. A forma do rosto oblonga, testa escantuda, barba tirante a redonda e fendida a meio levemente no lóbulo.

Eu não sei se este debuxo dá a perceber os mais donairosos, engraçados e louçãos dezesete annos de rapariga do concelho de Cabeceiras de Basto!

S. Pedro de Alvite era a freguezia d'ella. Tinha Angelica pae e mãe, lavradores medianos, conhecidos pelo assento de sua casa no cabeço de um oiteirinho. D'ahi vinha chamarem-lhes: *os do Picôto;* ou então, ao pae o Joaquim da Thereza, e á mãe a Thereza do Joaquim. Tem certa poesia este reciproco senhorio dos nomes entre marido e mulher, lá nas aldeias, onde nomes e almas, tanto monta, são bem e invejavelmente uma só alma e nome.

A filha, seis leguas em volta, era conhecida pela Angelica do Picôto.

Dizia o tio Joaquim da Thereza que a sua filha não casava com algum dos lavradores que lh'a tinham pedido, porque um tio materno, estabelecido em Pernambuco, a vira, quando veio á terra, tendo doze annos a moça, e promettera vir casar com a sobrinha, assim que ella prefizesse os dezenove.

Este almejado tio, no dizer do cunhado, media o dinheiro aos alqueires, tinha tres navios e duzentos pretos. Em prova do quê, havia já mandado á sobrinha um caixão de cajú, pitanga e goiabada, golosinas que os velhos apresigavam com brôa, pesarosos, ao que parecia, de não poderem apresigar tambem um papagaio e um saguí, bichos que distrahiam Angelica do trabalho. [1]

O casamento apalavrado era notorio, e mesmo assim os casquilhos do concelho e os lavradores solteiros não desistiam de enviar-se á esposa promettida do brazileiro.

---

[1] Creio que o termo *apresigar* não corre auctorisado pelos diccionaristas portuguezes. *Apresigo*, nas provincias do norte, diz o mesmo que *conducto*. E' boa palavra, porque tem a chancella do mais classico povo de Portugal.

— Se ella não estivesse ajustada com o tio — dizia o pae — quem na levava era o Barnabé da botica. Aquillo é que é modo de vida! Com um gigo de ervas e seis garrafões d'agua da fonte arranja caroço d'aquella casta! Anda ahi o escrivão das sizas atraz da moça: tambem não é máo modo de vida, escrivão; mas eu ladrões cá na minha familia não nos admitto. O mestre-escola é bom sujeito e devo-lhe obrigações porque me ensinou a fazer bem ou mal uns garatujos para não assignar de cruz; e ensinou a rapariga tambem; mas tanto lhe faz saber ler como não: o pobre homem não tem tabua sua onde caia, se não fôr na cadeia... Andam estes badamecos a rentarem-me á rapariga e não se acabam de desenganar! Deus traga depressa meu cunhado a vêr se m'a deixam; que ella, a respeito de juizo, é até onde póde chegar! Quando algum fidalgote lhe diz p'r'aqui-p'r'acolá, a rapariga, moita! Vossês bem sabem que ella não vae a espadeladas nem festas de ninguem. Romarias é lá uma d'anno a anno. O seu regalo é ir ás festas de egreja do mosteiro. Isso vae à todas, e raro é o mez que lá se não confessa...

Estava mal informado o tio Joaquim da Thereza, no artigo confissão. Angelica Florinda não exercitava tão louvaveis espiritualidades. A's festas ía; mas, fóra da quaresma e jubileus, a moça parece que andava armazenando fazenda peccaminosa que assoalhasse no confessionario.

Angelica do Picôto, imitante a qualquer donzella das que pisam tapetes e tem segredos com a lua, sentia no intimo peito *uma tristeza alegre e uma alegria triste, um bem de que padecia e um mal que a consolava*, em fim, *um mal que a recreava e um*

bem que a affligia: tudo isto cifra na *saudade*, como S. Bernardo a definiu, e depois do santo muitos á semelhança d'elle, salvante a santidade. [1]

A saudade de Angelica tinha sete annos de coração, enraizara-se, era dor sem esperança de remedio.

Quem no diria, vendo-a florir, nutrir, folgar honestamente? Pois violentava-se a moça. A natureza aformosentava-a, de força e contra vontade d'ella; as cores saluberrimas eram dotes da juvenil materia que não tinha satisfações que dar á alma; se folgava com as suas amigas, cantando o S. João ou outras cantilenas assim mysticas, é que a briosa rapariga forcejava por esconder a sua magoa dos outros e de si, delindo-a da lembrança.

A saudade pois de Angelica Florinda devia de ser ruim, que assim lhe dava pejo de que lh'a soubessem. Ai! se era!

Ainda que Deus lh'a perdoasse, e mandasse anjos a publicar na terra o indulto da peccadora, o mundo não lhe perdoaria.

Porque ella, a querida do juiz ordinario, do alferes de milicias, do juiz dos orfãos, do boticario,

---

[1] Publiquei algures um escripto recenciando os varios escriptores que em portuguez definiram a saudade com as sabidas antitheses muito festejadas em Almeida Garrett. Na escala ascendente lembraram-me, antes do cantor de Camões, o sabio D. Francisco Manuel de Mello, e primeiro que elle Antonio de Sousa de Macedo, e mais antigo Isidoro de Barreira, e mais ainda Manuel Severim de Faria, e mais velho que todos Duarte Nunes de Leão. Parei n'este, promettendo esquadrinhar quem ensinou Duarte Nunes. Ultimamente encontrei S. Bernardo. Mais tarde, se Deus quizer, direi onde o santo abbade do Claraval achou a galanteria, que se me antolha ser ante-diluviana.

do capitão-mór, do escrivão das sizas, do mestre-escóla... amava... um frade bento!

Mas este frade não era algum dos dois que andavam perdidos por ella.

Era um terceiro frade de S. Miguel de Refojos. Trez!

Que muito, se seria natural amal-a o convento todo! amal-a toda a congregação de S. Bento! amarem-n'a S. Pacomio, S. Antonio abbade, S. Jeronimo, o escarnado velho que vencia a custo as voluptuarias lembranças das romanas!...

Aquillo era mulher de prova! Não conhecia o diabo semelhante typo, quando o Senhor lhe permittiu atanazar o inquebrantavel Job. Era mostrar-lhe a rapariga... e dispensal-o da lepra. Era dar-lhe umas comichões d'alma que se não coçam com telha.

O diabo, além de máo, é tolo, e ás vezes «velho parvo», como lhe chama frei João de Ceita. Anda tanta gente a querer perder-se e infernar-se com as mulheres de certo feitio, e o parvo a dormir, e ellas a fugirem da tentação! Entendam-no lá!

Ha uma só explicação que o salva e abona; e é que modernamente os vicios são tantos, em comparação dos antigos, que hoje em dia alguns dão mais trabalho a conseguir que propriamente as virtudes oppostas. Conservando-se satanaz neutral, a honestidade é a mais barata das grangearias.

Bem no dizem os philosophos: A mulher emancipou-se. A formosa creio que sim. As outras, duvido.

Figura-se-me que ainda collabora com ellas coisa de tentação que as ala ao fastigio donde formosas e feias se despenham. O discrime está em que umas avoejam lá com azas do céo, outras vão de gatinhas ou ás cavalleiras do diabo.

II

O frade

Nuestro corazon es de figura redonda piramidal que tiene la punta hacia la tierra, y con lo ancho mira el cielo, y de esta maneira vive en continuo movimiento, sin haber cosa en esta vida que le pueda quitar, ni descansa sino quando muere.

Padre Juan Rebello—*vida y corona de Christo.*

Thomaz d'Aquino, filho de gente afidalgada de Basto, e visinho dos da casa de Picôto, era a saudade infantil e o amor do coração adulto de Angelica.

A moça aos dez annos tinha parecenças dos quinze, fórmas de mulher perfeitamente acabadas.

Thomaz gracejava com ella sem resguardo de seus paes, que eram padrinhos da galante pequena. Procurava-a nas devezas onde ella pascentava o gado, sentava-se á sua beira, sem testemunhas, e não sabia gracejar. Quedava-se sisudo ou silencioso.

Era a poesia em osso.

A's vezes inclinava-se sobre o braço direito, meio

deitado no relvêdo, a olhar pelas quebradas e cabeços das montanhas. Angelica parava de torcer o fiado e seguia os olhos d'elle.

Ao pardejar da tarde, despediam-se tristes; e ao outro dia encontravam-se como amantes desafogados de longas saudades.

Estava destinado ao mosteiro o filho segundo. Chegou o tempo de noviciar. Não se despediu d'ella; que não pôde.

Aquelles innocentes affectos ninguem os suspeitou. Promettiam acabar na obscuridade do seu nascimento.

Noviciou Thomaz em Tibães. Findo o anno, professou e chamou-se frei Thomaz de S. Placido. De Tibães transferiu-se para S. Miguel de Refojos a estudar humanidades.

O frade era taciturno, triste, pouco estudioso; todavia não se estremava dos seus companheiros em materia de lettras. N'aquelle tempo, 1828 provavelmente, os monges velhos presagiavam destroço na casa do Senhor, e os novos tinham o ouvido collado á terra para escutar o soturno remugir da cratera.

Frei Thomaz escutava e dizia aos da sua edade:

— Felizes os que nasceram ha vinte annos, e gemem captivos n'estes carceres do falso deus. Felizes porque elles serão livres pela Liberdade, filha do Deus verdadeiro, o qual, ha dezenove seculos, mandou á terra um filho plantal-a. A arvore fez-se cruz. Foi por que a liberdade, antes de bater a estas portas, tinha de chorar milhões de victimas crucificadas. Dezenove seculos de lagrimas... Era tempo...

Um dos frades novos delatou estas blasfemias ao prelado. Thomaz foi reprehendido e ameaçado de maior pena.

Desde então, o collegial philosophou em silencio, e odiou os velhos e os novos.

Dois amigos tinha elle: um era um donato, despenseiro do convento. Chamavam-lhe frei João do Soccorro. Vestira a tunica de saragoça e escapulario de estamenha no mosteiro de Refojos para assim viver e acabar sob as telhas em que vivia frei Thomaz, o menino que elle vira nascer. O sexagenario frei João servira cincoenta annos os avós e paes do monge.[1]

Do outro amigo, fallaremos ao diante.

Frei João violaria a regra, se a relaxação da dis-

---

[1] Os donatos ou leigos eram admittidos sem luz alguma de estudo. Alguns nem ler sabiam; e, pelo muito, o convento lhes concedia aprenderem isso e nada mais, salvo algum officio prestadío á communidade. Era-lhes defezo com pesadas penas o ingresso na cella dos monges, exceptuado o caso de serem mandados servir algum frade provecto. Sujeito que tivesse compadres no mundo, ou houvesse promettido casamento, era, pelas constituições da ordem, impedido de ser donato. Corria-lhes obrigação de se confessarem semanalmente. Resavam muito, e por conta, uma hora antes de amanhecer, e jejuavam, como era costume na ordem, hygienicamente para não accumular indigestões. A cama, se a não tinham melhor da que a regra lh'a dava, não ha para que lh'a invejemos: era um enxergão de palha e tres mantas, e «durmam — *diz a Const.* — com um escapulario pequeno cingido.» Parece que os frades costumavam matraquear com chacotas estes pobres alvares, visto que a regra manda castigar os monges *que lhes chamarem nomes e os escandalisarem.* Vej. *Constitutiones monachorum nigrorum* 1629, e *Const. da Ordem de S. Bento,* 1590.

ciplina monastica o não dispensasse de engenhar traças de encontrar-se a miudo com o seu Thomaz. O prelado não lhe ia á mão, attentas as raras virtudes de despenseiro economico e fiel que o donato exercitava.

O velho via o abafado chôro do moço e confrangia-se. Fallava-lhe em céo, em paciencia, em sacrificio. O frade agastava-se. Saía o donato com os olhos humidos, e valia-se do patriarcha S. Bento, pedindo-lhe que reduzisse o seu menino á conformidade e amor do habito.

Frei Thomaz de S. Placido viu um dia Angelica na egreja. Estava elle no côro e ella ajoelhada no altar de Nossa Senhora. Reconheceram-se. O frade saiu do côro e Angelica ficou orando.

Passados minutos voltou elle e já a não viu. A commovida moça tinha saido lavada em lagrimas. As visinhas, que a viram passar de rosto baixo no adro, ficaram dizendo que a Angelica do Picôto dava em beata.

Recolheu se frei Thomaz á cella. Entrou-se de angustias de outra condição mais brava. D'antes reconcentrava-se, padecia, pelejava comsigo mesmo, e saía do seu recolhimento com aspeito sereno e resignado por algumas horas. A dôr nova era um desesperado desasocego, um abafar, uma constricção que o atirava da cadeira ao leito, do leito á janella, aspirando a sorvos o ar que lhe escaldava o sangue.

O leigo encontrou-o assim n'estes transportes de insano. Lançou-se a elle com impetuosa ternura. Rogou, chorou, arrancou-lhe o segredo.

— Vi Angelica! — soluçou o frade — Vi-a... e heide morrer sem tornar a vêl-a!...

Frei João do Soccorro não se espantou. A innocente amizade do estudante á afilhada de seu amo bem na tinha elle suspeitado. Aquella tristeza do noviço em Tibães, onde o servo ía todos os mezes, e perguntar-lhe elle se Angelica ainda lá ia por casa, se o tio brazileiro ainda estava na terra, e outras curiosidades, confirmavam-lhe a desconfiança. Fallar-lhe n'ella, bem o faria o leigo, se escrupulos o não amordaçassem. Contra a paixão peccaminosa do amortalhado moço não ousava tambem frei João invectivar. Seria sarjar-lhe a chaga sem a certeza de cicatrizar o que o tempo não tinha conseguido.

Andava o consternado velho agora indeciso entre calar-se e consolal-o. O silencio não prestava algum beneficio ao seu querido amo; ora, a consolação, como o frade a carecia, encontrava o animo religioso do leigo.

N'este meio tempo, Angelica voltou á egreja do mosteiro e frei Thomaz de S. Placido tornou a vêl-a. Deteve-se já immovel a contemplal-a. Não fugiu á tentação: alheou de si a consciencia de monge, e fitou-lhe uns olhos amorosos, orvalhados de doce alegria como se fôra homem, e dentro do peito sentisse alguma cousa mais sagrada que o habito exterior.

A moça, depois que resou á Virgem de sua devoção, sentou se á espera da missa. A espaços relançava ao côro a vista com recato e a modo de assustada. Deu tento de que a observavam de lá. Reconheceu frei Thomaz algum tanto afastado de dois monges que tambem a lobrigavam por entre o gradeado de madeira. Temia-se d'estes, receosa de que a espiassem. E frei Thomaz, tambem, se elles

o observavam de soslaio, voltava o rosto para não dar suspeitas.

Estes frades, guinando com os olhos entre a guapa rapariga e Thomaz de S. Placido, segredavam e sorriam, como se houvessem dado no disfarce dos dois. O discreto monge, desconfiando que os seus espiões o delatassem, como já haviam feito das expressões blasfemas arguidas pelo dom abbade, saiu do côro e foi espreitar d'outra galeria a moça.

Tinha o frade iman que norteava os olhos de Angelica. Lá o enxergou atravez do rotulo da galeria. Como ella o conheceu! O amor é, além de tudo que está dito, uma coisa que falta dizer: é um telescopio. A saudade dos entes mortos alcança ainda mais pelo infinito dentro. Vêem-se as almas na vialactea: differençam-se as azas brancas de um cherubim da lumieira alvacenta das myriades de estrellas. Dizem-no os poetas. Vem a prosa e desdenha, matraqueando, estes tresvalios da optica. Que sabemos nós, raça de aleijados, d'isso que poetas sabem e vêem?! O cego que negasse a formosura de uma veiga de boninas e a copa de uma floresta banhada de luar far-nos-ia dó. A cegueira do coração não deixa ver senão o que a sciencia infere e a mão apalpa. Dizem por ahi «coração morto»: não é morto; é cego. Eu, quando leio Dante ou Swédemborg, lastimo-me: não vejo, não os entendo; e, todavia, creio. Fé em Deus e fé nos poetas que são, uma ou duas primaveras de sua vida, emanações puras de Deus. Fé, sem esperança de commungar com elles na mesa eucharistica do divino pão. Injuriemol-os, se nos róe a inveja; adoestemol-os por que nos atiram flôres ao nosso lameiral; apupem-se os pallidos videntes que nos esfolham as suas rosas do

céo e tecem dos nossos espinhos a sua grinalda; vá! que é proprio da nossa réles condição. Façamos camaradagem com os dois frades que estavam do canto do côro a espreitar, a cochichar e a rir de frei Thomaz de S. Placido, bem que o monge não dissesse as suas estrophes senão a Deus.

As harmonias do orgão faziam consonancia ás da sua romantica mandóra. Se não fosse o rouquejar de algum frade gosmento, cuja garganta faria fugir Santa Cecilia do céo, frei Thomaz de S. Placido cuidaria que na fumosidade dos incensos iam evoladas duas almas pelo alto caminho da gloria, a buscarem-se no foco luminoso donde tinham caido. Sem embargo dos catharrosos cantores, tres horas de sonho, de poesia, de luz passaram rapidas na arrobada contemplação do frade.

Angelica Florinda foi a ultima mulher que saiu da egreja.

Frei Thomaz tambem então saiu da galeria. Caminhava, como se o espertassem do primeiro somno, ao longo do dormitorio. Perpassou pelo dom abbade sem parar nem inclinar-se na reverente postura das «Constituições». Isto feriu o espirito disciplinar do prelado e foi discutido na residencia abbacial.

III

Os espiões

> Sem amor e caridade, os mosteiros são inferno, e os que n'elles moram são demonios.
>
> FR. FAUSTINO DA MADRE DE DEUS.
> *Florilegio espiritual.*

Os dois frades collegiaes, que andavam sempre malsinando frei Thomaz, eram pontualmente os mesmos espiões do côro. Um chamava-se frei Joaquim do Valle e o outro frei Antonio do Sepulchro. O primeiro era sobrinho do abbade: bajulavam-n'o todos em lisonja do tio. O segundo era filho bastardo do marquez de Ponte do Lima: acatavam-n'o com respeito do sangue, e honra que advinha de tal sujeito á congregação benedictina. Irmanavam-se os dois a primor de bestas consummadas. Andavam como presos e ajoujados pelo tamanho das orelhas. Não se apartavam um do outro senão á hora em que o preceito mandava cada frade a seu cubiculo. De dia, raro iam ao refeitorio. Tinham elles gulo-

sinas nas cellas, onde, derogadas as constituições da ordem, faziam mangedoura commum.

Frei Antonio do Sepulchro, filho de uma fidalga da villa da Barca, recebia semanalmente de sua mãe uma canastra recheada de garrafas de optimo Douro, de fiambre de Melgaço, de frigideiras bracharenses, de lampreias e salmões de Vianna no tempo, de todas as famigeradas comezainas de cada terra. O dom abbade aquinhoava d'estas lambarices e mandava a sua paternal benção á mãe de frei Antonio.

Bem é de intender quanto poderiam com o prelado as insinuações dos dois inimigos de frei Thomaz. A origem d'estas desavenças deram n'a elles, accusando-o de impio e profeta da ruina dos mosteiros. Depois, foi frei Thomaz que lhes accendeu a raiva, despresando-os. Por derradeiro, acerbara-lhes o odio o apparecimento de Angelica, o sentirem-se ambos captivos da estranha lindeza da rapariga, e o verem que ella, á sahida da egreja, estivera no adro conversando com o frade leigo, antigo creado e amigo de frei Thomaz de S. Placido.

Com effeito, frei João do Soccorro, tendo na mente impecer ao progresso da paixão de seu amo, achegou-se de Angelica e brandamente lhe pediu que não viesse ás festividades do mosteiro, se não queria mortificar o pobresinho de frei Thomaz.

Angelica não se fez de novas nem fingiu espantos. Desatou a chorar, escondendo o rosto nas pontas do lenço de seda. Palavras, nem uma nem duas. Ficou intallada, e estugou o passo a fugir dos olhares de muita gente que via o lanço de avisinhar-se d'ella o donato.

Recebeu logo o dom abbade dois avisos a um

tempo; a saber: que uma bella moça de S. Pedro d'Alvite estivera em colloquio amoroso de olhos com o collegial frei Thomaz de S. Placido; e que frei João leigo estivera no terreiro conversando com ella.

Foi o donato chamado á cella do abbade e mandado, em virtude da santa obediencia, declarar o que tinha que dizer á rapariga. Frei João expendeu com lisura de bom homem o que dissera e o fim para quê. Referiu o amor infantil de frei Thomaz á môça, e as saudades que o entristeciam e lhe amarguravam a vida claustral.

O prelado absolveu e elogiou o leigo, recommendando-lhe que aconselhasse o filho de seus amos a não dar escandalo na casa e a ser bem creado com seus superiores e companheiros, se não queria ir mudado para Travanca ou S. Romão de Neiva, onde se amaciavam as asperezas dos indóceis.

O leigo, com os olhos turvos de lagrimas, entrou no cubiculo de frei Thomaz. Encontrou-o no leito, de bruços, com o rosto sobre o travesseiro e as mãos inclavinhadas no alto da cabeça. Chamou-o do umbral da porta. O frade sentou-se de golpe e disse:

— Entre, frei João. Estava ancioso pela sua vinda. Fallou com Angelica... eu vi... Que lhe disse?

— Que não voltasse á nossa egreja — respondeu austeramente o leigo.

— Por que?! — accudiu o frade. — Que interesse tem frei João que ella aqui não venha?! Isso é uma crueldade estupida!... Fez bem!... Agora... sáia d'aqui... e deixe-me!... Que amigo!... Restava-me confiança neste homem que me viu nascer... Até elle se bandeou do lado da minha desgraça!... Pois

que mal lhe fazia que Angelica viesse á egreja?... Responda!

— O mal não m'o fazia a mim... a vossa paternidade muito grande... — respondeu o leigo — Se não fosse ella, o meu amo estava manso e quêdo na casa de Deus.

— Não lhe admitto reflexões parvoas! — interrompeu desabrido o collegial — vá cuidar nas suas obrigações, e faça de conta que me não conhece mais que aos outros frades...

— Senhor frei Thomaz... — tornou choroso e humilde o irmão leigo.

— Apre! — exclamou o monge esmurraçando a banqueta — Aqui n'esta casa não ha senão hypocrisia, ferocidade e estupidez! Casa de Deus... isto! Fóra com a blasphemia! Vejam este homem que se metteu leigo para me ser util e consolar-me n'esta vida cruel! Todos a flagellar-me... e elle mais do que nenhum! Ninguem se attreveu á violencia de mandar Angelica não voltar á egreja! Foi este meu particular amigo que tomou á sua conta executar o tormento que ainda me faltava, sabendo quanto eu era menos desgraçado sómente porque a via! Que perversa caridade foi essa sua, homem! — continuou frei Thomaz tregeitando desabridamente—Quem o mandou prégar moral á rapariga?!

— Ninguem, senhor frei Thomaz... Fui eu, por cuidar que fazia bem cortar a tempo a desgraça... — respondeu o leigo com respeitosa brandura — E Deus tenha misericordia de vossa paternidade, se o côbro que eu quiz pôr na sua paixão não remediar o mal...

— Que mal? — atalhou iracundo o monge — Faltei ás obrigações de frade? Apostatei ou fugi da re-

ligião? Escandalisei alguns d'estes santos que trazem Deus na bocca e o demonio do odio no coração?

— Falle baixo, pelo divino amor de Deus! — acudiu o leigo, achegando-lhe dos labios a mão tremula — Falle baixo, senhor frei Thomaz, que na casa do senhor dom abbade repete-se tudo que vossa paternidade diz...

— Que me faz isso?... — insistiu o desvairado môço — Pois, se me ouvem, que me respondam, já que você não sabe o que hade responder! Digam-me em que tenho offendido as «Constituições» da ordem? Digam-me que fiz eu para andar aqui feito péla atirada dos hypocritas para os idiotas, e dos devassos para os virtuosos que os protegem? Quero saber isto! Quero que me expliquem os privilegios de frei Joaquim do Valle e de frei Antonio do Sepulchro. Por que têm elles banquete na sua cella, dispensa do côro e licenças frequentes de ir a ares? Os espiões são assim galardoados na casa do Senhor? Então vistam-me cá tambem a libré dos servos de satanaz, e corram os ferrolhos d'este carcere que me quero ir lá fóra penitenciar com o sobrinho do abbade e com o filho do marquez de...

— Oh! senhor... — respondeu o leigo affligidissimo — Quer-se perder! quer-se perder!... misericordia, meu Deus!

— Perdido estou! — bradou o frade — perdido para esta vida e para a outra! São dois infernos que eu ganhei sem ter merecido nenhum! E' isto o que meus paes me deram com a existencia!... Se não era mais de agradecer que me estrangulassem no berço! Era eu de mais para viver na casa onde nasci? matassem-me, como se faz aos cachôrros quan-

do a mãe não póde sustental-os todos! Estão aqui abertas estas voragens para engulirem os repulsos, os engeitados do abrigo de seus paes. Não é mais que vestir-lhes uma mortalha e dizer: «morrei para ahi! envelhecei aos vinte annos; sáia-vos o coração pelos olhos desfeito em lagrimas de sangue; a mordaçae-vos, porque Deus não quer victimas que gritem; se tendes fogo na cabeça, atirae com ella á peanha da cruz que é de rocha glacial... morrei para ahi... emquanto vossos irmãos gosam muita vida, a sua, a da esposa, a dos filhos! morrei para ahi, vós, condemnados por Deus que vos fez nascer depois de vossos irmãos!»

A voz do frade subia ao compasso da ira. Aos corredores dos dormitorios ía já saindo das cellas a fradaria espantada, afilando a orelha ao ponto donde soava a toada tragica de frei Thomaz de S. Placido. O leigo assomára tambem a cabeça a espreitar as varandas do claustro; e, como visse já os monges em grupos, retrocedeu espavorido, poz-se em joelhos diante do allucinado collegial e murmurou:

— Menino do meu coração, ouça-me pelas cinco chagas de Jesus Christo! Não diga mais palavra, que eu lhe prometto que Angelica hade voltar á egreja, tantas vezes quantas vossa paternidade quizer. Vou eu mesmo fallar com ella, se for necessario. Estou prompto para tudo, quer a minha consciencia escrupulise, quer não!...

Frei Thomaz levantou nos braços o ancião, estreitou-o ao seio commovido e balbuciou:

— Perdôe-me, por quem é, frei João! Vocemecê não póde intender o amor que eu tenho á pobre Angelica...

— Falle baixo que está ali fóra gente... — interrompeu pressurosamente o leigo.

Thomaz, levado de sua raiva aos escutadores, chegou ao limiar da cella, alongou a vista coriscante na extensão do dormitorio, e viu que os espias mais convisinhos eram frei Antonio do Valle e frei Joaquim do Sepulchro. Ia transpor o humbral com desatinado proposito, quando o leigo o teve pelo habito e tirou dentro a repuchões.

Frei Joaquim, o filho do marquez, voltou-se galhofeiro para o seu amigo e disse:

— Não te pareceu, Valle, que elle fez um gesto de remeçar-se contra nós?!

— E cá o tinhamos, se não o pucham de dentro!... confirmou frei Antonio.

— Oh! que fanfarrão! — gargalhou o frade fidalgo esfregando as costas da mão esquerda com a palma da outra — Então o homem é pimpão, pelos modos!... Quem me dera amansar um d'aquelles touros!...

Frei Thomaz escutava e ouviu a chacota, sem embargo das engenhosas diversões com que o leigo intentava leval-o ao fundo da cella.

Tremia o monge com os cabellos arriçados, e frei João retinha-o em apertado abraço.

Os outros no entanto sairam do dormitorio, casquinando, e entraram á cella do dom abbade, compondo os semblantes hypocritamente.

IV

Perseguição

> Ora vêdes a batalha
> que homem tem em seu estado.
>
> Fr. Jacopone. — *Versão de frei Marcos de Lisboa.*

Frei Thomaz foi chamado á presença do prelado.

— Que algazarra é essa na sua cella? — trovejou o abbade — Esta casa é mosteiro ou taverna? A communidade suppoz que o senhor frei Thomaz estava estudando papel de tragedia. Que declamações eram aquellas, senhor!?

— Queixava-me da minha má fortuna, nosso padre reverendissimo — respondeu humilde o collegial.

— Queixava-se? — replicou o abbade — E eu tambem me queixo da sua douda cabeça e má educação, senhor frei Thomaz! A boa fortuna, que vossa paternidade queria, bem na sabe o convento escandalisado... Pois tenha paciencia. As janellas d'esta

casa não são mirantes de enamorados: percebeu, senhor frade benedictino?... Calo-me por vergonha minha e sua... Outra cousa: o senhor frei Thomaz fez uns rompantes ameaçadores contra alguns companheiros seus?

—Quiz perguntar-lhes com que direito me espiam.

— E com que direito ía vossa paternidade interrogal-os?

— Com o direito do meu pundonor.

— Qual pundonor? — bramiu o prelado, levantando-se inteiriço e vermelho de santa ira — Aqui, a serpe da soberba, disfarçada em pundonor, decepa-se com a espada da obediencia. Leia a Regra de S. Bento, já que basofeia de tão letrado, senhor frei Thomaz... N'uma palavra: valentões cá não nos consinto. Se as forças lhe pedem folia, vá abatel-as no trabalho agricola: tem muito onde as exercite ahi na cêrca do mosteiro. Esta é a segunda admoestação caritativa. Não se fie na minha paciencia, senhor! Á terceira, não darei tambem o escandalo da minha tolerancia...

— Permitta vossa reverendissima — disse o frade serenamente — que eu leve a nota das culpas em que incorri para me saber emendar.

— A ignorancia, se não fosse fingida, seria bruta, senhor frei Thomaz. As suas culpas são das que andam numeradas nos sete peccados capitaes...

— Oh! senhor dom abbade... — atalhou o collegial com ironico espanto.

— E ri-se?! — accudiu o prelado rijamente — Pois este seu despresar os seus condiscipulos que é, se não soberba?

— E' apenas acautellar-me das pessimas manhas

d'elles, desde que me vieram accusar de atheu e impio á presença de vossa reverendissima.

— E o senhor collegial que queria? catechisal-os com as suas doutrinas revolucionarias?

— Não, senhor: queria expender os meus erros afim de que m'os corrigissem caridosamente; não, porém, erros em materia de fé ou disciplina, que não dei azo a que me taxassem de impio ou indisciplinado. Se errei, foi meramente em politica e governo.

— Que tem o senhor frei Thomaz com politicas e governos? — obstou o abbade — Que anda aqui o estudante de philosophia a pespontar de republico, assim a modo de reformador do mundo? Vossa paternidade não sabe que os revolucionarios do Porto são os pedreiros livres? os jacobinos? os inimigos de Deus e do rei? do throno e do altar? Responda a isto!

— Em França, onde os jacobinos se geraram, ha Deus, ha rei, altar e throno — replicou brandamente o collegial, amenisando a contradita com o tom doce das palavras.

— Que vem a dizer na sua?

— Que a mudança nas instituições humanas não póde abalar as virtudes da terra, e ainda menos as cousas divinas. Penso que um zelo indiscreto faz Deus mais pequeno do que elle é.

— Zelo indiscreto o meu?—bradou o prelado crescendo para o frade—A sua audacia é singular! Retire-se á sua cella, donde não sairá sem minha ordem.

Frei Thomaz de S. Placido fez profunda reverencia e saíu.

O abbade limpava as camarinhas do suor.

Que o frade collegial affrontasse Deus, rei e al-

tar, inda vá; atrever-se, porém, a matraquear a discreção do prelado, estorcegando-lhe a unhadas de ironia o amor proprio, era essa uma injuria immemorial, inedita e sobre-horrenda no cenobio de S. Miguel de Refojos.

Corridas duas horas, foi o collegial intimado para ir ao refeitorio, depois que a communidade tivesse saído da mesa.

Frei Thomaz respondeu que muito deveras agradecia ao seu prelado o favor de o separar de semelhantes commensaes. A injuria bateu na cara do convento em cheio. Todos os frades, á excepção de frei Jacintho de Deus, velhinho mui solitario, pediam castigo exemplar. Ninguem, salvo aquelle, perdoava a injuria pelo amor de Deus. A fradaria remechia-se de cella para cella, resmuneando pelos dormitorios e agrupando-se no claustro e cerca, já incitando o prelado a processar o criminoso, já conjurando-se para o accusarem de remisso ao dom abbade geral, residente no mosteiro de Tibães.

O leigo frei João ainda chegou ao limiar da casa abbacial no intento de ajoelhar aos pés do prelado, exhorando o perdão de frei Thomaz de S. Placido; mas faleceu-lhe o animo quando viu, á volta do abbade, muitos dos mais venerandos monges requerendo que se instaurasse processo ao collegial injuriador dos cabellos brancos de seus superiores e mestres. Quedou-se o leigo em pé, defronte da porta, com as mãos sobre o peito e as faces cobertas de lagrimas. Deu tento d'elle o abbade, mandou-o entrar e bradou-lhe asperamente:

— Olhe lá, frei João do Soccorro: quem entrar á cella de frei Thomaz, sem licença minha, é removido ou despedido d'esta casa.

— Pois, nosso padre — disse o leigo inclinado profundamente — licença venho pedir a vossa reverendissima para ir á cella do senhor frei Thomaz.

— Não lh'a dou.

— Peço-a pelas chagas de nosso Senhor Jesus Christo — volveu soluçando o leigo.

— Não lh'a dou! — recalcitrou o abbade — Que lhe quer?

— Aconselhal-o á obediencia, nosso padre.

— Lá tem as Constituições da Ordem Benedictina que o aconselhem: que as leia. Vá em paz, fr. João, e... olhe por si...

O leigo, feita a reverente curvatura, saíu ás recuadas.

V

Um amigo

> Queda-se riendo el demonio de veros errar tan neciamente.
>
> FREI JUAN MARQUEZ — *Los dos estados.*

Foi instaurado o processo. Desde a querella até á sentença condemnatoria, frei Thomaz de S. Placido esteve como preso no seu quarto. Condemnado a seis mezes de prisão, passou a cumpril-os no carcere do mosteiro.

Não é despresivel curiosidade a indagação dos passos de uma causa crime nos tribunaes monasticos. Brevemente se nos apropositará o lanço de nos determos a examinar as peças de outro processo mais funesto para o mal-quisto benedictino.

Seis mezes de carcere, exceptuadas as horas de côro; privação de livros, tirante o breviario e a regra do patriarcha S. Bento; solidão e incommunicabilidade; jejuns quotidianos, e confissão no primeiro domingo de cada mez: eis a sentença.

Frei Thomaz começou a cumpril-a animosamente. Dizia-lhe o confessor frei Jacintho de Deus que se lançasse aos pés do dom abbade, supplicando perdão. O frade respondia:

— Se mereço a pena, sou obrigado a leval-a até onde m'a impozeram; se a não mereço, dever eu á misericordia o que me deve a justiça, não quero.

O aspecto do preso significava conformidade, socego e até contentamento de martyr. Quando entrava no côro, ia de rosto alto, sereno e como a transluzir a interior alegria. Inclinava-se levemente deante do prelado e mais jerarchias do mosteiro. [1] Orava com apparente recolhimento, murmurava os psalmos sonorosamente como se recitasse a prazer versos virgilianos, saía do côro a passo mesurado e descia ao carcere.

Ao segundo mez de prisão, foi-lhe permittida licença de pedir alguns livros para estudo e devocionarios. Frei Thomaz respondeu que sabia o *Padre nosso*, oração composta por Jesus Christo. Que não queria outra sciencia nem outra oração.

Pediu o preso licença para escrever a seu pae. Concedeu-se-lhe condicional: a carta iria aberta á mão do prelado primeiramente. Aceitou o partido o collegial. Escreveu assim: «Meu pae, estou preso «por que não sou bom frade. O carcere não poderá «corrigir os aleijões da minha indole. Serei sempre «mau religioso, e nunca poderei ser bom homem. «Peço-lhe que concorra para a minha saida do con«vento. Em sua casa poderei ser um homem util e

---

[1] Chamavam-se jerarchias, além do dom abbade, o prior, o sub-prior, o mestre de irmãos, os professores, etc.

«respeitador da religião em que fui creado. Aqui, «onde entrei contra-vontade, luctarei sempre con«tra a violencia; e serei, ao mesmo passo, escan«dalo e victima. Jesus Christo não me quer assim, «nem eu posso servil-o dignamente. Seu filho, *Tho«maz d'Aquino.*»

O dom abbade leu a carta aos frades mais auctorisados e pediu conselho. Accordaram em que se deixasse passar ao seu destino, acompanhada de um monge informador.

O pae de Thomaz, lida a carta e ouvidas as informações, entrou n'um quarto, donde o frade informador saiu com esta resposta: «Meu filho. Quem «não serve dignamente o Senhor na sua casa, en«tre santos e respeitaveis ministros, tambem o não «póde servir cá fóra, entre moços contaminados e «corrompidos da podridão d'este seculo. Sei que já «lá te chegou a peste dos inimigos do altar e do «throno. Choro a tua molestia, e fio a cura da pie«dade de Deus e misericordia de teus mestres. «Agora mais preciso é que as suaves leis d'essa ve«neravel Religião te cortem as asas, e te reduzam «á cordura. Ai de ti, se te deixassem voar agora! «Irias direito ao abysmo aonde o demonio leva os «perdidos da tua condição. Com o meu consenti«mento não irás, meu filho. Essas contas não m'as «hade pedir nosso Senhor.

«Humilha-te deante do teu santo prelado, afim «de que elle te dê por acabada a justa punição de «tuas faltas. Sei que o virtuoso dom abbade te per«doará. Depois, não recaias no peccado da sober«ba, que foi o que despenhou os anjos no inferno. «Sem mais. Recebe a minha benção e a de tua mãe. «Teu pae, *Simeão d'Aquino.*»

Lida a resposta, frei Thomaz dobrou a carta lentamente e disse ao confessor que lh'a levára:

— Está bem redigida. Meu pae, n'esta carta, só tem o merecimento de bom copista. Quando elle me escrevia de sua lavra, as expressões eram rus ticas, mas até certo ponto paternaes. N'este palavrorio emprestado revê a dureza hypocrita... de algum dom abbade...

— *Sio!* — sibilou o padre confessor perfilando o indicador com o nariz.

Frei Thomaz surriu-se e murmurou:

— Que me importa a mim espiões? Bem sei que me escutam. A lepra d'elles tresanda de longe. Dou sempre fé quando as duas bestas regaladas do mosteiro se espojam por perto d'este carcere...

E' de saber que frei Jacintho de Deus tinha dó sincero do collegial. Em confissão e fóra d'ella, o trato intimo com o preso afigurára-lhe uma alma, rebelde sim, todavia sem mancha nem culpa de gravidade que precisasse cauterizada por tão fundo. A' rija tempera d'aquelle espirito cuidava o reflectido monge que valeria mais o geito e a caridade a quebrar-lhe as asperezas; ao mesmo passo que as soberbias da intelligencia cumpria dobrarlh'as com armas da rasão, allumiando-lhe as veredas da fé e desfazendo-lhe os argumentos colhidos n'algum livro racionalista dos que por lá estavam mal escondidos na livraria. [1]

[1] Alguns livros francezes do seculo XVIII se tinham derramado pelos mosteiros benedictinos, enviados desde o Grão Pará, pelos annos de 1760, por o bispo D. Frei João de S. José Queiroz, frade da ordem de S. Bento. Possuimos a carta autographa que acompanhava a remessa ao mosteiro de S.

Estas generosas ponderações inclinaram á piedade o animo do velho monge, que a miudo visitava o preso, motivando esta assistencia com razões espirituaes. Por amor de suas advertencias é que o e prelado se amaciára e pendera a dar-lhe alta da culpa, pedindo perdão na presença da communidade offendida. Frei Jacintho de Deus instava ao justo acto de humildade o collegial; e, rebatidos sempre com argumentos de pundonor, não sabia decidir-se entre reprehender-lhe o orgulho, e maravilhar-se tacitamente de tão desusados brios.

A compaixão gerou a estima. Frei Thomaz de S. Placido sentiu-se querido do monge mais grave do seu mosteiro. Recebia-o já com alvoroço, abraçava-o com vehemente transporte, e, só de ver-se olhado com amisade e dó, não podia ter as lagrimas.

O ancião fechava-se com elle. Dava-lhe largas ao desabafo, atalhando-o tão sómente, se a voz alterada pelas commoções do odio podia chegar á cella do dom abbade, mediante os espiões. Debatiam placidamente em controvercia religiosa. Frei Jacintho sabia a summa de S. Thomaz; o collegial saía ao combate com as vidrentas armas da sua razão. Era lucta desigual; todavia tão renhida e de tão incerta victoria, que não seria facil ao auditorio, se os dois o tivessem, decidir qual dos contendedores denotava melhor engenho em baldear a verdade do poço. Por fim de longas e inuteis pelejas, os controver-

---

Bento de Lisboa. Honra, porém, se faça ao cauteloso bispo, que ferventemente recommenda que os livros prohibidos se devem vedar aos espiritos novos e incapazes de os digerirem e remastigarem, sem damno da fé.

sistas apartavam-se. O frade velho saía triste; e o novo ficava, além de triste, oppresso da angustia da duvida, olhando como aterrado para o gôlfão da descrença, á volta do qual havia de regirar os longos annos de sua escura vida de monge.

O condoido confessor, escondendo do dom abbade os sentimentos affectuosos que o alliançavam ao preso, e bem assim a censura á injusta sentença, apenas, como director espiritual d'elle, inculcava ao prelado o bom natural do moço, capaz de virtudes, se a mal-querença lhes não seccasse os embriões, assoprando na alma do collegial desestimado a chamma do odio.

Não quadrava este juizo ao parecer do prelado; todavia, o venerando confessor tinha por si meio seculo de bom frade e juiz previsto das consciencias, não obstante a pêcha de tanto ou quanto jacobino. Por amor, pois, de frei Jacintho de Deus é que o dom abbade se descera da sua severidade e amollecera tanto, que se não contentou com menos de mandar sair do carcere frei Thomaz de S. Placido, sem resalva de perdão pedido em joelhos, nem penitencia leve em commutação da pena.

O collegial, quando um donato lhe levou a boa nova, perguntou:

— Vem para aqui algum preso incommunicavel?

— Não, senhor.

— Então, se não é preciso que eu ceda a casa a outro, deixem-me estar, que já me habituei a isto. Os inimigos não descem até aqui, e folgam de me cá terem. Melhor é que nos não vejamos.

Estomagou-se o abbade com o menosprezo da sua indulgencia. A maioria dos conventuaes votava que se deixasse o insolente prezo acabar a sentença, e

depois fosse removido para outro mosteiro. Contraveio frei Jacintho, patrocinando o collegial. Dizia elle que se acautelassem os bons religiosos de estar com demasias de justiça humana, peorando a condição e genio de um mancebo, que tantos inimigos grangeára com simples imprudencias de sua idade.

Vociferaram os queixosos contra o velho, impedindo a continuação da defeza. Frei Jacintho escutou-os com paciencia de pomba e sorriso de piedosa lastima. Em fim, applacado o falarío irritado dos monges negros, o confessor, voltado ao dom abbade concluiu:

— Razão tem frei Thomaz, está mais com Deus, e menos com os homens, quem se affeiçoou á solidão do seu carcere. Deploremos do coração que um carcere seja o melhor abrigo na casa de S. Bento.

Frei Jacintho, ao outro dia, foi mandado residir no montanhoso mosteiro de Alpendorada. Frei Placido chorou, quando lhe disseram que o piedoso ancião se não despedira d'elle, por que o prelado assim lh'o ordenára sob santa obediencia.

VI

A perola e lustre da casa

> Verdadeiramente religiosos são aquelles que vivem conforme á razão, e não se deixam tyrannisar dos sentidos e das paixões.
>
> P. Jeronimo Alvares.— *Vida do Beato Luiz Gonzaga.*

Cumprida a sentença, frei Thomaz de S. Placido recebeu ordem de preparar-se para, no termo de tres dias, mudar para o convento de Santo Thyrso. O collegial respondeu que dispensava o excedente dé tres quartos de hora: que estava sempre preparado. Redarguiu-lhe o abbade, mediante o prior, que recebesse e não glosasse as ordens. Procedia a delonga de não haver frade que quizesse, sob sua responsabilidade, acompanhar o collegial: é que receiavam que elle projectasse fugir. Alvitrou o prelado que o acompanhassem dois frades. Nem assim. Em honra, porém, da communidade de S. Miguel de Refojos, é justo estremar da nota desairosa de co-

vardia dois monges que se offereceram, cada um per si só, a conduzir frei Thomaz, com os braços inteiros ou quebrados, a Santo Thyrso. Eram frei Antonio do Valle e frei Joaquim do Sepulcro, o filho do marquez de Ponte de Lima. O prelado não condescendeu: um dos valentes era seu sobrinho; o outro era a perola e lustre da casa.

Começava a inquietar-se o dom abbade, quando frei João do Soccorro, o leigo, se lhe foi offerecer para conduzir o filho de seu amo a qualquer parte.

— E frei João affiança-m'o? — disse o prelado.

— Sim, nosso padre reverendissimo; ponto é dizer o senhor frei Placido que vae.

— Veja lá, frei João! Olhe que elle, se fugir, é logo trazido aqui pela justiça, e o irmão leigo é expulso. Convem-lhe a condição?

— Sim, senhor dom abbade.

— Pois vá dar-lhe parte que ámanhã é a saida.

Frei João, privado seis mezes de conversar com o collegial, quando agora o abraçava, rompeu a represa das lagrimas e das expressões cariciativas. O moço consolou-se de ver o seu commovido criado; e, galhofando dos infortunios proprios, forcejava por aquietar os transportes do velho, pasmado e consternado da magreza do seu menino.

— Sabe alguma cousa de Angelica? — perguntou elle ao ouvido do donato.

— Ai! senhor! — murmurou frei João — Tenho muito que lhe contar... Aqui não... A'manhã pelo caminho.

— Pois que é? — atalhou impetuosamente frei Thomaz — Fallou-lhe? Ella sabia que eu estava preso?...

— Não me pergunte nada nesta casa... Eu já me

tinha ido d'aqui, se o menino cá não estivesse...
Tenho sido mortificado pelos dois senhores que tudo mandam....

— Frei Antonio do Valle e...

— O filho do fidalgo... Esteve lá fóra dois mezes com licença... O senhor frei Joaquim chegou a querer roubar Angelica da casa dos paes com uma malta de malvados. Veja que frade!... A'manhã, ámanhã lhe contarei tudo...

Ora, como provavelmente o leigo perde a occasião unica de contar ao enraivecido collegial o rapto malogrado de Angelica, summariemos o que foi, a fim de que a rasoavel curiosidade do leitor não corra os azares da de frei Thomaz.

Passára assim o caso.

Frei Joaquim do Sepulcro fôra apanhado fulminantemente pela formosura da rapariga.

Estas paixões de fateixa, se não andam muito contadas a respeito de monges negros, são sabidas, e por tanta maneira triviaes, que já, nos romances, correm perigo de não darem pagina que preste. De frades, e do effeito dos amores de afogadilho sobre elles é que nos escasseam noticias.

O amor rebentou como posthema na arca do largo peito de frei Joaquim. Qualquer outro collegial, menos afoito dos seus caprichos e menos bajulado á conta de sua origem, ou abafaria a paixão, ou com esperanças a iria alimentando até soar a hora de atirar o monstro fóra do sacrilego seio. Não eram raros os abortos d'esta raça que saíam e devoravam á tripa fôrra. O filho do marquez, porém, escaldadas as arterias de sangue velho, e por isso, á imitação do alcool, mais inflammavel, pediu e obteve logo licença para ir passar uma temporada com sua mãe, na

villa da Barca; mas, antes de ir a sua casa, deteve-se na visinhança da casa do Picôto, hospede d'uma familia aparentada de seu pae.

Viu Angelica, de perto, mais adoravel, mais estimulante. Buscou azo de encontral-a ao alcance das mãos que se attreveram a passar maciamente nas faces da môça. O sitio era deserto, no recosto d'um pinhal, onde a pegureira vigiava o gado. Angelica, mais irada que temerosa do insulto, lançou mão da tamanquinha ferrada e prometteu cambiar com ella as caricias do frade. Sobrava em frei Joaquim amor para perdoar tamanha injuria. Queixou-se da ingratidão, desintalou-se da vergonha, suspirando, e fallou tão ardentes cousas á rapariga, que uma só nos basta para intender a pujança da cubiça libidinosa do monge: promettia-lhe elle annular os votos, e casar, se ella quizesse acompanhal-o para Hespanha e de lá para Roma, onde iriam pedir dispensa ao Padre Santo.

Angelica escutava, fiando serenamente, a parlenda do frade. Se elle, na vehemencia declamatoria, avançava um passo, recuava outro a rapariga, olhando de esconso sobre o calháo mais ageitado para a defeza. Quando frei Joaquim arredondava o periodo com uma pergunta, tal como:

— Angelica! meu bem! por que me não ama, se eu quero fazel-a minha esposa?

A môça respondia:

— Vá-se embora, homem... Deixe me!

Ousou elle, já enfadado e vexado da resistencia, ameaçal-a de nunca mais ver frei Thomaz. Angelica, abraseada em colera, olhou á volta de si e exclamou:

— Estou aqui estou a dar-lhe com uma pedra na

cara. Vá-se com Deus ou com o diabo, e não me appareça mais!

O monge negro balbuciou algumas palavras com affectada paciencia, e retirou-se no seu trajo de taful caçador.

A vergonhosa repulsa não valeu a cicatrisar-lhe a chaga cada hora mais apostemada. Confidenciou aos parentes e socios de suas manhas o exito infausto da tentativa. Disseram-lhe que a moça era inexpugnavel; o mesmo foi hervar-lhe os acicates do amor. O frade raivava: chorar não podia; que as lagrimas não se apuram de sangue empestado por desejos bestiaes.

Lembraram-lhe historias dos seus avoengos — umas historias que as chronicas não contam: raptos, violencias, escaladas ás alcôvas maritaes, deshonras chatinadas com alguns punhados de ouro pirateados na Asia e Africa; emfim, lembrou-se que era raça de Abreus e Limas, recheados de costellas reaes.

Ia já alto o dia da civilisação. Vinham tardias ao filho do marquez as memorias feudaes de seus avós: é que o estupido frade não vira as alvoradas do seculo, saudadas pela revolução de 1820. Lá dentro do mosteiro era ainda noite fechada. Hypocritas, fanaticos e virtuosos tanto sabiam uns como outros da vida nova do seculo. Os ultimos choravam de boa fé, attribuindo aos segundos a catastrofe commmum. Os hypocritas, da laia de frei Joaquim, deploravam a queda do mosteiro, forte e luxuosa alcaçaria onde se acolhiam a seguro os bandoleiros a refocilar-se das enchentes da libertinagem, na qual cada frade se reconhecia não só egual a um homem, senão a dois.

Frei Joaquim gisou um rapto, no estylo do seculo XII; um assalto de servos de gleba com alabardas, uma invasão ao sanctuario da familia, o travar da môça chorosa, assental-a no arção da sella, cingil-a bem aconchegada do peito, e transmontar valles e montes á desfilada. Isto, para frade benedictino, era arrojadiço, e até original nos annaes monasticos da familia de Abreus e Limas.

No qual proposito, foi para casa de sua mãe a ordenar a algára, composta de criados pimpões e façanheiros. Ao mesmo tempo, como a filha de Francisco da Thereza se queixasse do atrevimento do frade fidalgo, alvoraçaram-se os animos do boticario, do escrivão das sizas e do mestre-eschola. O boticario, principalmente, que era liberal e já tinha escripto correspondencias para o *Azemel* de Guimarães, invectivou contra a desmoralisação dos frades, exemplificando-a com o facto de se andar em trajes venatorios um monge bento apalpando Angelica e sollicitando-a com promettimentos absurdos.

A botica constituiu-se atalaia diurna e nocturna donde a honra da môça era vigiada. Conjuraram neste zeloso conluio os tres émulos, como se o defendel-a fosse proveito e honra commum de todos. O lavrador precaviu-se contra algum lanço dos que não eram raros n'aquellas terras, assoberbadas de paços senhoriaes e dissolutos morgados. Maior mêdo lhe incutia o velhaco boticario a ver se o velho se resolvia a dar-lhe a filha ameaçada. Nem assim, porém. A palavra dada ao cunhado brasileiro era inquebrantavel.

Os parentes do frade, visinhos da casa do Picôto, haviam promettido ajudal-o no rapto. Um dos ser-

vos convidados para o assalto, como devesse obrigações ao boticario e lhe soubesse do affecto á rapariga, segredou-lhe o plano dos fidalgos e a noite da escalada. O pharmaceutico reuniu gente animosa, e alapardou-se nas visinhanças da casa, esperando conquistar a môça em premio do heroismo com que ía pôr em perigo sua vida na defeza de Angelica.

A's nove horas d'uma noite de janeiro a jolda acaudilhada pelo frade acercou-se da casa do lavrador. Apenas apearam dos cavallos e se encaminharam para o quinteiro, o sino e a sineta da egreja parochial tocaram a rebate ao compasso da arcabuzeria do bando do boticario, que se desemboscara do matto, em grande algazarra

Frei Joaquim do Sepulcro, aterrado da surpreza, cavalgou e deu voz de retirada aos seus, á redea solta, por aquelles barrocaes.

Ao outro dia, o filho do marquez de Ponte de Lima recolhia-se a S. Miguel de Refojos, no intento de desmentir o boato, se acaso a nova chegasse aos ouvidos do prelado. A noticia chegou, sem duvida. O que não ha é noticia de ser processado o frade.[1]

---

[1] Encontro, á volta com varios papeis que pertenceram ao mosteiro de Tibães a participação d'esta criminosa tentativa de frei Joaquim do Sepulcro. E' o capitão-mór de Cabeceiras de Basto que a remette ao dom abbade geral, fortalecendo-a com depoimento do boticario e de outros lavradores convidados para rebaterem o assalto a casa do Picôto. No verso do papel está escripto : *Devassou-se, e não se esclareceu nada com que se possa ou deva processar o collegial frei Joaquim do Sepulcro.*

VII

Se frei Jacintho seria sancto por que era bom

> Oh ! a quantas pessoas tem a gente por sanctas que diante de Deus são nada ou muito pouco, e quantas pessoas a gente não conhece (e por ventura persegue) que diante de Deus são umas pedras preciosas ! por que o mundo julga do exterior em que não está a virtude nem a santidade ; mas muitas vezes muita hypocrisia.
>
> Padre Rodrigo de Deus — *Motivos espirituaes.*

O que o leigo disse a frei Thomaz d'Aquino foi de sobejo para o enfureçer contra o velho inimigo. Espumava de colera e repelava-se, exclamando:

— E heide sair d'aqui sem vingar-me !...

— Hade, meu menino, hade... — accudia o donato — Não acabe de se perder... Vamos embora na paz do Senhor que perdoou aos seus matadores. Ora vá tomar a benção do prelado e receber a guia para S. Thyrso, que de manhãsinha lá vamos em

busca de socego e alegria. Depois de lá estarmos é que eu heide contar-lhe tudo, se vossa paternidade me prometter que hade ter juiso.

— Frei João cuida que eu heide estar muitos dias no convento?!—interrompeu frei Thomaz.

— Pois então?!

— Se meu pae me não attender, rasgo o contracto de obediencia... faço o que devo fazer... fujo!

— Foge? Jesus, Maria, José!

— Sim, fujo; e, se tornar a vestir este habito... hãode vestil-o n'um cadaver!...

Frei João saiu á porta da cella a espreitar e recuou murmurando anciosamente:

— Cale-se, cale-se, que o escutam!

— Quem?

— Elles... os espiões...

Frei Thomaz, desprendendo-se a repellões dos braços do leigo, saiu ao dormitorio, viu os dois collegiaes, remetteu com elles e rugiu por entre o ranger dos dentes:

— Villissima canalha!

O filho do marquez avançou galhardamente para o provocador e disse:

— Engula a injuria, se não, racho-o de meio a meio!

— Dão-se-lhe quatro biqueiras de sapato...— ajuntou o sobrinho do dom abbade galhofando do insulto.

Frei Thomaz já a este tempo tinha o leigo filado ao habito; não obstante, sacudiu-o com tal carranca e desabrimento que o velho cobrou-lhe medo e afastou-se.

Cruzou o collegial os braços e disse:

— Eu não engulo as verdades que cuspo na cara dos infames.

— Olhe que lhe corto a lingua!—tornou frei Joaquim do Sepulcro.

— E eu vou buscar a thesoura—acrescentou frei Antonio do Valle, correndo á cella.[1]

— Que dois miseraveis covardes!—redarguiu frei Thomaz.

— Covarde eu!—replicou o filho do marquez, correndo tambem para o seu quarto.

Saíam dos cubiculos respectivos os dois frades. O do Valle, ou por chancear ou por intenções sanguinarias, trazia a thesoura de costura; o outro vinha com um varapáo. Frei Thomaz esperou-os immovel.

— Desdiz-se?— Exclamou o do páo com a pancada feita.

— Não me desdigo, seu biltre!—respondeu o collegial.

Desceu o páo. Frei Thomaz moveu a um lado a cabeça e recebeu a bordoada no hombro esquerdo. Entretanto, com a mão direita, escondida no habito, arrancou d'um punhal e cravou-o duas vezes no peito de frei Joaquim. O sobrinho do abbade gritava e fugia. O filho do marquez apalpava-se e despia o habito. Frei Thomaz, alvo como cêra e tremulo, encostara-se a um columnelo da galeria, esperando ver cair morto e ferido.

Revoluteava a fradaria como se o incendio crepitasse nos quatro angulos do edificio. Reboavam clamorosamente os eccos dos dormitorios. O grito es-

---

[1] Textual do processo que tenho presente, e veracissimo tudo que diz respeito a este conflicto.

pavorido era que estava agonisante frei Joaquim do Sepulcro, esfaqueado por frei Thomaz. Os collegiaes, mandados pelo prelado, attacaram, reunidos, o criminoso que lhes não fez leve resistencia. Desceram-n'o ao carcere e prenderam-lhe o pé direito no olhal do cêpo que monasticamente se chamava «tronco».

Ora, as punhaladas tinham sido benignas. O ferido não dava receios.

Dois dias depois, como a causa cabia a superior jurisdicção, frei Thomaz d'Aquino foi enviado a Tibães escoltado por doze milicianos.

Vejamos, agora, os tramites do processo.

Tenho presente o *Auto de devassa e ferimento grave com effusão de sangue entre os irmãos frades collegiaes frei Joaquim do Sepulcro e frei Thomaz de S. Placido*. E' lavrado o auto na cella do dom abbade. O escrivão autôa o que o abbade expõe. O estylo é como cá fóra: principia *Anno do nascimento*, etc. Segue o *Auto de corpo de delicto*. Os peritos que examinam os ferimentos são quatro frades. Dizem que frei Joaquim do Sepulcro *tem duas polegadas abaixo da primeira costella uns golpes de esfarpadella da carne por modo de buracos maiores que de verrumas, os quaes buracos lançam sangue que corre pelo pescoço, porém não varam até ao coração; estas feridas mostram ter sido feitas com ferro algum tanto agudo, pelo que d'ellas se póde conjecturar*, etc. Não se póde negar idoneidade cirurgica aos frades, em vista dos termos facultativos com que elles redigiram o exame. *Aquellas esfarpadellas de carne por modo de buracos maiores que verrumas* não são ferimentos muito vulgares nos hospitaes; o sangue a correr das costellas para o

pescoço, tambem não é trivial: boa razão para que eu, n'uma cousa futil como é a novella, dê que pensar e aprender á cirurgia militar.

Ao auto sobrevem o depoimento das testemunhas. São vinte e tres. Dizem todas harmonicamente que frei Thomaz de S. Placido apunhalou o irmão frei Joaquim do Sepulcro, no proposito de o matar. Nehuma diz que o réo foi primeiro espancado. Algumas acrescentam que o preso tem pessima indole e tendencias revolucionarias, manifestadas em discursos viperinos contra o altar e o throno.

O dom abbade geral recebe o auto em Tibães e despacha d'este theor imaginosamente orthographico e grammatical: *Ovrigam as tt.as desta devaça ao R. Fr. Thomaz de S. Placido o M. R. P. M.* (muito reverendo padre mestre) *Promotor fiscal offreça o libelo acusatorio. D. Abe Geral.* Não se sabe quem as testemunhas obrigam. Devia de ser o promotor fiscal. Tirante grammatica e orthographia, os benedictinos portuguezes eram poços de sapiencia.

Segue-se o *Libello acusatorio* do promotor fiscal.

Começa: *Diz como A. o Promotor Fiscal da Congregação de S. Bento contra o réo o irmão frei Thomaz de S. Placido, collegial philosopho do Mosteiro de Refojos, por esta ou pela melhor via de direito, e sendo necessario.*

Provará 1.º... etc.

E termina: *Protesto por todo o necessario e requeiro seja retido no carcere* ad cautelam *até final sentença.*

Vão os autos conclusos ao geral. Manda o reverendissimo ao réo que contrarie o libello, sendo primeiro notificado para constituir procurador. Frei

Thomaz nomeia seu procurador e defensor frei Jacintho de Deus. O ancião desce do mosteiro de Alpendurada. Dão-lhe os autos para que responda. Entra no carcere, e sente no rosto as lagrimas ardentes do seu pobre amigo.

Frei Thomaz conta-lhe o successo sem quebra da verdade. O monge espanta-se e lastima que as testemunhas da devassa hajam jurado falso. Soluça com o rosto entre as mãos e murmura:

—Isto vae acabar. Deus não nos quer assim. O contagio que apestou o ar saíu dos mosteiros.

Eis a defeza escripta por frei Jacintho de Deus:

O réo frei Thomaz de S. Placido não tem que oppor ao libello acusatorio que contra elle apresenta o M. R. P. Promotor fiscal. Todos os factos n'elle contheudos são substancialmente verdadeiros: outros, que lá não se encontram, basta que Deus os veja. Elle réo confessa os de que é incriminado, e desiste de toda a defesa; e se tiver appellação da sentença recorrerá ao tribunal de Jesus Christo.— Frei Jacintho de Deus.— Frei Thomaz de S. Placido.

Conclusos novamente os autos ao Geral, saíram com a sentença seguinte:

Vistos estes autos offerecidos pelo M. R. P. Procurador fiscal, resposta do réo, etc. Mostra-se que este, esquecido da santidade do seu estado e dos deveres de christão, poz mãos violentas no collegial frei Joaquim do Sepulcro, fazendo-lhe com um punhal duas feridas no peito em que houve effusão de sangue, o que se prova com toda a verdade não só pelas testemunhas da devaça, mas pela publicidade do facto e pela confissão do mesmo réo, que na sua resposta dá por verdadeiros todos os crimes de que é accusado. O que tudo visto, segundo as disposi-

ções do direito commum e particular das nossas Constituições, Christi nomine invocato, *julgamos ao réo incurso nas penas que a mesma Constituição determina em semelhantes casos, e o condemnamos a que o ponham com os pés no tronco até o primeiro dia de capitulo, e d'ahi o tirarão e levarão ao capitulo diante do convento, despido da cinta para cima, deitado o escapulario sobre a carne e dois molhos de varas á maneira de cruz diante de si, e como entrar prostre-se diante do prelado, e sendo d'elle reprehendido, afeando-lhe seu crime e escandalo que deu assim ao convento como a quem o soube, mande a quem lhe parecer que tome um molho d'aquellas varas e lhe dê uma disciplina que a sinta; e d'ali o tornarão ao tronco, e comerá pão e agua sómente, e estará preso um anno; findo o qual, terá por carcere as claustras altas, e se metterá na sua cella sem licença de fallar com nenhum, e andará o derradeiro no convento, e não levantará no côro psalmo, nem antiphona, nem dirá verso, nem terá nenhum officio, nem voto em nenhuma eleição, em quanto o seu prelado, por misericordia, lhe não levantar a pena. E mandamos que esta nossa sentença se publique em plena communidade, e se cumpra como n'ella se contém, ficando guardada no archivo da congregação até á morte do réo. Tibães, 16 de maio de 1829. — D. Abbade Geral.*

Foi lida em communidade e depois ao réo a sentença quasi litteralmente copiada de umas «Constituições» publicadas em 1590, no capitulo XLV, que diz: *Da pena que se ha de dar aos monges fugitivos*, etc.

Frei Thomaz de S. Placido escutou serenamente a sentença, e disse:

— Aggravo do Geral da Congregação para a Providencia divina.

— Isso, meu filho! — accudiu frei Jacintho de Deus que entrára no carcere.

O intimador da sentença saíu. O monge deportado em Alpendurada ficou.

— Que anno vae ser este da minha vida! — murmurou o sentenciado. —Sei que o não levarei ao fim...

— Levarás, pobre mancebo! — atalhou frei Jacintho. — Appelaste para Deus: de lá te hade vir bom despacho. Mandam-me saír ámanhã d'aqui, frei Thomaz. Deixo um leigo encarregado de te dizer o que no tribunal divino correr com o teu processo.

Frei Thomaz encarou no velho com ar desconfiado da sanidade de sua razão. Que vinha a ser um encarregado de dizer-lhe o que passava o seu processo no tribunal divino?

Frei Jacintho intendeu a confusão do preso e disse-lhe:

— Meu filho, não me julgues algum visionario. Se as minhas orações valerem, sairás d'aqui. Não pude defender-te diante do Geral dos bentos; mas deante do escrutador das almas sei eu que as minhas lagrimas hão de ser eloquentes.

— Sairei d'aqui? — exclamou frei Thomaz com alvoroço.

— Saireis todos, bons e máos, padecentes e algozes... todos os que viverem á hora em que as cinzas dos frades mortos em amor e temor de Deus, estremecerem debaixo dos pés affrontosos d'esta geração pestilencial. Saireis todos, e tu primeiro que todos, se Deus inclinar ouvido piedoso ás minhas preces. O mundo não te dará mais venturas

das que te deu o claustro. Infeliz has de sel-o sempre, filho, porque não levas ás tempestades de lá a ancora dos naufragantes — a fé. Vaes nú da sagrada armadura da paciencia aprendida em Jesus e nos seus. A philosophia monta pouco. Ensinamento aprendido de homens é nada, é alardo vão de força d'alma que um revez derruba. Ha uma só philosophia: é a de Christo; e essa mesma suou sangue no horto e queixou-se do desamparo na cruz. Emfim, moço, abraça-me, que eu não tornarei a ver-te. Deixo-te no começo dos trabalhos. Se alguma hora pizares a claustra de Alpendurada, no decurso de tua vida, diz entre ti: «Estas cinzas conheci eu quasi frias n'aquelle frade que se finou dando razão aos revolucionarios que alluiram o mosteiro.» Porque eu, filho, protesto contra teu pae que te metteu os pés nos olhaes d'esse cêpo. O teu punhal é menos criminoso que esse madeiro nas mãos do frade. Os que te condemnaram, quando levantam a hostia, erguem um peor patibulo a Jesus Christo...

VIII

Fuga

> Muitas cousas obram os demonios pela virtude de sua natureza com as quaes nos deixam muy admirados.
>
> FREI JOSÉ DE JESUS MARIA.—*Methodo de exorcisar.*

Um chronista inedito dos «Annaes de Tibães» entre 1770 e 1830, relata dois casos de fugas de frades criminosos e sentenciados a tronco. [1] A historia do primeiro não diz ao nosso particular intento; a do segundo é a noticia da fugida de frei Thomaz de S. Placido.

O frade archivista conta em linguagem chã casos admirativos do poder do demonio, e observa que as legiões infernaes sairam dos abysmos, mais des-

---

[1] Estes «Annaes» são escriptos até 1812 por frei João de Guadelupe; d'este anno em diante escreve-os frei Bernabé de Santa Gertrudes, alvar condigno de succeder ao primeiro chronista.

enfriadas que nunca, ahi por 1820. E d'este desenfreamento limpamente infere frei Bernabé de Santa Gertrudes que é chegado o Anti-Christo.

A tal proposito, impugna o parecer de frei Manuel Homem, dominicano que, em 1643, n'um sucôso discurso, demonstrára que os portuguezes não haviam de acompanhar o Anti-Christo, autorisando-se com os profetas Ezequiel e Daniel, sujeitos que tomaram á sua conta defender os portuguezes de semelhante aleivosia.

Não obstante, frei Bernabé investe contra os profetas e contra o frade de S. Domingos, provando que os pedreiros livres portuguezes suppliciados em 1817 e 1829 eram a guarda avançada do filho do demonio incubo.

No tocante á filiação de Cacodemo ou Anti-Christo, illucida o frade a gente idiota que o presume filho de freira e frade. A mãe, segundo frei Bernabé, hade ser uma desavergonhada, a qual receberá maritalmente do demonio os espiritos generativos, torpe concubito de que hade sair o monstro a escoucear o genero humano, até que o filho de Deus, saindo a cavallo do ceo, desfará os esquadrões do precíto; e, dardejando sobre o Monte Olivete um raio, fulminará o patifão.

Insiste o esclarecido monge em escudrinhar e provar a liga em que os sectarios do Anti-Christo andam preitejados com o diabo. Estabelecido solidamente o principio, malsina frei Thomaz de S. Placido de sectario do Anti-Christo e pactario de Lucifer, pae do mesmo, logrando d'esta arte o chronista explicar racionalmente a fuga sobrenatural do dito frade.

Refere elle, pois, que o energumeno collegial de

Refojos sentenciado a um anno de carcere e tronco, de jejuns e disciplinas, na vespera do dia de capitulo em que havia de ser chibatado, segundo a sentença, desapparecêra do carcere, sem ter saido pela porta nem pelo postigo cujos ferrolhos estavam fechados. Amplia o frade a diabolica magia da fuga, contando que um monge muito espiritual e contemplativo, estando na mesma noute, 15 de junho de 1829, na janella do seu cubiculo adorando os orbes luzentissimos do Senhor que recamavam o ceo, ouvira uma pancada soturna imitante á irrupção de demonio que rompesse a casca do globo, communicando as trevas inferiores com o mundo sub-solar. Remata frei Bernabé escrevendo que ao outro dia o leigo, acostumado a ministrar pão e agua ao preso, fôra á casa do dom abbade geral dar parte de que frei Thomaz não estava no carcere, nem deixara diminuto vestigio de fuga.

Publicado o successo, diz mais o chronista que todos, professos e noviços, desceram ao carcere, localisado na parte quasi subterrea do edificio, indo elle frei Bernabé de sobrepeliz e estolla e o dom abbade com o Sacramento em custodia, segundo o ritual dos exorcismos. [1]

Conjurados os poderes satanicos, espreitaram os recantos do carcere. Algum mais affoito saltou dentro d'um quadrado de cantaria grossa, obra começada cem annos antes para augmentar as prisões, e saiu dizendo que lhe cheirava a enxofre. Choveu

---

[1] E' o que está prescripto no «Brognolo recopilado» por frei José de Jesus Maria, nomeadamente no capit. que diz: *Exorcismo para casas inficionadas com duendes ou perturbadas com apparições de demonios e maleficios.*

agua benzida do hyssope no logar sulfuroso, bem que o Geral e outros, entestando as ventas com a abertura do lôbrego recinto, declararam que lhes não cheirava senão a materias superabundantes em azote. O que era verdade.

Despresando por tolas e difusas as considerações que ao intento escreve o frade, substanciemos o que importa.

Sem embargo de se haver em capitulo decidido que a fuga do preso não era da ordem natural, sairam logo avisos ás justiças circumvisinhas. E, como não surdissem effeito, decorridos mezes, dizia o atilado frade que para elle fôra desnecessaria mais esta prova de que frei Thomaz tinha sido arrebatado em corpo e alma por manhas do Anti-Christo.

Não nos bandiemos na alarvaria dos benedictinos de Tibães. Respeitemos o diabo, que não perdemos nada com isso, visto que tamanhos poderes a christandade lhe attribue; todavia, dispensemol-o de intervir na fuga de frei Thomaz de S. Placido.

A verdade é esta:

Em 1807, o dom abbade geral da congregação de S. Bento, frei Manuel da Conceição, informado de que o invasor Junot, aquartelado em Abrantes, punha a saque as povoações portuguezas, sem resalva dos mosteiros, cuidou em arrecadar as riquezas e ao mesmo tempo minar um caminho por onde os frades, no derradeiro aperto, podessem escapulir-se e sair a seguro com ellas, n'algum bosque afastado do convento. Um donato, que feitorisava a cerca de Tibães, alvitrou o acerto de se abrir um alçapão no lagêdo do segundo carcere principiado, e procurar-se um aqueducto que em eras remotas levava agua ao primitivo mosteiro situado n'uma

baixa do monte de S. Gens, sendo provavel que as obras da canalisação antiga, feita a expensas d'um rei godo, se conservassem ainda solidas e capazes de serventia. O leigo asseverava ter andado mais de cincoenta passos por debaixo de abobadas que não gretavam a menor fenda. [1]

Aproveitou o Geral o bom aviso. Levantou a lage, profundou até encontrar as padieiras convexas do aqueducto, rompeu-as e mandou explorar o transito. O encanamento delongava-se por extensão de quatrocentos passos, e rematava n'um pedregal immaranhado de silvedos e estevas, por onde o ar filtrava escassamente ao subterraneo. O chavascal em que rematava o encanamento, de todo sêcco, pertencia ao mosteiro. O dom abbade, contentissimo do descobrimento, calou-se com o segredo, receioso de que, de portas a dentro, algum frade suspeito de jacobinismo denunciasse aquella segura avenida de refugio de vidas e de riquezas. Ajudado pelo leigo e por mais alguns poucos de sua confiança, desosbstruiu a saída pelo lado do bosque, e desentupiu alguns respiraculos, que recebiam o ar das minas parallelas nos almargens mais baixos da cerca.

As preciosidades do mosteiro e outras alli depositadas pelos cautelosos habitantes de Braga e fi-

---

[1] Do primitivo mosteiro, fundação do rei Theodomiro e S. Martinho de Dume, diz frei Leão de S. Thomaz: «Fundou-se na costa do monte de S. Gens, que vem descendo para a parte do norte, em uma planicie bastante para os edificios d'elle, e cercada toda de um grande arvoredo, que a rodeava por espaço de uma legua, por onde ficava o mosteiro escondido e encoberto aos olhos do mundo, mais do que hoje o emos.» *Benedict. Lusit. Part. 2.ª pag.* 377 *e* 378.

dalguia aldeã dos arredores, mandou o Geral guardal-as no aqueducto, fiando do donato e do prior o segredo.

Os francezes não chegaram os seus rapacissimos griphos a Tibães, em alguma das invasões. A guerra acabou; e os caixões de baixella e ornatos sagrados de oiro e prata voltaram a enriquecer a pompa dos altares e os armarios dos fidalgos minhotos. O alçapão do esconderijo nunca mais se levantou; e dos frades de 1807 apenas existiam dois ou tres em Tibães, e esses mesmos esquecidos ou ignorantes do aqueducto coevo do rei Theodomiro e de S. Martinho de Dume. Vivia, porém, ainda o leigo que ensinuara ao Geral a conveniencia de deslagear o carcere; esse leigo era o conductor da agua e pão a frei Thomaz de S. Placido; vivia tambem o frade, que a occultas da communidade, ajudara a levantar as pedras e correra o encanamento: era frei Jacintho de Deus, o confessor e patrono do collegial algemado ao tronco.

Leigo e frade entre-queriam-se como amigos de infancia e parentes; compartiam das tristezas analogas em ambas as almas; choravam juntos, quando raro se viam, a desolação do mosteiro, e a imputavam á degenerada fé e caridade dos monges e a lucrativa Roma, que abrira seu telonio sobre o sepulcro de Christo, baque irremediavel dos mosteiros.

Frei Jacintho, sondando o animo do leigo a respeito do sentenciado iniquamente, não usou grandes salvas e rodeios. Disse-lhe: E' preciso arrancarmos este moço do supplicio. A sentença é atroz e vergonhosa. Protestemos nós, Manuel. Salvemol-o. Deixemos na memoria d'este desventuroso rapaz

uma lembrança saudosa de dois velhos que ainda vestiram seus habitos sem nodoas.

— Pois salvemol-o,— assentiu frei Manuel da Redempção.

E o monge vindo de Alpendurada, recordou ao donato os communs trabalhos de 1807 no encanamento, e a facil fuga do preso, sem responsabilidade e culpa de outrem.

—Isso foi ha vinte e dois annos, — disse frei Manuel.—Quem nos diz que o aqueducto não está já arruinado?

— Não está. Contava nove seculos quando o examinámos e parecia construido n'aquelle dia. Se, porém, o fugitivo topar embaraço invencivel, retrocederá.

— E chave com que abrir os olhaes do cepo? — perguntou frei Manuel.

— Hei-de eu mandar-t'a da Alpendurada. Tu me darás o molde em pasta de cêra, e eu a mandarei fabricar á nossa aldeia.

— Que grandissimo amor tens a este moço! — observou o donato.

— E' amor á justiça, e compaixão d'aquella pobre alma doente e incapaz de reconhecer Deus nos ministros que o perseguem. Este rapaz não póde ser frade. Praticou a rara virtude de vestir o habito por obedecer ao pae, quando o amor contradictorio d'este outro violento amor de Deus o atava á liberdade, aos praseres innocentes de ser amado, e de crer que a Providencia boa e adoravel era a que lhe enchia de graça a mulher da sua ternura. Porque intendi eu a alma d'este moço?

— Bem sei...—disse o donato.

— Ainda tenho lagrimas... Ainda as sangra o

coração de setenta e oito annos... Não posso ainda... — exclamou elle com tremente excitação — não posso ainda orar por alma de meu pae, que não veja aquella mulher antepor-se ao phantasma do velho e dizer-me: «eu acabei de paixão por ti: resa por minha alma.»

Vencidos os soluços, frei Jacintho proseguiu:

— Thomaz não vê da religião de Christo senão o lado repulsivo que lhe deram os homens. Não tem fé... Tambem eu a não tinha. Quem póde sustentar a fé no inferno onde não ha esperança? E que é isto, senão um opprobrio das almas candidas que entram enganadas n'estas senzalas de hypocritas, que nem a si mesmo curam de enganar-se?... O desgraçado contou-me a sua vida. Medi-lhe o tamanho do seu calix de amargura. Pedi a Deus que lh'o esvasiasse e consentisse que elle o enchesse de lagrimas, a ver se a esperança nascia no seio desabafado com o chorar. Pedi por elle aos máos confederados em perdel-o; criminei os deshumanos oburados pelo fanatismo, admoestei humildemente os hypocritas com as palavras do Divino Mestre... Deportaram-me: foi enorme a vingança, porque me apartaram d'aquelle engeitadinho faminto e nú de consolação. Aqui tens. O desgraçado chamou-me. Para que, se elle não queria defender-se? E por que te não defendes?—perguntei-lhe eu.—Folgo de ser esmagado, disse elle; quero saber se ha Deus, se ha Providencia. Agora é que eu vou experimentar. — E eu quero que elle se convença de que ha Deus, ouviste, Manuel? Quero que o leves fóra dos muros da cêrca, e lhe digas: «D'aqui em diante reconheça e confesse Deus.»

— Será feito o que desejas, disse o donato.

Volvidas semanas, o preso disse a frei Manuel:

— Foge-me a vida: morrerei sem ter visto o poder superior da justiça divina. A iniquidade dos homens é irresponsavel... Não ha Deus.

— Ha. — disse o leigo — Espere.

— A'manhã serei chibatado no capitulo... Cantarei então a *A gloria in excelsis Deo.* — tornou, chasqueando amargamente, o preso.

— Tambem os martyres cantavam — retorquiu o leigo — e padeciam e morriam porque apostolavam a egualdade e a caridade. Não ha ahi morrer mais innocentemente.

— Os martyres injuriavam os deuses do paganismo, e eu curvava a cabeça deante dos idolos dos catholicos. Nunca escarneci os interesses sagrados d'estes faquires; o que fiz foi castigar os deshonradores do mosteiro. E por isso vou ámanhã, nú até á cintura, receber uma disciplina... *que se sinta,* como diz a sentença.

— Não vae: diz frei Jacintho de Deus que não irá.

— Onde está frei Jacintho?!

— Em Alpendurada.

— Que póde elle?

— O poder que Deus lhe dá: a inspiração é a força... Frei Thomaz conhece os arredores de Tibães?

— Conheço.

— Sabe caminho que o leve fóra de Portugal em dois dias?

— Sei. Entrarei em Hespanha sem dormir uma noite em Portugal... Pois eu vou sair d'aqui? — exclamou o frade, pondo as mãos, e esbugalhando os olhos banhados de jubilo. — Deixa-me fugir? E os ferros? Quem me abre as portas?

— Ninguem. As portas não se abrem.

— Quando é?... As portas não se abrem?... Então...

— Esta noute.

O donato abriu os olhaes do tronco, e disse ao frade:

— Frei Jacintho de Deus mandou esta chave. Começa frei Thomaz a conhecer os agentes medianeiros entre a Providencia e os infelizes a quem a sociedade peorou a condição. Siga-me.

O collegial entrou depoz o leigo entre as quatro paredes que serviam de vasadouro do lixo aos encarcerados. Desviou frei Manuel uma rima de lascas e vigas do tecto abatido. Esmoitou a ramaria de malvas que verdejavam acostadas ao muro; desterroou com as unhas até descobrir uma argola; e, sacando de sob o habito uma alçaprema curta, abalou a pedra, sacudindo-a pelas junturas. A cobertura do aqueducto cedeu aos empuchões de frei Thomaz, baldadas as diligencias do donato septagenario.

— Sairá por aqui esta noute; quando eu voltar — disse o leigo — com o pão da ceia heide trazer-lhe uma lampada. Não tema o comprimento da jornada subterranea São seis ou sete minutos de caminho. Eu heide vêl-o descer para assentar a pedra, se passarem dez minutos e frei Thomaz não voltar.

— Voltar! — atalhou o frade com espanto.

— Se o aqueducto estiver aluido?

— Ah! — exclamou frei Thomaz alanciado pela hypothese.

— Não se assuste. Frei Jacintho disse que o transito está livre. Eu creio mais nas visualidades d'elle do que na evidencia que meus olhos vêem e minhas mãos apalpam. Ainda me não perguntou se hade fugir com esse habito de S. Bento...

— E' verdade... como hade ser?

— A' saída do encanamento encontrará um homem, um amigo, encontro de maior preço que o de cem homens apparelhados para o defenderem.

— Um amigo! Dois sei eu que tenho... quem é o terceiro?

— O leigo frei João do Soccorro, que já não é leigo: é o velho creado de seu pae: o João Antonio que aqui vinha chorar quando frei Thomaz noviciou. Aqui voltou chorando agora mais agras lagrimas. E' elle que o espera com os seus antigos vestidos...

— E meu pae?... saberá que eu fujo?

— Não sabe: seu pae... abandonou-o. Não lhe pernoite em casa, que se arrisca a ser reconduzido ao tronco. Adeus. Esta demora póde ser notada. Até á noute. Aqui tem a chave: prenda-se ao cepo. A' hora em que eu houver de entrar esteja ao pé do alçapão.

Conforme o costume, o donato carcereiro abriu a porta, deu entrada a frei Manuel e foi trasfegar com o cosinheiro duas garrafas de vinho, transfusão ordinaria com que os dois seroavam sua meia hora por noute, apimentando as linguas eloquentes com as talhadas de paio que já não cabiam nas cogulas dos abstenios benedictinos.

A meia hora dava tempo a sobras a que frei Thomaz de S. Placido descesse dos braços do leigo ao aqueducto, e o leigo se detivesse quinze minutos com o ouvido collado á bocca do encanamento escutando ò sonoro bater dos pés no pavimento granitico, e enxergando, até de todo se esvair, o clarão froixo da lanterna.

Depois, saiu fóra do carcere, chamou o donato, que respondeu pelo gargalo da garrafa, e disse-lhe:

— Frei Luiz, venha fechar, que preciso ir para cima.

— Ahi vou.

Chegou bolinando o leigo á saleta anterior do carcere, guinou contra a porta, deu as boas noutes para dentro, rodou a chave, e disse com quanta commoção póde dizel-o um estomago cheio:

— Tenho grande compaixão d'este frade! Nem uma pinga lhe deixam beber!...

Este leigo frei Luiz dos Sarafins andava tão privado no conceito do Geral que, no dia seguinte, ao divulgar-se o desaparecimento do preso, nem sequer foi interpellado sobre se tinha a evidencia de o ter deixado no tronco, ao fechar a porta.

Aqui está compendiado o caso que frei Bernabé de Santa Gertrudes relata em quinze paginas de folha, debaixo d'esta epigraphe:

De como um frade pactuado com o demonio foi arrebatado, em corpo e alma, do carcere d'este mosteiro de Tibães, pelo Anti-Christo, na noute de 15 de Junho de 1829.

IX

Como o fugitivo achou Deus

> La soledad siguiendo
> rendido a mi fortuna
> me voy por los caminos que se ofrecen.
>
> Garcilasso de la Vega.

A' bocca insilveirada de uma caverna que os pastores de S. Gens julgavam ser acolheita de lobos, esperava desde o lusco-fusco o velho ex-leigo de S. Miguel de Refojos, guiado alli por entre arvores e penedias pelo donato de Tibães.

Assim que a lampada lhe tremeluziu no negrume cavernoso, e o cavo toar dos passos veiu reboando por sob a abobada, João Antonio começou a desgalhar com uma fouce o tapigo de silvas e azevinhos que se immaranhavam á entrada da tóca. Frei Placido, temeroso do subito estrondo, quedou-se. O velho escutando e não ouvindo os passos nem vendo o clarão da lanterna, metteu dentro da mina a cabeça e bradou n'uma soada que podia atterrar o fugitivo, se elle não estivesse prevenido do encontro:

—Póde vir que eu cá estou!

João Antonio deu a esta innocente chamada um tom ribombante e clangoroso que propriamente lhe esfriou a espinha dorsal a elle.

Surdiu finalmente o frade á bocca da caverna. João Antonio, rompendo o çarçal, abraçou-o pelos joelhos e assim o levou nos braços até o pôr em terra escalvada de sargaços.

—Oh!—exclamou frei Thomaz—que saude e vida eu respiro! que bem me faz este ar!... O céo... ha que tempos eu não vi o céo, sem *amaldiçoar* os homens!...

—Tire o habito,—atalhou o velho.—Agora *não* é occasião de estar n'essas praticas. Vista-se e vamos embora d'aqui. Ás tres horas é dia claro, e nós precisamos estar lá por essa serra da Falpêrra, quando amanhecer. O menino vae para Galiza, não é assim?

—Sei eu dizer-lhe para onde vou, frei João!...

—Não me chame frei João, que eu ja não estou n'essa vida. Sou o João Antonio do tempo do seu avô; sou o João Antonio que creou seu pae *e o* meu menino Thomaz. Vamos a saber: vae para Galiza ou não! Olhe que seu pae não o defende nem recolhe em casa. Os frades fizeram-no mau como as cobras... Está feroz que nem um tigre contra os liberaes... Em que está a pensar?

— Em meu pae,—disse com amargura o frade.—Não o verei mais... E minha mãe tambem me não recolheria?

—Sua mãe manda-lhe a sua benção e esta saquinha de peças. A esta hora está ella a resar para que Deus o guie a salvamento.

—Minha santa mãe!...—murmurou Thomaz.—

E não poderei eu beijar-lhe a mão antes de me desterrar?

— Salve-se, menino, quanto antes, que não póde dar outro prazer a sua mãe.

— E Angelica?! que é feito d'ella? Sabe a minha vida?—perguntou o frade.

— Sabe tudo o que se passou.

— Está solteira?

— Pois não está?! O tio brasileiro chegou ha quinze dias. O pae apromptou os papeis para o casamento, leram-se os banhos tres vezes, e ella desappareceu na vespera do casamento. Procuraram-n'a, e ainda hontem souberam que ella estava a servir no convento de Santa Clara no Porto. Eu já o sabia desde que ella fugiu. O pae partiu hontem para lá a fim de a trazer; mas a rapariga me disse a mim que não saía de lá senão morta. Não ha memoria de um amor assim de rapariga!...

— Se algum dia lhe fallar, diga-lhe que eu não posso ser nada para ella n'este mundo. Peça-lhe que viva, que se case e que me esqueça.

Durante este dialogo, o frade despojara-se do habito e vestira os fatos que despira no primeiro dia de noviço.

Caminharam por fóra dos povoados, ladearam Braga, subiram á Falpêrra e por alli se esconderam durante o dia.

O insuspeito João Antonio descera a uma aldeia a comprar alimentos. Na volta para uma garganta da serra, em que deixara embrenhado seu amo, topou no escuro de um carvalhal quatro homens armados. Considerou-se perdido, ou elles fossem salteadores ou quadrilheiros enviados no encalço do fugitivo frade. Ouviu-se chamar por seu nome.

Maior pavor o senhoreou. Accercou-se d'elles a tremer: reconheceu um cavalheiro de Fafe, condiscipulo de seu amo.

Era um dos muitos liberaes d'aquella terra, perseguidos pelo rancor politico. Elle e tres correligionarios, escapados ao furor da plebe e aos esbirros do corregedor de Guimarães, íam fugindo para Galiza, passando os dias alapados nos fragoedos.

João Antonio contou o seu segredo ao condiscipulo de Thomaz. Correram todos ao escondedouro do frade. Comeram juntos e pactuaram seguirem o mesmo destino até encontrarem o nucleo do exercito liberal.

A' noite, apartaram-se de João Antonio. Thomaz chorou nos braços d'elle e disse soluçante:

— Vá á Alpendurada e diga a frei Jacintho que eu achei Deus, e o confessei com o rosto cheio de lagrimas.

X

O soldado

> Aqui peleja
> Com coração e animo invencivel.
>
> JERONIMO CÔRTE REAL. — *Successo do segundo cerco de Dio.*

Os cinco homisiados vingaram entrar incolumes em Galiza. Entregaram as armas no territorio hespanhol, e seguiram até á Corunha, cantando hymnos ao Senhor por não terem sido assalteados e roubados pelos vassallos de Fernando VII, á semelhança dos portuguezes emigrados, depois da infausta revolução do Porto em 1828.

Da Corunha embarcaram para Falmouth e d'aqui para a Terceira n'uma escuna das que mercadejavam fructa nos Açores.

Thomaz d'Aquino já não levava traço que indiciasse o frade. Encabellara-se-lhe a corôa e saira-lhe um espesso bigode negro. Ganhara côres, robustez e jovialidade. Era um galhardo moço de vinte e tres

annos, com rutilantes olhos, aspirando com soffregas delicias aquelle ambiente acre de polvora, que embriagava de esperança os dois mil e trezentos peitos de bravos defensores do rochedo em que assentava o throno de D. Maria II, rodeado de incertezas e pavores, os quaes quebravam contra os valentes corações como as ondas que lhe espadanavam em volta.

Alistou-se Thomaz d'Aquino na sexta companhia de Voluntarios da Rainha. Poucos dias se ensaiou nos exercios das manobras. A' instrucção dos recrutas n'aquelles dias bastava o enthusiasmo. A disciplina obediencial aos chefes era o amor entranhado ás bandeiras.

A sexta companhia de voluntarios foi uma das que repelliram á bayoneta o inimigo na villa da Praia, no dia 11 d'agosto d'aquelle anno de 1829. Thomaz não se distinguiu; egualou-se aos seus camaradas. Não havia extremar bravos assignalados, onde todos o eram, salvante os que morriam feridos de frente, que esses sobrepujavam a gloria dos vivos.

O voluntario, mero soldado raso, tendo em conta de nada o lustre da linhagem e dotes de espirito, não mostrava, nem as tinha, aspirações a postos, bem que os seus quatro companheiros de emigração o incitassem a requerel-os. Acaso, o seu commandante Manuel Joaquim de Menezes o encontrou em debates sobre assumptos religiosos e politicos com o capellão do regimento, e reparou segunda vez no lettrado que já tinha prendido a attenção na rija refesta da villa da Praia. Então interrogado, Thomaz d'Aquino contou ao commandante o epitome de sua vida, e deixou de si no animo do valente coro-

nel affectuosa vontade de o engrandecer. O general conde de Villa Flor conformou-se com todas as propostas, á medida que a bravura do voluntario se acrisolava nos recontros de Velas, Ursulina, Calheta, e Ladeira da Velha.

Thomaz d'Aquino, quando a expedição libertadora aproou ás praias de Portugal, era já alferes de lanceiros, bem que esta arma dependesse de cavallos, que se haviam de conquistar ainda em Portugal. O frade benedictino escolhera aquella arma por ser a vivaz aspiração que lhe aformoseava os sonhos desde a primeira infancia. O coração a tirar por elle para o escarvar dos esquadrões, e o pae a empurral-o para as psalmodias monasticas! Não obstante a sua promoção, Thomaz d'Aquino trajava ainda a farda lisa de voluntario da rainha e não cedera o seu numero na sexta companhia.

Estão no Porto os amigos do imperador.

Thomaz d'Aquino, assim que uma hora de repouso lhe vagou, ao segundo dia da chegada, perguntou o caminho do convento de Santa Clara. Disseram-lhe que o maior numero de freiras fugira, tirante as amigas da liberdade, e as que, attidas á idade e achaques, confiavam na inviolabilidade de suas virginaes isempções, bem que os frades do pulpito trovejassem que os scelerados pedreiros livres não respeitariam sexos nem idades. Esta segunda parte da profetica ameaça fez exsudar o rubor da castidade entre a pelle e os ossos de muita freira escanifrada a quem já os francezes tinham respeitado.

Chegou o voluntario da rainha á portaria do mosteiro de Santa Clara. Estava a porta fechada, e, no

primeiro andar do convento, por detraz da grade, uma velha com a touca significativa de creada. Perguntou elle se alguem podia descer á portaria para lhe responder a uma pergunta.

A mulher quedou-se alguns segundos a olhar muito fita no soldado, retrahiu-se para o escuro da cella, e deu-lhe com as portadas na cara.

— Vocemecê que queria? — perguntou do outro lanço do convento uma creatura mais affoita, creada talvez de freira constitucional, que tambem as havia, especialmente umas que contavam ser defendidas da incontinencia dos liberaes por adoraraveis impios da mesma satanica seita. — *Sio!* — tornou ella, vendo que o soldado não a ouvira — Vocemecê quem procura?

Thomaz olhou, remirou, affirmou-se e disse de si comsigo:

— Aquella é Angelica!

Avisinhou-se o soldado mais do edificio e respondeu:

— Faz favor de me dizer o seu nome?

A voz de Thomaz não impressionou levemente Angelica Florinda. As más noites do mar e o ardente sol da marcha desde a praia do Mindêlo ao Porto, haviam-no enrouquecido. Escusado é dizer que o bronzeado do rosto e as longas barbas tornavam imperceptivel a minima feição do estudante que a rapariga amara ainda imberbe, palido de cêra, magro e definhado pelos estudos e tristezas do violento destino que os paes lhe prescreviam.

Ora, á môça figurou-se-lhe attrevida a pergunta. Que importava ao soldado saber-lhe o nome? Vontade de o impontar com má resposta não faltou á rapariga; porém, susteve-a o medo de provocar al-

gum insulto ao mosteiro. Indecisa entre dar-lhe ou não dar-lhe com as portas na cara, á imitação da outra serva de Deus, deu tempo Angelica Florinda a que Thomaz lhe dissesse:

—Tu és de S. Pedro de Alvite... Tu és Angelica do Picôto...

—Sou...—disse ella sobresaltada sem atinar com a razão de alvoroçar-se.—Sou a mesma... Donde me conhece vocemecê?!

—Conheço-te desde que me conheço... Triste cousa é que me não reconheças... Ainda não? ainda me não adivinhas, Angelica? Será preciso que eu corte as barbas e vista um habito de frade bento, para que vejas em mim o teu amigo da infancia, aquelle pobre Thomaz...

—Santo Nome de Jesus!...—exclamou a môça forcejando por entremetter a cabeça nas rexas do gradeado.—O senhor parece-me que é elle pela voz... Valha-me a Virgem!... Diga-me se é... diga-m'o em verdade por alma de sua mãe!...

—Então minha mãe é morta?!—perguntou muito commovido Thomaz; e, tirando o lenço do seio da fardeta, limpou os olhos e abafou os soluços. Quando levantou o rosto á grade já não viu Angelica. Passados minutos ouviu o ranger da chave na portaria, e entreviu pelo resquicio das portadas, abertas escassamente, uma servente do pateo que o chamava e o conduziu ao locutorio.

Levava Thomaz o seio trespassado de saudades de sua mãe. A presença de Angelica, muito mais formosa do que a deixara, doúda de jubilo, suffocada de lagrimas, trémula de paixão, nada valeu a desafogal-o da sua angustia. O que elle tinha deante dos olhos embaciados era sua mãe; e, como se es-

tivera só, tirou do seio a saquinha em que ella lhe mandara as peças por João Antonio, e soffregamente a premiu aos labios, beijando-a e lavando-a com lagrimas.

Angelica Florinda comtemplava-o silenciosa e subitamente demudada em triste e affligida.

—Desculpa me,—balbuciou Thomaz.—Perdi minha mãe... e vinha na esperança de a vêr. Oh! como isto é horrivel e irremediavel!... Está morta!... Quando morreu? Ha muito?

—O senhor afflige-se,—tartamudou Angelica.—Não lhe digo nada... Não faltará quem lh'o diga... Se falar com o senhor João Antonio, elle lh'o dirá.

—Diz-m'o tu, Angelica, se o sabes... Dôr maior já eu não sei que a possa haver para mim... Que podes tu dizer-me? Está dito tudo: morreu! Que importa saber quando e por quê?... Diz, Angelica... por quem és...

—Pois, sim... tanto faz... tem de sabel-o. A sua mãezinha morreu de desgosto, quando... valha-me Nossa Senhora... não posso dizer...

—O' Angelica!...—disse maviosamente o soldado—que hesitação é essa?... morreu de desgosto, disseste tu.

—Quando mataram o senhor Simeão d'Aquino...

—Pois mataram meu pae?!—exclamou Thomaz.—O' meu Deus!... meu pae a ninguem tinha feito mal senão a mim... Mataram o meu pobre pae!...

—Está enganado... Fez muito mal a mais alguem... e perdôe-me por lhe dizer isto... Elle era meu padrinho e eu tambem lhe queria como filha; mas o que o senhor João Antonio me contou ahi a chorar n'essa cadeira não podia ser mentira.

— Que foi? diz tudo...

— Meu padrinho era muito amigo do senhor D. Miguel e não podia tragar os amigos do senhor D. Pedro. Ha quatro annos, quando a tropa fugiu para Hespanha, ou lá para onde foi, o senhor Simeão ajuntou uma guerrilha e começou a prender e a bater nos outros que não eram do seu partido, e a jurar contra todos, dizendo, pelos modos, cousas que não eram. O senhor queira desculpar-me, se eu digo o que me disseram...

— Diz, diz tudo, minha amiga.

— A cadeia do Porto estava cheia de pessoas da nossa terra que elle para cá trazia; e, por mais que lhe pedissem as mulheres e os filhinhos dos presos, aquillo era uma alma de pedra, Deus me perdôe. Minha madrinha, que está no céo, botava-se-lhe de joelhos aos pés a pedir-lhe que se deixasse de fazer mal a quem lh'o não fazia, e se mettesse em sua casa. Era o mesmo que nada. Não fazia caso da senhora, a quem as mulheres dos presos íam pedir que lhe valesse aos seus maridos. Meu padrinho andou por toda a parte a gritar que era preciso levantar duas forcas em Basto para acabar com os malhados. Amanhou com isso muitos inimigos, que andavam lá pelos montes a fugir á tropa e á guerrilha do senhor Simeão. Um dia, seu pae e mais os guerrilheiros que andavam com elle encontraram-se com uns fidalgos de Ribeira de Penna que íam pela serra do Ladario a fugir á justiça. Começaram aos tiros uns aos outros, e então meu padrinho morreu atravessado do peito para as costas com um tiro. E vae depois, quando entraram com elle morto por casa dentro sobre uma padiola, sua mãezinha não tugiu nem mugiu. Ajoelhou-se com as

mãos erguidas, esteve assim o tempo d'um credo, e caiu p'ra diante com o rosto no chão, sem dar mais acôrdo de si. Aqui tem a desgraça como foi. O senhor João Antonio é que contava isto, que fazia chorar as pedras. Foi um dia de terror em Alvite! Eu já lá não estava; ainda bem que não vi estes horrores...

Thomaz d'Aquino, esforçando-se por desopprimir o animo atropellado por dois tão inesperados embates, soffreou os soluços, e disse:

— Vim saber de ti, Angelica... Não me esperavas vêr mais...

— Esperava, senhor Thomaz, esperava. Dizia-m'o o coração...

O soldado, abstrahido e como surdo á resposta de Angelica, perguntou com vehemencia:

— E o João Antonio? sabes d'elle, Angelica? tambem morreu?

— Não, senhor; ainda aqui esteve ha quinze dias e me disse que o senhor Thomaz estava na Terceira.

— E quem lh'o tinha dito?!

— Aquelle fradinho de Refojos que foi para Alpendurada, onde elle vae muitas vezes saber novas do senhor frei... Eu ía dizer frei Thomaz; mas o senhor acho que já não é frade... ou é?

— Nem eu sei o que sou... Então frei Jacintho de Deus ainda vive!... Alguem tenho ainda n'este mundo!... Louvada seja a Divina Providencia! E sabes tu se ainda vive um leigo de Tibães?...

— O frade que lhe deu escapúla? Tambem está vivo...

— Resta saber se os verei!... Bem póde ser que eu primeiro acabe por aqui... Se vencermos, pou-

cos dos que viemos hão de vêr a victoria. Viemos para grandes trabalhos, e já agora não ha remedio senão morrerem uns para ajudar os outros a vencer, ou morrermos todos vencidos.

— E' o que toda a gente diz!... — conveio Angelica, muito consternada. — A minha ama é muito apaixonada da rainha, e por isso não quiz fugir do seu convento; mas diz ella que as tropas do senhor D. Pedro vão ficar todas feitas em postas.

— O que Deus houver determinado... E então tu, Angelica... estás bem aqui?...

— Estou... estou a servir... Meu pae deu tudo que tinha a meu irmão e não quiz mais saber de mim... Isso é o mesmo... Deus me não tem faltado com a saude...

— Não seria melhor que tivesses casado com teu tio?—perguntou Thomaz, longe de suppôr que magoava tão dentro do coração a sacrificada môça.

— Seria melhor... seria...—respondeu ella com brandura de lagrimas, generoso esforço com que pensava esconder o seu despeito.

Calaram-se ambos por alguns segundos. Thomaz estava-se como relembrando da sua infancia, e das saudades d'aquella gentil rapariga, no anno de noviciado, e da paixão resurgida em mortaes ancias no mosteiro de Refojos. Admirava-se, talvez, de se estar alli tão outro do que fôra, ou que ella não tivesse poder de lhe divertir a alma das saudades de sua mãe.

Volvidos poucos segundos, tornou elle:

— Seria eu causador da tua pobreza, Angelica? Estás servindo por amor de mim?... e, foi por amor de mim que teu pae deu toda a casa ao outro filho?...

— Não, senhor; eu recebi o recado que o senhor Thomaz me mandou pelo senhor João Antonio... Estava já desenganada ha muito; mas deixe-me estar aqui... por que não mudei de pensamento; hei de ser a mesma até morrer... e oxalá que seja cedo.

— E's tão infeliz que desejas morrer? —redarguiu o professo benedictino, apartando o espirito das dôres que o contorciam.—Não me culpes, Angelica. Bem sabes a minha posição neste mundo. Eu não posso fazer-te senão mal. Professei: fiz os tres votos, que foram bastantes a tolher o futuro do meu coração. Se eu conseguir annulal-os, poderei ainda experimentar os contentamentos do amor honesto e dos affectos immaculados. Se não, hade ser preciso que eu me considere ainda vestido na minha mortalha de frade. Comprehendes-me, Angelica?

Sobejamente o intendia ella. Tres annos de convento, e pratica familiar com senhoras de bom tracto e polido phraseado, eram sobeja illustração á môça para perceber metade das palavras que não adivinhasse com o coração. Sinceramente respondeu ella que o comprehendia; mas, por conta da demasiada perspicacia que tinha adquirido na convivencia de sua ama namoradiça e de outras mui expertas em desfiar enredos amorosos e desleaes, subintendeu ella cousas e intenções que as palavras do alferes de lanceiros não sonegavam.

Por feição que, á pergunta ingenua d'elle, respondeu a formosa de S. Pedro d'Alvite:

— Comprehendo muito bem... O senhor Thomaz esqueceu-se de mim por lá, e faço-lhe agora pena por que não pude esquecer-me. Antes queria acharme casada com o tio brasileiro, em vez de creada

de servir sem outro remedio senão sêl-o sempre, que não tenho legitima nenhuma de que me sustente. Mas não tenha pena, que eu ainda me não arrependi. Aqui, bem estou emquanto me deixarem. Se puzerem a gente na rua, irei com minha ama para onde ella fôr. Um bocado de pão bom é de ganhar, e é quanto faz mingua para viver...

—Estás falando como offendida, Angelica!—interrompeu Thomaz d'Aquino, até certo ponto, diga-se o que é deploravel verdade, lisongeado do agastamento da môça.—Que querias que eu te dissesse? Que situação cuidas tu que é a minha?

Suffocada de soluços, Angelica respondia com a mais tocante expressão das almas apaixonadas. Se os labios em vez de gemidos articulassem vozes, que poderia ella dizer? Que queria ser amada, porque merecia ser recompensada das lagrimas, saudades, mortificações, humilhamentos de creada e privação de recursos ao futuro.

N'este lance, soaram as trombetas a reunir. Thomaz saíu precipitadamente, cortando com um «adeus» o triste dialogo.

O imperador resolvera n'aquelle dia attacar o exercito realista em Villa Nova de Gaia.

Os voluntarios da rainha não aquinhoaram da gloria da columna de Schwalbach; mas, como vissem hasteada a bandeira bicolor no zimborio do convento dos conegos da Serra, a emulação dos bravos fundiu n'um brado commum de esperança.

Os timidos e os desesperados viam alli o anjo da victoria n'aquelle dia. O medo figurava-lhes triumphos com bem pouco dispendio de vidas. As janellas illuminaram-se na noute deste dia; porém,

o enthusiasmo dos cidadãos era para tão pouco e tão pela rama, que, á volta do menor revez, vel-os-hemos enfardear os cabedaes para se tansferirem ao seguro de mais poderoso exercito, ou sotterrarem-se nos reconcavos armazens com os cofres, deixando nas janellas a flammejar o seu «liberalismo» em luminarias e azeite de purgueira. Os filhos e netos d'estes cidadãos cautos e ladinos são uns que, hoje em dia, inflam as bochechas e assopram tufões de patriotismo, blasonando com o seu «paladium e baluarte da liberdade» como se tivessem visto as trincheiras do Porto antes de arrasadas pelas granadas, já quando não se arriscavam a mais que resvalar-lhes o pé no pedregulho.

E' bom que, dobados trinta e cinco annos, comecemos a carrejar achegas para a historia. Não se deixe ir a tradicção vingando levar aos livros serios do futuro umas basofias superlativamente parvoas, que desandam em desprimor e affronta dos que cimentaram com os ossos o baluarte da liberdade portugueza.

Pede-se venia do extravio, e promette-se continuar com os olhos postos no programma de frivolidade, que determina a boa e aceitavel missão d'este escripto.

XI

Refloreceo amor

> Feriste-me, minha querida alma, feriste-me este meu coração, signal certo de vos amar muito, por que coração ferido é fonte manancial de que sempre está correndo amor.
>
> ISIDORO DE BARREIRA. — *Tratado das significações das plantas.*

As rapidas intermittencias de descanço ía passal-as no convento de Santa Clara o alferes de lanceiros. Avivou-se-lhe com a memoria do amor antigo a plenitude de sentimentos affectivos, de saudades e esperanças que n'outros dias o deliciavam e angustiavam. Se segundo affecto houvesse succedido ao primeiro, naturalmente a imagem de Angelica não voltaria á luz em que Thomaz a tinha visto; por que tanto perdem da graça e côr nativa os quadros restaurados, como as imagens desbotadas no ideal pelo atrito de outras que lhes ganharam, aos olhos do versatil amador, a primeira luz.

Thomaz d'Aquino, porém, durante o espaço que demorou nos Açores, ao invez dos seus camaradas quasi todos empenhados, por egual fervor, nas lides marciaes e cupidineas, não procurou nem foi assalteado de impressão, que lhe apagasse da lembrança o idyllio de sua escurentada mocidade. Posto que o tempo, no limar de quatro annos, gastasse da memoria d'elle os relevos da bella rapariga, sem todavia lh'os volver mais ou menos aprimorados em outra, é todavia certo que, depois da terceira visita ao mosteiro, o alferes andava perguntando aos estadistas e legisladores se os votos da profissão monastica seriam annulados, logo que as armas dos livres vingasse arrasar as instituições mais nocivas á liberdade.

Bem é de intender que Thomaz d'Aquino albergava no seio, ainda incontaminado das licenciosidades militares, politicas e civis do tempo, tenções virtuosas a respeito de Angelica Florinda. Ella, de per si, demonstrou quanto podia a felicidade de sentir-se querida: parecia não saber expressões com que mostrar-se grata ao generoso proposito do seu amado. O que de si comsigo Angelica não acreditava até certo tempo era que o frade de S. Miguel de Refojos pudesse ainda ser seu marido, sem enorme ultraje e affronta das leis da egreja catholica. As velhas mais antigas do convento diziam-lhe que nunca se vira semelhante cousa; sua ama, porém, com ter visto menos que as velhas, era de parecer que sim, que podia ainda casar com o frade, visto que passar de monge bento a alferes de lanceiros valia tanto como passar de frade ou alferes solteiro a frade ou alferes casado.

Assentadas estas esperanças no coração dos dois,

já ambos tinham com que rebater os argumentos da virtude, se ella os quizesse impedir n'algum expediente deshonroso. Mas aconteceu —e não ha nada singular no successo—que, estando Thomaz d'Aquino a pensar no grave lance de tirar Angelica do convento, a virtude receada, e receosa talvez, não lhe saíu com argumento importante, que mereça notar-se; e bem assim, com relação á rapariga, deu-se o caso de estar ella vigilantissima sonhando que o seu alferes a convidava a deixar a triste e baixa condição de criada, e não sentiu o rosto mais aquecido que o ordinario, ou por que o rubor do pejo não costuma mostrar-se sem espectadores, ou por que o fogo mais intenso do amor ultrapassou as ardencias do outro. De qualquer das maneiras, Angelica Florinda tomou como agouro feliz este devaneio que a trazia inquieta e mais linda; que, se bem me lembro do que eu via quando tinha que ver, ha uns alvoroços de mulher que dobradamente as aformosentam: é quando ellas, voluntariamente promettidas para o noivado que a religião abençôa, ou para as nupcias da sua escolha que a religião condemna, se contemplam na hora de serem avinculadas a uma outra vida já de antemão espiritualmente duplicada na sua. O jubilo que as estremece e faz palpitar é um febril anceio. Sai-lhe ao rosto alegria que as purpureja; bate-lhe no peito archejante o coração: ha alli doidice feliz e incantadora. E haveis de notar que sobre tudo vos captiva n'essas adoraveis louquinhas umas parecenças e realces de pudor, que ellas entre-mostram, de quem as observa n'aquella donosa quadra! Isto passa tambem, como disse, nas que festejam assim as vesperas [de um desatino. Jubilam por egual com

as outras que vão do altar ao thálamo. Não se estremam nem entendem como é que a estóla e o latim do padre endireita o pendor do instincto pelos caminhos santos, onde o coração só comsigo não póde ir, nem a sociedade consentir que vá.

Isto são questões em que rinhem os sabios de topête suado.

Vamos ao ponto.

Thomaz d'Aquino, ainda fardado e arregimentado em voluntarios da rainha, ás tres da manhã do dia 19 de julho estava em Baltar com o seu regimento debaixo do fogo de guerrilhas. D'aqui marchou sobre Penafiel. Foi encarniçada ahi a peleja. O inimigo fortificara-se no mosteiro benedictino de Bustêllo. Desalojado, fugiu caminho d'Amarante, e fez alto a fim de proteger as bagagens. N'este conflicto, os voluntarios de D. Maria completaram a victoria, carregando e afugentando muito cortadas do ferro e fogo as tropas e guerrilhas. Thomaz foi ferido no peito por uma baioneta: o ferimento era de menor conta; não obstante o curativo tornava-se indispensavel. Diremos de passagem que o ex-monge de S. Bento, ao perpassar por entre os mortos, viu sete frades benedictinos estirados entre a soldadesca. Avisinhou-se e conheceu dois seus companheiros de noviciado em Tibães, os quaes tinham sido enviados ao mosteiro de Bustêllo, e de lá tinham n'aquelle dia sustentado o fogo contra os liberaes, dando um inutil exemplo de bravura. [1]

---

[1] O leitor, se procurar noticia d'estes sete frades, a pag. 497 do vol. 1.º da *Hist. do cerco do Porto*, por Soriano, de certo não a vê. A pag. 102 da *Guerra Civil de Portugal* pelo co-

No dia seguinte, enviou Thomaz d'Aquino um recado a Angelica, dando-lhe aviso de que estava no hospital em curativo de um leve ferimento, e passados dias iria vêl-a.

A moça, recebida a noticia, não irrompeu em lamurias. Respondeu ao portador:

— Eu lá vou vêl-o, logo que puder.

Foi á cella de sua ama, contou-lhe o caso, e despediu-se, promettendo voltar.

No hospital annunciou-se como parenta do ferido. Thomaz saíu a recebel-a fóra da portaria, banhou-lhe as mãos de lagrimas de gratidão de amantissimo prazer, e pediu-lhe que outra vez se recolhesse.

Era um pedido como feito a medo. Angelica respondeu-lhe a chorar; e, afogados os soluços, disse:

— Deixe-me estar fóra do convento em quanto não estiver bom de todo. A minha ama deu-me licença e uma carta para eu estar em casa de umas parentas d'ella.

— E depois? — atalhou Thomaz — voltas para o convento?

— Pois eu... — tartamudou ella.

— Querias ficar, Angelica? Antes querias estar cá fóra?

---

ronel Owen, tambem a não acha. É preciso que alguem defenda o romance da calumnia de inventar sete frades cahidos no campo da batalha. Queira o discreto leitor informar-se com o almirante Carlos Napier, auctor da *Guerra da successão em Portugal,* traduzida lastimavelmente por M. J. P. Codina. Vol. 1.º, pag. 34, diz: «A perda dos miguelistas foi de perto de duzentos mortos e feridos, entre os quaes haviam sete frades.»

— Se eu tivesse a minha legitima, — disse ella — alugava uma casinha, e não voltava a servir.

— Não precisamos de tua legitima para isso...

Elle pensava, concentrado, em quanto a moça parecia querer adivinhar-lhe o segredo, fixando-lhe os olhos brilhantes de esperança e receio.

Thomaz chamou um alferes do 15 de infantaria, ferido tambem, e já seu amigo desde a Terceira.

— A tua casa — perguntou elle — póde receber uma hospeda? tua senhora terá um quarto onde possa estar esta moça, que é minha patricia e hade ser minha mulher, se eu alguma vez puder atirar fóra de mim a costella de frade?

O alferes sorriu-se e disse:

— Para casar com uma menina assim, tirava eu as costellas a todos os frades, entrando as tuas na conta. A minha casa é grande; cama é que lá não ha senão uma. Arranja-se, se não tiveres pret. Minha mulher hade estimar muito uma companheira que hade ser esposa de frei Thomaz de S. Placido, alferes de lanceiros... Olha lá: esta é a tal paixão em que me falaste na Terceira?

— É.

— Tens razão, homem! Quem viu esta linda menina, e pôde consentir que o fizessem frade, merecia que ella o mandasse á fava! Muito boa é, que ainda te procurou, ingrato selvagem!... Ora bem! eu vou mandar chamar minha mulher.

Nadavam em lagrimas de alegria os olhos de Angelica.

O alferes de infantaria saíu da beira d'elles. Thomaz, pegando lhe da mão com meiga vehemencia, perguntou-lhe:

— E ficas, pois, sendo a companheira da minha

vida? Não terás de te arrepender d'este beneficio que trazes a um homem sem parentes, sem affeição alguma que lhe tire aos dias de hoje a negra solidão dos dias passados?... Mas... sabes tu o que é este viver de soldado, de batalha em batalha, exposto a morrer no momento em que mais cara e precisa lhe é a vida?... E, se eu morresse ámanhã, que farias, Angelica? Buscavas outra vez o amparo do teu convento, não é verdade?

— E' conforme... — disse ella.

— Conforme o quê?...

— A gente que quer morrer... morre, — tornou Angelica, limpando as lagrimas e sorrindo.

XII

Adeus!

A donde te partes, dulce mi enemigo!
. . . .
Si es bien que no quieres llevar-me contigo
Mis ojos por eso non habrán de perderte.

D. Francisco Manoel — *Musa de Melodino.*

Angelica Florinda hospedara-se dois dias em casa do amigo de Thomaz d'Aquino, em quanto alugava e alfaiava uma casinha das abarracadas, que se desfizeram no cimento do Circo-bazar-theatro-restaurante-gymnastico-pyrotechnico, chamado em linguagem enxacôca *Palacio de cristal.*

Olhava contra o mar a pequena adufa da casa. Ramalhavam-se sobranceiras as corpolentas faias da quinta, onde Carlos Alberto ermou e achou a morte com todas as tristezas da solidão. Aquelles silencios das sombras innoitecidas está sendo hoje o que é tudo por onde a industria gananciosa edi-

fica seus telonios. As aves fugiram d'ali; a folhagem não rumoreja no chão arrelvado; a agua dos meandros, repuchada em bicas, já não tem a musica e graça alpestres do seu soido. Acabou tudo. A poesia e a meditação, as duas azas da alma desterrada, não reconhecem já o céo onde avoejavam, antes que a fumarada das machinas empestasse as auras, que vinham do oceano ao desdobrar da noite...

Que tristeza tão fóra do ponto vem esta! Se haveria alguem com juizo que sobescrevesse este protesto contra os mercadores do progresso (a coisa diz PROGREDIOR) que desarraigam as arvores para aplainarem terra onde armem suas tendas de bonifrates e cascaveis!

Era, pois, ali a casinha de Florinda Angelica. A modestia, senão pobreza exterior desdizia da limpeza da mobilia. As visinhas pasmavam-se de vêr lustrosas cadeiras e mesas a entrar em casa tão de pobres. Mais as maravilhava de vêr um guapo alferes de lanceiros e senhora tão formosa e secia moradores de tal barraca!

Na proxima habitação vivia o «camarada» do alferes, por elle escolhido entre os bons soldados vindos dos Açores. A mulher do camarada auxiliava Angelica no serviço da sua cosinha. Os recursos medianos do militar, acrescidos com a zelosa economia da sua companheira, abastavam á mediania, sendo mui provavel que o amor lhes doirasse o que era pobreza.

Amar, amavam-se quanto podem almas unidas desde a primeira e virginal aspiração: porém, para a felicidade perfeita, ou ainda imperfeita dos bens d'esta vida, faltava-lhes muito: era a paz, a segu-

rança do dia seguinte, ou, sequer, o descuido de calamitosas eventualidades.

Não podiam illudir-se.

Angelica Florinda, cada vez que Thomaz se despedia, dizendo-lhe «até logo» seguia-o com os olhos cégos de lagrimas. «Quem te diz que o tornarás a vêr?!» batia-lhe no coração esta ameaça do presagio. E elle, voltando sobre ella o derradeiro lance de vista, ennegrecia-se-lhe o coração, e do intimo pedia á divina Providencia que o defendesse da morte.

Parece que Deus lhe escutava a prece. Os acasos não explicam bem ao seguro a felicidade do alferes nos successivos recontros em que arriscou a vida, como se levasse posto o intento em perdel-a heroicamente. Ía e voltava, contente de si, admirado dos seus camaradas, e por sobre tanto motivo de alegria nem levemente ferido. As intercadencias de satisfação eram curtas. Ao soar da trombeta, ao estrondear das granadas, desenlaçavam-se os braços dos entes queridos, esmaiavam os rostos e rebentavam os prantos. Horas depois revezava-se outro instante de felicidade, sempre medido por tão austera disciplina que nunca se viu o alferes Aquino chegar á forma entre os segundos.

Angelica, passado um anno, já saia a receber Thomaz ao voltar da guerra, com um filho nos braços. Desventurosa chegada a do anjo para a vida do soldado! Tomal-a-ia como castigo, se a consciencia o remordesse de algum ingente crime; por que o bravo alferes sentia-se cada dia esmorecer dos impetos e rivalidades, que lhe davam direito a competir com os mais audazes. Era a creança que lhe enervava o hardimento. Acompanhava-o aquella peque-

nina sombra, estentendo-lhe os braços na despedida e balbuciando vozes que pareciam supplicas. Via-o por entre a cerração da polvorada. Alvejava-lhe por de sobre as mós de homens retravados a candida imagem da creança nos braços da mãe posta em joelhos.

Oh! mas as alegrias da volta á casinha da Torre-da-Marca! A mãe a correr esbaforida ao encontro d'elle; e a creancinha entre as duas faces que se beijavam e os corações palpitantes!

Um estranho e talvez reprehensivel pensamento lhe martelava na alma ao pobre pae. Cogitava elle no ferrete de deshonra que lhe infamaria o nome, se sob côr de infermidade se esquivasse á vida militar. A consciencia argumentava, affrontando-lhe a villania do intento. De mais disto, onde iria elle, deposta a espada, ganhar o pão de sua familia? Seu irmão, o morgado, se Thomaz lhe pedisse o seu patrimonio, dir-lhe-ia que o pedisse ao mosteiro para onde o pae lh'o enviara no dia da profissão.

Muito alanceada devia ser a alma que, nos curtos entermeios das batalhas, se deixava senhorear de cogitações tão penosas! Que affligido homem, amante e pae, continuamente a recear a morte, ao mesmo passo que ella, a um tempo, afuzilava de milhares de boccas de espingardas e peças!

Mas, nem assim, chegada a hora de contrapôr a vida ao preço da victoria, dava o alferes Aquino a perceber o terror que lhe enregelava os brios. Lá ía onde os mais attrevidos caíam moribundos. De lá o chamavam á retaguarda os clarins que davam o signal dos vencedores. O coração ía a rojo da honra. O frenesi, com que elle se atirava ás balas mais espessas, parecia um querer finar-se tão rapi-

do que lhe fallecesse subito o conhecimento do trespasse, para não vêr, durante os paroxismos, as imagens de Angelica e do filho.

Coube a Thomaz d'Aquino a sorte, se não a honrosa escolha, de embarcar na expedição de Carlos Napier sobre o Algarve: era elle um dos officiaes do destacamento de lanceiros apeados.

A hora, que precedeu a ultima despedida de Angelica e do filho, foi um longo e espiatorio tormento de delictos grandes, se os havia na vida d'estes infelizes. Amordaçava elle o coração para que a pobre mulher não lhe ouvisse os vaticinios. Apezar do esforço, estas foram as derradeiras palavras que lhe romperam gementes do peito:

—Não torno a ver-te, minha infeliz amiga!... Ai de ti e do meu filho!

XIII

O «adeus» dos valentes

Que nebrina mortifera ou que vento
Murchou a fresca flor de tua idade?

JERONIMO CÔRTE REAL.—*Naufragio.*

Abandonada Lisboa á boa estrella do duque da Terceira, general da expedição, Thomaz d'Aquino, convicto de estar a guerra ultimada pelo covarde desalento dos oitenta mil soldados de D. Miguel, sentiu o jubilo de quem simultaneamente recebe, com as delicias d'uma familia querida, as doçuras da paz e o galardão dos serviços. Conseguiu elle que as suas cartas, juntas ás participações do duque para o Porto, chegassem a Angelica, levando-lhe alegres esperanças da proxima reunião e tranquilla felicidade de suas vidas. Expunha-se a varonil mulher aos azares de ir para Lisboa; mas o receio que lhe incutiam sobre isto, e a opposição de Thomaz d'Aquino sustiveram-na, attida á certeza de que brevemente estaria desempedida de inimigos a

estrada e franca ás familias dos expedicionarios, que quizessem ir para Lisboa.

Com a chegada do imperador a Lisboa, o alferes de lanceiros foi promovido a tenente e condecorado.

A's honras da posição militar, tão galhardamente adquiridas, sobrevinham-lhe as da estima e amisade dos mais valentes do exercito libertador. Um dos seus muito affeiçoados era D. Alexandre de Sousa Coutinho, exemplar dos mais destemidos, cujas façanhas, semelhantes ás de um irmão morto em batalha, pareciam apontar a vingal-o, como se o outro não perdesse a vida contra muitas que a precederam na morte.

D. Alexandre, filho do marquez de Santa Iria, um dos velhos e mais venerandos vultos da pleiade liberal, alliara-se ao voluntario de D. Maria II, desde que, nas proezas arriscadas, o viu a seu lado, ou, separados pela differença das armas e fileiras, como que distanciados, aporfiavam em vêr qual dos dois saía com a gloria de ter morrido.

Quando o duque da Terceira, em 21 d'agosto de 1833, saíu de Lisboa com o fito de inflammar o espirito constitucional dos povos da Extremadura, — espirito que nunca existiu, nem os generaes do imperador, de boa fé, o receberam em conta das suas victorias — o destacamento de lanceiros ía em uma das columnas, e na outra o regimento em que militava D. Alexandre. No lanço de se dispartirem as duas columnas, uma com direcção a Villa Franca, e outra a Torres Vedras, Thomaz d'Aquino, abraçando o amigo, disse-lhe :

— Tinha graça, se não nos tornavamos a vêr, D. Alexandre!... Morrer como Moysés á vista da terra de Canaan!...

— Não penses n'isso, — replicou o filho do marquez de Santa Iria.—Isto é um passeio militar a ares de campo. O general Bourmont vem ahi e nós voltaremos adeante d'elle, a não ter o duque o bom sizo de o não deixar vêr estas imaginarias fortificações de Lisboa. Olha, amigo Thomaz, se nos aguarda ainda occasião de nos despedirmos com a desconfiança de nos não tornarmos a vêr, a occasião não é esta. Ella virá... Muitos pensam que é chegada a hora do descanço... Muitos tem ainda de descançar de todo, se não quizerem vêr as costas ao anjo da Victoria...

De feito, as duas columnas retrocederam adeante do numeroso exercito do marechal Bourmont. Vinte e quatro mil homens, um chefe de nomeada e prestigio, a noticia de uma esquadra russa aproando a Portugal para fazer desalojar D. Dedro; a esperança realentando os milhares de desesperados sobre quem pesava tanto o ferro como a vergonha, eram ainda o respeitavel inimigo que mostrava os seus esquadrões aos postos avançados de D. Pedro.

No dia 5 de setembro, ao repontar da manhã, Bourmont attacava as linhas desde o «Arco do Cego» até ás «Aguas Livres». Uma das tres columnas aggressoras moveu-se sobre «S. Sebastião da Pedreira» descendo até ao reducto da «Atalaia» que defendia a estrada de Campolide.

N'esta conjunctura, Thomaz d'Aquino, a tempo que o seu esquadrão perpassava por caçadores 5, a ir tomar o posto indicado pelo general, acenou com a mão um gesto de «adeus» a D. Alexandre. O bravo official deu tento do acto e disse sorrindo:

— Agora, sim... vale a pena o «adeus»...

—Os realistas, aproveitando os muros e casas con-

tiguas a «S. Sebastião da Pedreira» romperam acobertados por aquelle ponto, e rompendo séteiras, cobriram de balas e cadaveres as linhas. Caçadores 5 abalou das trincheiras á bayoneta calada para desalojar o inimigo, que sustentou o terreno, peito a peito, no jardim e á volta do palacio do marquez de Louriçal. A carnagem foi, n'este ponto, a mais sangrenta que se travou em toda a lucta. «Eu nun«ca vi,—diz o conde de S. Vicente — tão activo fogo «como o de «S. Sebastião» ! A casa ficou inteira«mente crivada de bala rasa e metralha. Desde o «portão até ao jardim onde estava a bateria, o es«pectaculo era d'um horror explendido capaz de sa«tisfazer os *amadores* do genero». [1]

O cadaver de D. Alexandre de Sousa Coutinho, trespassado de bayonetas e balas, estava rodeado de mortos e agonisantes; se alguns eram os seus que o imitaram na bravura, muitissimos eram o avaro preço d'aquella vida. A respeito d'este moço, tão chorado do exercito, escreveu o coronel Owen na sua mescla de palavras e locuções estrangeiras: «D. Alexandre de modo nenhum podia ter sobrevi«vido á campanha, conduzindo-o sempre no fogo seu «enthusiasmo a expôr-se excessivamente, e assim «já tinha sido gravemente ferido no sitio do Porto». [2]

O esquadrão de lanceiros tinha apeado, saltando das trincheiras ás avenidas do jardim juncado de mortos. Thomaz d'Aquino, já ferido de bala no pulso esquerdo, remeçou-se de encontro ao granisar

---

[1] *Guerra da Successão em Portugal.* Tom. 1.º.

[2] *A guerra civil em Portugal, o Sitio do Porto, e a morte de D. Pedro.* Pag. 242.

dos pelouros, dentro do acervo de cadaveres, e reconheceu D. Alexandre. Curvou-se, levantou pelos sovacos o corpo inanimado, chamau-o, ungiu o rosto do sangue d'elle ainda quente e forcejou por tiral-o a rastos até ás trincheiras. N'este comenos, a cavallaria, excitada pelo intrepido e desvairado francez Luiz Larochejaquelin avançava a galope desapoderado contra o fraco reducto da «Atalaia». Deante d'este ponto que o aventureiro sobrinho do general Larochejaquelin encarava como ádito da sua boa fortuna, cumulavam-se cinco regimentos realistas, assanhados e ebrios do sangue com que mais de mil tinham empapado o chão, que alastravam. A artilharia inimiga troava desde o alto de «Palma», cravando as balas onde miravam as pontarias sobranceiras á infantaria e cavallos, que remettiam com insolita bravura aos trincheiramentos mal guarnecidos de artilheiros.

Luiz Larochejaquelin entestava já com o fosso do reducto da «Atalaia», quando o tenente Thomaz d'Aquino assomou na explanada do reducto com a face arregoada de laivos escuros, porque as lagrimas tinham embebido a poeira da polvora, que innevoava o ar.

Thomaz lançou mão da espingarda que um moribundo aferrava ainda. O desatinado francez, quando alguns suppunham que elle ía passar-se aos liberaes, — tão absurdo lhes parecia o comettimento á trincheira — voltou-se para o esquadrão e clamou, apontando com a espada:

— E' por alli!

O esquadrão arrojou-se por sobre o fôsso, e instantaneamente viram cair-lhes o chefe os cavalleiros que não cairam com elle. Thomaz d'Aquino, des-

carregada a espingarda, correu ao encontro dos que ainda tentavam executar o funesto alvitre do seu caudilho.

— Firmeza, rapazes! — exclamava o tenente.

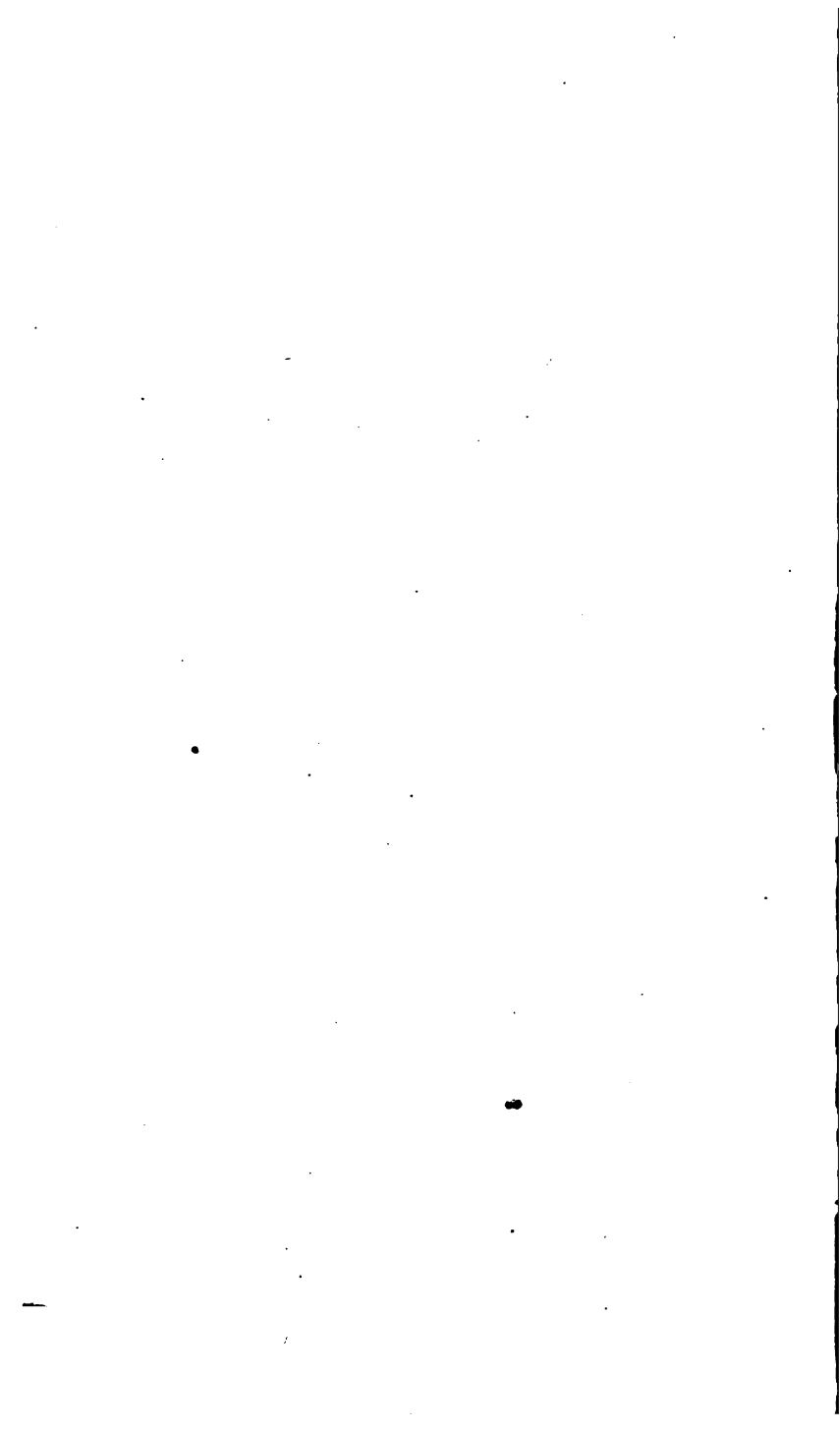
N'este conflito apanhou-o em pleno peito uma balla rasa.

Thomaz d'Aquino foi um dos setenta mortos de 5 de setembro.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

O ULTIMO FRADE

I

Frei Jacintho de Deus

> As casas religiosas foram convertidas em assembléas revolucionarias.
>
> JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR—*Relatorio.*

Os frades benedictinos de S. João de Alpendurada — como quer que soubessem que os do mosteiro de Bostello tinham pegado em armas na defeza do seu convento e alguns tinham morrido entre Penafiel e Amarante — deliberaram imitar os seus irmãos, como filhos que todos eram do mesmo patriarcha S. Bento. Contra a deliberação bellicosa da fradaria de Alpendurada saiu frei Jacintho de Deus, censurando acremente o despejo e ferocidade com que homens de paz, amortalhados, abstraidos de todo ás coisas do seculo e mortos á vingança dos partidos, em vez de sairem com a cruz a pacificar odios entre portuguezes, disparavam arcabuzes dos postigos de suas cellas, baralhavam-se com ho-

mens de sangue; e, já feridos e mortos no campo da batalha, vergonhosamente expunham o habito e provocavam gargalhadas injuriosas á religião.

Conspiraram todas as vozes contra frei Jacintho, chamando-lhe antigo jacobino e moderno malhado. Alguns dos seus contemporaneos, recordaram-se n'esta conjuncção de o terem ouvido bramir contra o povo, que matara em Braga o general Freire, e reprovar que os frades se armassem contra os francezes.

— Que negue se póde! — exclamava um velho abbade já aposentado.—Que diga que não!...

— Digo que sim—respondeu socegadamente frei Jacintho de Deus.—Eu fui quem disse que as constituições de S. Bento nos não facultavam o uso das armas na milicia, quaesquer que fossem os inimigos. O chefe da egreja catholica-apostolica-romana tinha submettido a sua auctoridade á do conquistador; a nós, humildes frades, cumpria-nos ajoelhar deante do Todo-Poderoso, rogando-lhe que aliviasse o genero humano do peso e flagicio dos seus oppressores. Levantei a minha humilde voz na casa capitular de Tibães, quando vi os dormitorios do mosteiro profanados com espingardas, espadas, chuços e facas de dois gumes. Chamei em meu auxilio a regra de S. Bento e as constituições da ordem, por que lá diz o capitulo 47: «que é coisa indecente «ao religioso trazer nem ter armas, nem por via de «recreação de caça nem por se defender; por que «assim hade viver o monge *que não tenha a quem «temer senão a Deus*... [1]» E eu, meus irmãos, sou

---

[1] *Const. da Ord. de S. Bento*, 1590, pag. 149 v.

d'aquelles monges que só temem a Deus, por isso me não armo em defeza de inimigos que não temo. As corôas em perigo de cairem das cabeças, que justa ou injustamente as possuem, lá está quem as sustente por officio e paga que recebe: a nós, soldados de Jesus Christo, armados de paciencia de evangelho e de exemplos de humildade, não incumbe destrinçar enredos e duvidas sobre a legitimidade dos principes.

—Pois ha quem duvide da legitimidade del-rei nosso senhor D. Miguel I?!—ululou o dom abbade por sobre o rugido unisono de quantos frades eram no ajuntamento.—Vossa paternidade ainda duvída?!

—Não argumento sobre legitimidades, reverendissimo senhor,—volveu frei Jacintho sem leve indicio de temeroso.—Não discuto, que não é isso de minha competencia. Sou frade. Estudei e ensinei trinta annos theologias. De republica e politicas sei o que importa para não malbaratar os meus já pesados e ultimos dias com isso. Nada sei nem quero que me ensinem emquanto me não obrigarem a apprender sob tanta obediencia.

—Está claro como a luz do meio dia!—regougou o dom abbade aposentado aos padres mais visinhos, espirrando uns frouxos de riso feroz.—Não ha que vêr! E' um malhado dos quatro costados!...

E, voltando-se para o prelado, continuou á puridade:

—Se vossa reverendissima quer sustentar a sua dignidade, não consinta que o voto d'este frade tenha ingresso nas nossas reuniões. Lanço de prudente será mandal-o recolher á sua cella, ou mudal-o de casa, por que não podemos estar seguros com tal espião entre nós.

— Direi a vossa reverendissima — respondeu o abbade—que o porte d'este frade tem sido exemplar no que respeita ás suas obrigações, e ainda o não ouvimos debater materias de governos politicos; entretanto, eu só por mim não valído a minha opinião: farei o que fôr decidido em communidade.

E, dirigindo-se a frei Jacintho de Deus, ordenou-lhe que se recolhesse á sua cella e não saisse d'ella a intender nas deliberações do mosteiro.

O ancião abaixou a cabeça e disse:

— Meus irmãos, de qualquer deliberação que tomeis, não lavo as mãos, por que sou frade comvosco; mostro-as, porém, a Deus limpas de sangue; e, se alguma vez se manchassem, seria do sangue dos feridos, que eu tentasse curar no campo das batalhas. E, a sairmos do mosteiro, meus irmãos, tão sómente este officio nos iria bem; e de modo que, ao depararem-se-nos feridos um soldado de Miguel e outro soldado de Pedro, os tomassemos ambos um debaixo de cada braço. Jesus Christo ainda vive e reina no espirito de sua lei santissima. O espirito do meu Deus e Senhor manda-me...

— Manda-o bemfazer aos inimigos do altar?—interrompeu bradando o dom abbade aposentado.

— Manda-me ensinar os ignorantes com a persuação das suas divinas lições.

— E se elles não aprenderem?

— Encommendal-os a Deus que lhes faça luz na escuridão da alma.

— E se elles vierem aqui dentro e o trespassarem com as bayonetas? que dirá vossa paternidade? Que faz?

— Perdoar-lhes... e morrer. Christo era Deus e perdoou aos que o trespassaram de cravos, espi-

nhos e lanças. O Justo por excellencia não se defendeu nem consentiu que Pedro arrancasse da espada segunda vez. Como heide eu, indigna lama das sandalias dos justos, defender-me a ferro e fogo? Morra eu innocente, que Deus me chamará a benignas contas. Irei com as mãos puras, e direi: «Vêde-as, Senhor! eu não as puz no ferro que matou. Quando maus homens me acabaram, tinha eu n'estas mãos o vosso estandarte: era a cruz.»

Alguns frades apparentavam de comovidos, se o não estavam de coração. Nas rugosas faces de frei Jacintho, ao proferir as ultimas palavras, derivavam duas lagrimas.

Seguiu-se um breve espaço de silencio. O dom abbade inexoravel dava aos hombros, resmuneando:

— A velhice areou-lhe o juizo... E' tontice dos oitenta annos.

No entanto, frei Jacintho de Deus, obedecendo á ordem que tinha recebido, abordoou-se ao seu cajado e foi a caminho da cella.

A communidade proseguiu a começada discussão sobre sair do convento em demanda do exercito realista, ou acastellar-se n'elle com as guerrilhas levantadas nos seus dominios e esperar o ataque. Prevaleceu o parecer de se conservarem, e sobreveio a corroboral-o a noticia de que as forças liberaes, depois da saida sobre Penafiel, se tinham recolhido ao Porto. Não obstante, o mosteiro, requisitando armas aos seus caseiros, ajuntou muitas variedades d'ellas, desde o bacamarte de bocca de sino até á bayoneta incravada em rijos páos de carvalho, desde o punhal até á foice roçadoura. Além d'isto, preveniu as freguezias circumjacentes, que,

no lanço de ouvirem tocar a rebate os sinos do mosteiro, convergissem logo áquelle ponto, fazendo repetir o toque nas sinetas parochiaes.

Frei Jacintho de Deus lá passava as horas feriadas do côro na sua solidão, escutando em si as praticas da razão com a fé, e tirando do abastardamento do sacerdocio, averso da lei dos martyres, relevantes provas da divindade do seu fundador. Nas suas horas meditativas pensava elle no destino do collegial de S. Miguel de Refojos, e lastimava que o moço lhe não désse alguma nova da sua paragem, posto que elle a soubesse, não por effeito de revelação, mas segundo o natural processo com que succede n'este mundo tudo que intende com homens, optimos e pessimos.

Fôra o caso que um frade de Santa Maria de Pombeiro, mandado recobrar a saude aos ares dos Açores, sua terra natal, soubera que nas fileiras dos liberaes estava um benedictino fugido do carcere de Tibães — successo divulgado pelos expatriados companheiros do frade. — No proposito de reduzir a ovelha tresmalhada ao aprisco dos arrependidos, o monge de Pombeiro procurou Thomaz; e, ao vel-o de farda, correame, bonet e bigode, sem vestigios da sacrosanta corôa, prorompeu em clamores e threnos com tamanha catadupa de lagrimas, que o soldado de voluntarios da rainha não teve mão de uma cascalhada de riso desfechado sacrilegamente na benta cara do monge. Com o quê o pávido declamador saiu corrido e já temeroso de que o precíto o atirasse ás vaias dos impios. Este foi o frade que espalhou na congregação de S. Bento, em Portugal, a noticia de estar na Terceira frei Thomaz, — noticia que não demoveu frei Bernabé, o chronista

de Tibães, de contar á posteridade que o Anti-Christo arrebatará o prezo em corpo e alma.

Muito cogitava frei Jacintho no modo de saber se Thomaz desembarcara no Porto ou acabara nas pelejas dos Açores. Nunca se lhe apropositara o ensejo. Perigoso sería demonstrar vontade de saber novas de um expulso da religião em sequencia de processo instaurado depois da fuga, segundo o determinado no cap. 46 das *Constituições.*

Volvido mais d'anno, no dia 3 de setembro de 1833, dois dias antes da morte de Thomaz d'Aquino, em Lisboa, marcharam do Porto tres columnas, uma das quaes ganhou sem impedimento o territorio decorrido até Penafiel. A tropa e guerrilhas realistas desalojaram d'aquella paragem, debandando desordenadas pelas estradas de Amarante e Canavezes. O maior numero dos que seguiram a segunda direcção derramou-se pelas aldeias circumvisinhas, estendendo o terror e o alarme até ao mosteiro de Alpendurada.

Aparelharam-se os frades para a defeza, salvo frei Jacintho que desceu á egreja, e disse, segundo o costume quotidiano, a sua missa. Depois, ficou posto em joelhos, cumprindo as resas obrigatorias de que os monges aguerridos se deram por dispensados. N'esta posição, recebeu ordem de sair do convento com os demais frades, que recusassem tomar a defensão da casa do Senhor. «Quem não é por nós é contra nós», concluiu axiomaticamente o intimador da ordem prelacial.

Frei Jacintho pegou do breviario e do bordão, foi á residencia do abbade despedir-se dos superiores, e saíu com os seus oitenta annos a dobrar-lhe a espinha por aquellas gandaras abaixo, com a mira

posta na sua aldeia, visinha do Arco de Baulhe, em terra de Basto.

Ao chegar a Penafiel, disse-lhe a gente das aldeias limitrophes que não fosse ávante, que estavam na villa soldados do Porto.

— Deixal-os estar. Que tem os soldados comigo? — disse o monge, e seguiu.

A soldadesca fez grande alarido, quando viu assomar o frade no alto da rua.

Os mais farçolas correram ao encontro d'elle, e empeceram-lhe a passagem. Frei Jacintho quedou-se, e elles involuntariamente suspenderam o tiroteio das chacotas. O aspeito do monge não era de inspirar zombaria, senão respeito.

Sem embargo, um ilhéo de más entranhas pôz a mão no hombro do velho, e bradou-lhe:

— Quem vive?

— Vive vocemecê, vivem os seus camaradas e vivo eu. Agora, quem ámanhã viverá, Deus o sabe, — respondeu frei Jacintho.

— Não pergunto isso, seu burro! — tornou o farcista. — Quem vive? O Miguel ou o senhor D. Pedro?

— Vivem ambos, creio eu, — tornou o monge.

— Tu és malhado ou realista? — perguntou outro já bandeado com o ilhéo no escarneo.

— Sou frade.

— Isso vemos nós, que és, velhote; mas queremos saber que partido tens, que bandeira segues...

— A de Christo.

— Christo era republicano! disse um sargento que tinha emigrado e lido muita tolice phylosophica.

— Christo era filho de Deus, — tornou o monge.

— Fóra lôrpa! exclamou o sargento. — Por essas

e por outras é que nós aqui andamos a escangalhar o despotismo dos frades. Aposto eu que tu ainda pertenceste aos inquisidores?

— Sou do tempo da inquisição; mas não pertenci á ordem de S. Domingos.

— Então que frade és?

— Bento.

— Bento sejaes, larga os atafaes! — gargalhou um soldado puchando-lhe pelo habito.

— Deixa o velho, 22! — disse o sargento. — Para onde ías tu? Naturalmente ías prégar algum sermão contra nós...

— Não, senhor; ia para a minha familia.

— Que livro levas ahi?

— Um breviario.

Um soldado tirou-lhe da mão o livro, abriu-o a meio, desobstruiu as goelas, deu á cabeça tres vezes, e começou a cantar: *Domis vobisco et cum espirituó.* E os outros respondiam em coro com burlesca dissonancia: *Amem.*

— 24! — disse o sargento, — dá o livro ao frade.

— Canta lá tu alguma das chalaças que vocês sabem... — insistiu o 24, pondo o livro aberto á ponta do nariz do frade.

— Nós não cantamos chalaças, — disse com imperturbavel serenidade frei Jacintho.

— Leva rumor! — tornou o sargento. — Vamos levar o velho ao major, e saber se o deixaremos passar.

Caminhou o frade entre a chusma de soldados e paizanos bandeados com a tropa dos liberaes, — a escuma das povoações que suja todos os bandos. Estes eram os mais insultadores. Um gaiato empurrado por outro foi de encontro ao frade e derribou-

o. O sargento deu uma coronhada na cabeça ao rapaz, e frei Jacintho disse:

—Deixe-o, senhor.

Levaram-no e conduziram-no ao pateo do quartel de operações.

O major interrogou-o d'este theor:

—Donde vem?

—De S. João de Alpendurada.

—Para onde vae?

—Para a minha familia.

—Que idéas politicas tem?

—Oitenta annos, senhor.

—Não lhe pergunto a idade...

—Ouvi bem. Respondi de modo differente da pergunta para melhor ser intendido e crido de vossa senhoria. Aos oitenta annos um monge tem uma só idéa: a da morte.

—Muito bem,—tornou o major.—Irá para o Porto. Não queremos cá fóra d'estes santarrões no pulpito. Vae na bagagem; e dá-se lhe licença de alugar burro, se quizer.

—Se vossa senhoria me permitte, escreverei á minha familia e enviarei d'aqui um portador. Não tenho dinheiro; mas pagarei o meu transporte logo que a minha carta seja respondida.

—Eu abono o frade, meu major,—disse o sargento.

Frei Jacintho olhou muito fito no sargento e disse-lhe commovido:

—Possa vossemecê abraçar ainda sua mãe, nos dias da paz.

—Oh! meu velho,—exclamou o sargento, abraçando-o.—Olhe que me tocou no coração, que eu não tenho n'este mundo senão minha mãe e a mi-

nha bandeira. Vá lá escrever a carta, que eu vou arranjar-lhe cavalgadura.

O monge procurou duas casas conhecidas: estavam desertas e fechadas.

Entrou ao acaso n'uma loja, escreveu e diligenciou portador com promessa de generosa retribuição. O portador tirou resalva de que não iria ao Porto com a resposta.

— Não vos peço esse serviço. Entregae a carta e voltae para vossa casa.

Saíu em marcha para o Porto a columna. Frei Jacintho de Deus, cavalgado n'um macho de almocreve com chocalhos, foi durante o caminho o divertimento dos bagageiros e sentinelas. O frade ía resando as suas horas canonicas, e, de cada vez que se benzia, as risadas casquinavam atroadoramente.

Era aquelle o povo christianissimo d'este uberrimo jardim de Roma, regado com o sangue dos infieis. O paiz da Inquisição, dos evangelisadores de Africa e India, dos quinhentos e trinta e sete mosteiros e conventos!

II

Agonia

A afflicção é porta dos reinos do céo.

S. Gregorio.

O tenente general Stubbs não deu o minimo valor ao frade: mandou-o embora depois de lhe perguntar qual era o espirito do povo lá nos sitios donde elle vinha. O monge respondera:

— O povo é do espirito de quem vence.

Dois dias depois um sobrinho de frei Jacintho chegou ao Porto a procurar seu tio, que o esperava no mosteiro de S. Bento, onde alguns frades liberaes o receberam e abasteceram do necessario.

O sobrinho entregou-lhe o dinheiro pedido, e logo o frade foi em busca do sargento a pagar e agradecer-lhe a caridade de lhe abonar a cavalgadura, e defendel-o das malfeitorias da populaça de Penafiel.

O official inferior deu ansa a que o frade o convidasse a auxilial-o no descobrimento d'um soldado do exercito liberal.

—...Chamava-se elle Thomaz d'Aquino — disse o frade — e pegou em armas na Terceira.

— Se conheço!—acudiu o sargento—foi dos meus amigos, e saiu na expedição do Algarve, já promovido alferes de lanceiros. É dos mais valentes officiaes que por cá temos. Assim que entrou em Lisboa o imperador, sahiu elle tenente e condecorado. Até sei onde mora uma rapariga linda, linda, meu padre, como as estrellas, de quem elle tem um filho... da rapariga, quero dízer, e não das estrellas, olhe se me intende... Chama-se ella Angelica...

— Angelica...— murmurou frei Jacintho — bem sei... Era destino... destino! — repetiu elle, sorrindo.—Não ha destinos... Ha o arbitro do bem e do mal... Mas o que é bem e o que é mal?... Até que ponto é o homem de si mesmo? Onde principia e onde acaba a responsabilidade?...

— Que está ahi a matutar, meu velho?—atalhou o sargento.—Falla comigo ou com quem é?... O senhor conhece o Thomaz?

— Conheço e tenho-lhe grande affecto. Entendi sempre que morria sem o vêr...

— Elle não morreu ainda, homem dos meus peccados! A guerra está acabada. Isto agora vae a pontapés. Quem havia de morrer já lá vae. Agora toca-se o hymno da victoria, e quem puder pilhar que pilhe. Olhe, reverendissimo senhor, eu sem grosso dinheiro, não torno a emigrar. Fome na Inglaterra, fome nos Açores, fome no Porto... e afinal... sargento de infantaria... farelorio, meu povo! E' verdade: o senhor frei Jacintho quer saber onde mora a tal Angelica e mais o filhito do Thomaz? Eu vou lá comsigo. Ainda lá estive ha quinze dias, que lhe fui levar dez mil réis de mando do meu capitão, que

é muito amigo do Thomaz. A môça chora que se derrama de saudades. Olhe cá: o Thomaz foi padre ou frade, ou que diabo foi?

— Foi professo de S. Bento; mas não tem ordens sacras.

— Mas não póde casar?

— Não sei o que as leis novas decidirão. D'antes, quem tivesse feito voto de castidade não podia contrahir o sacramento do matrimonio.

— Voto de castidade!—exclamou a rir o sargento.— Que é cá n'este mundo voto de castidade! Ora o patusco do fradinho está a cassoar com a gente! E o senhor tambem fez voto de castidade, eim?

— Sim, senhor.

— E quantos filhos tem, ó meu frei Jacintho? Diga a verdade se não, não somos amigos...

— Tenho alguns filhos do coração, e um sereis vós, se o quizerdes ser, môço; mas não haveis de dar tantas largas ao vosso genio folgasão. Sêde serio, quando cumpre, e gracejae a proposito, que tudo tem sua quadra. Dizei-me agora com juiso: ireis ensinar-me ámanhã a morada de Angelica, se tiverdes uma entreaberta no serviço, sim?

— A's suas ordens, se o diabo do Stubbs nos não mandar fazer alguma parvoice militar fóra das trincheiras! Deixaram-nos aqui este velho asneirão, que tem nas veias agua chilra quando as não tem a estoirar de vinho do Porto. Este palerma, qualquer hora, faz cancaburrada bravia! Estão ahi brigadeiros portuguezes, dez vezes feridos na cara, debaixo do commando d'um trôpego, que ainda não fez cousa por que merecesse comer de meias a forragem com o cavallo!... Raios o partam! D. Pedro tem meia cabeça de heroe; mas metade da cabeça e do

pescoço para baixo vive por conta da caterva que o rodeia... Quer que eu lhe conte, padre, aqui em segredo, como se explica a nossa vinda a Portugal?... Quer saber como nos levava o diabo no exilio, se não fosse...

O sargento foi embargado nas suas revelações pelo toque a reunir.

No dia seguinte, 8 de setembro, frei Jacintho de Deus procurou o sargento, a fim de lhe ensinar a residencia de Angelica.

— Triste nova! — exclamou o militar, quando o viu. — Adivinhou, frei Jacintho!...

— Adivinhei?! o que?

— Adivinhou... Não me disse hontem que não tornaria a vêr Thomaz d'Aquino?

— Pois!...

— Morreu no dia 5! Agora mesmo vi a relação dos principaes que morreram nas trincheiras. Lá vae um bravo official!... E ella? a pobre mulher com o filho! Como hade ser isto! Em ella o sabendo!...

— Não lh'o digaes por em quanto... Deixae-me pensar...— atalhou o monge descaindo a barba sobre o seio. — Parece que tenho sobre o coração o peso d'um cadaver... Até que ponto fui eu culpado na sorte d'este homem, Deus meu? Julgae-me pelas intenções, senhor!... Elle dizia que não existieis, nem justiça, nem providencia! Eu quiz que elle vos reconhecesse, fóra do seu inferno, e n'alguma hora de contentamento vos confessasse creador dos praseres, que geram na alma sentimentos de gratidão!...

— Que está ahi dizendo, frei Jacintho?— interrompeu o sargento.— O senhor foi quem o mandou alistar-se á Terceira?

— Não. Abri-lhe as portas do carcere d'um convento...

— Fez muito bem. Deu um grande soldado á causa da liberdade! O imperador devia dar-lhe um premio, frei Jacintho... Mas a triste mulher!... Saberá ella já?

— Vamos agora vêl-a, — disse o monge — ou dizei-me onde é, que eu irei sósinho.

— Não posso acompanhal-o que tenho revista. Procure-a na «Torre da Marca» n'umas casas baixas á sua mão direita, como quem vae para um pedregulho que deita sobre a estrada da Foz.

— Irei perguntando. Fazei-me a graça de avisar os conhecidos de Angelica para que não lh'o digam, se ainda é tempo.

O monge tinha visto Angelica na egreja de Refojos. Lembrava-se das feições que impressionavam aquelles filhos de S. Bento, que se não julgavam jarretados no orgão da admiração artistica. Demais d'isto, Angelica Forinda tinha sido dois annos sua confessada e lhe deixara na memoria lembranças de sua innocente vida.

— Póde ser que eu a reconheça... — ía dizendo entre si o frade, quando avistou, com a face encostada á palma da mão, por dentro de uma vidraça, com os olhos no mar, uma mulher que ajustava ás suas reminiscencias.

Visinhou da janella e cortejou a. Angelica ergueu-se e saíu á porta.

— Sois de S. Pedro d'Alvite? — perguntou o frade.

— E vossa paternidade é o senhor frei Jacintho de Deus, — disse ella, beijando-lhe a mão, e levando-o para dentro.

— Claro é que me não achaes differença, filha. Na minha idade, a fouce do tempo não tem já que roçar. Ha dez annos que não tenho nada que o tempo desfaça. Este restinho de vida pertence aos vermes. Ora, pois, dae-me novas vossas.

— Eu... estou... — balbuciou Angelica Florinda córando.

— Bem sei que estaes aqui e mais o vosso menino... Deixae-m'o vêr.

— Está na casa visinha com a ama que o cria.

— Não o criastes vós? por que?!

— Faltou-me o leite.

— Deixae-me vêr o pequenino... Como se chama?

— Jacintho de Deus.

— Sim?! Que fineza me fizestes, filhos! Então, o meu Thomaz lembrou-se de mim, quando entregou á religião, mãe sacratissima, a alma do seu innocentinho? Bem hajaes vós!... Heide ser-vos muito agradecido... se eu pudér e viver... Viverei... Nosso Senhor hade dar-me mais dez annos!... Pois não hade?! Eu tenho ainda forças para os viver, se o anginho me der a mão... Ide buscal-o...

Desciam as lagrimas e estancavam nos vincos das venerandas faces.

Angelica Florinda trouxe o menino. O monge ajoelhou, e, com elle nos braços, disse:

— Senhor! amparae-o!

Depois, passou-o aos braços da mãe, levantou-se abordoado e muito a custo, sentou-se, voltou a recebel-o no colo, e murmurou, como lhe caisse no rosto da creancinha uma das suas lagrimas:

— Tambem é baptismo este!... A egreja recebeu-te pela ablução do sacramento, e eu te recebo em minha alma pela ablução das lagrimas...

Em seguida, feito um doloroso esforço, perguntou:

— Tendes noticias de Thomaz?

— Tive-as ha dez dias. Veio aqui dar-m'as com uma cartinha um official amigo d'elle. Hoje quando o vi, cuidei que m'as trazia... Esteve aqui algum tempo e disse-me que não tem vindo cartas de Lisboa. Parece que o inimigo tem cortado todos os caminhos e apanhado os correios. Mas elle vinha tão triste!... Perguntei-lhe o que tinha, e só me disse que estava em grande risco a defeza do Porto, se não tornava o senhor Saldanha a tomar o commando da guarnição. Será assim?

— Creio que é, minha filha. Todos os militares se queixam da inacção do general Stubbs.

— Mas eu sem ter noticias d'elle...— tornou Angelica; e, passados instantes, ergueu-se de salto, pôz as mãos e exclamou:

— Vossa paternidade é um santo! peça a Deus que lhe diga se elle está morto ou ferido .. Peça, senhor frei Jacintho, pelas cinco chagas do Senhor!

— *Santo* me chamaes, filha!... Não injurieis os virtuosos, que são aquelles que Deus poupa ás ingentes agonias d'esta vida!... Levantae-vos... Eu heide pedir ao Senhor que...

O monge não tinha idéa nem palavras. Soluçava. E Angelica, não podendo intender aquella ancia silenciosa, cuidou que ao frade n'aquelle instante fôra revelada a morte de Thomaz.

— Pois elle morreu? — bradou ella, caindo outra vez aos pés do frade com o filho estreitado ao seio.

— Se morreu?... Santo Deus!... Disse-vos alguem que elle tinha morrido?

— Não; mas vossa paternidade não me responde...

— Que heide eu responder-vos, filha? Pedís-me

milagres? Posso eu saber se Thomaz está morto?

Neste momento, ouviu Angelica proferir a palavra «coitadinha». Attentou o ouvido, e escutou estas vozes: «Ella ainda o não sabe». Foi impetuosamente á vidraça e deu de rosto com duas visinhas que a contemplavam com os olhos marejados. Correu á porta e perguntou:

— Que é?! que estavam a dizer?...

— Nada, senhora Angelica... — disse uma das mulheres. — Estavamos cá fallando...

— Vossemecês disseram que *ella ainda o não sabe*, — insistiu a attribulada mãe. — Quem é que não sabe o quê?...

Não lhe responderam, e íam caminhando com os olhos em terra. Angelica saíu á rua, travou pelo braço de uma e bradou:

— Digá-me o que é... Diga, que eu morro de medo... Morreu o senhor Thomaz?...

— Assim como assim, hade sabel-o, — tornou a mulher. — Morreu, morreu o senhor tenente no dia 5...

— O' senhor frei Jacintho! — exclamou Angelica n'um tom de voz indescriptivel, correndo vertiginosamente para a porta. — Ouviu? esta mulher diz que o senhor Thomaz morreu... Morreu?... diga-me se morreu!...

O frade, tremente e mal firme nas pernas convulsas, tirou-lhe do seio a creancinha, quando ella ía já tombando sem accordo ao pavimento. Acudiu a ama do menino, expedindo grandes gritos. Entraram ao pequeno recinto os visinhos, já todos sabedores da desgraça, que nem por isso abalava grandemente a compaixão dos que já tinham chorado amigos, irmãos, paes e esposos.

Frei Jacintho pediu aos concorrentes que se retirassem e a deixassem a sós com a sua ama. Despejada a casa, o ancião sentou-se em uma banqueta e puchou para os braços e seio a pobresinha que arrancava do coração vozes inarticuladas. Por sobre a livida face d'ella erguia o monge as mãos e mentalmente orava, postos os olhos nas imagens que pendiam das paredes. O menino brincava com as tranças soltas da mãe, e retrahia-se, quando ella vociferava uns sons roucos de estertor como os do ralo da morte. Frei Jacintho de Deus continuava a orar: e, em meio de sua oração, disse em voz alta:

— Olhae por este menino, Deus misericordioso! Senhor dos attribulados, eu vos offereço as minhas angustias de tantos annos pela vida d'esta desamparada mãe. Não lhe tireis assim o alento, que está alli aquelle orfãosinho!...

II

Medicina da alma

> Os anjos consolam aos affligidos e atribulados para que não desmaem.
>
> PADRE ANTONIO DE VASCONCELLOS — *Tratado do anjo da Guarda.*

Uma alma trespassada de saudades de outra, que passou ao infinito, dois remedios tem sómente que a soccorram: a religião é um; o outro é de tanta vulgaridade que faz pejo dizel-o: é a distracção, synonymo de outro vocabulo ainda mais razo: divertimento. As curas operadas pela segunda especie sobreexcedem muito as do balsamo divino.

A gente, a cada passo, dá de rosto em theatros e salas com umas creaturas risonhas de quem, n'outros dias passados, lamentámos as desventuras como se fossem nossas.

Poderiamos, a olhos seccos, ver a joven viuva que perdesse o esposo antes de festejar o seu primeiro anniversario de amantissima e ditosa consorte?

Que alma não vestiria de lucto, vendo uma cariciosa mãe perder um depoz outro os seus filhos todos, já criados e formosos, e ficar velha e solitaria ella, sentando-se á mesa do repasto, a contemplar vasias as cadeiras dos filhos?

Qual julgarieis que devia ser o remate das afflicções da irmã, que viu pae e irmãos engolfados na vaga da tempestade, que os revessou á praia tão menos de cadaveres que nem pedaços restaram sobre que a piedade filial podesse tributar os responsos funebres, em que Deus quer que vá não pequeno desafogo?

Pois quem salvou a mãe, a esposa, a irmã que hontem vimos a louçanear por bailes, a estadear-se nos theatros, a emular seu quinhão de jubilos onde concorrem os felizes ainda não apalpados pela desgraça? Quem as salvou? Foi a distracção, o divertimento.

E por que não seria a religião?

Não é d'aquella sorte que a religião cura. As curas do céo são esperanças e conformidade. Aquell'outras que vêdes chamam-se «esquecimento». Onde está o balsamo piedoso está a memoria permanente com lagrimas já desacerbadas do amarissimo desesperar, já doces, já suaves e olorosas como a oração.

A «distracção» que vos deu renascidas e vivedouras creaturas ,ao primeiro encontro, preiadas de sua angustia, é fealdade assim humana que abjecta: ha ahi coisa de nojo e vergonha. A religião cura; mas os convidados da mortal enfermidade, nunca mais voltam a buscar contentamentos onde elles se recebem em troca da memoria d'outros, que era sagrado dever não atraiçoar.

Vem isto como prefacio da restauração de Angelica Florinda que a sciencia de curar almas e corpos prognosticou morta ou louca.

Nem louca, sequer: trivialidade romantica de que não encontrei tres casos bem averiguados no hospital de doidas, onde mais de cem riam e choravam.

Mez e meio assistiu frei Jacintho de Deus á cabeceira de Angelica. Pôde elle criar no espirito da enferma a imagem do céo; depois a da esperança; a morte como transformação para a vida infinita; a reunião das almas santificadas pela agonia terreal; a consciencia dos espiritos d'além-mundo em coisas deste; a memoria e constante visão dos entes queridos, que ficaram áquem dos aditos da eternidade, esperando redemirem-se.

O monge tinha creditos de santo no animo de Angelica.

Chamava-lhe filha, e ajoelhava á beira da sua cama, pedindo a Deus que lhe demorasse o dormir das cruelissimas noites. Espertava Angelica, e via as cans do ancião encostadas ao seu travesseiro. O santo dormia, e ella apertava na garganta os gemidos para o não acordar.

A' crise perigosa succedeu a oração. Passava o mais das horas nas egrejas dezertas. N'aquelle tempo a christandade portuense amortecera. Cheirava o ar á sangueira: quem se affez áquillo respirava mal o fragrante incenso dos templos. As viuvas e orphãos dos mortos nas trincheiras não encontravam ninguem que os mandasse pedir remedio a Deus. Deus! para quê? Não sabia já o gentio que os conventos, cruzes e Deus ía tudo acabar? E que, ven-

cedora a civilisação, só teriam fome os vencidos? A heroica plebe acanalhava assim o progresso. Depois é que se viu que o progresso, em verdade, não ía longe d'isso.

Recolhamo-nos ao ponto.

Já confiado frei Jacintho na resignação de Angelica, fallou assim:

— Filha, eu devo a Deus a mercê de me dar um bom sobrinho com abundantes bens de fortuna. Foi-me grato. Era filho natural de meu irmão. Adoptei-o; perfilhei-o, dei-lhe a casa que me viera por successão. Hoje diz elle que não é dono, mas sim administrador das minhas terras. Pede-me elle que vá para a sua companhia, e eu, Angelica, peço-te que venhas tambem.

— Vou... irei...—murmurou ella.

— Não vens de vontade, filha?—accudiu o monge inferindo da balbuciação o constrangimento. — Diz ao teu amigo que outro intento tinhas?

— Nenhum.

— Mentiste, Angelica!—voltou o frade com severidade.

Pôz ella as mãos e disse:

— Perdôe-me... eu menti.

— Perdoada estás.

— A minha vontade era voltar para o convento.

— Irás, que vaes bem. E o teu filho? Deixar-m'o-has levar...

— O meu filho!...—atalhou ella.—Pois eu tenho de me separar d'elle?

— Tens: as creanças não são, ou não eram d'antes, admittidas nos conventos... Remediemos, se te parecer bom o meu alvitre. O pequenino está acabando a sua criação; deixal-o estar aqui até aos

tres annos; pódes vêl-o todos os dias. Aos quatro annos, se eu ainda viver, tomo conta d'elle para o mandar educar; e, se eu tiver morrido, meu sobrinho se encarregará de o fazer homem. Isto parece-me bom...

— E' tudo bom o que vossa paternidade ordenar; são ordens de Deus.

— Pois se são ordens de Deus, ahi vae outra. Receberás no convento o necessario para a tua sustentação. Não quero que vás servir, por que não tens forças para o trabalho de fabricar dôce. Comprarei uma cella para ti, e viverás recolhida como as seculares. A criação do meu Jacintho corre cá pelo almoxarifado do frade. E' galantaria os meus oitenta annos a cuidarem nos incommodos da dentição do pequerrucho. Abrigue-se a violeta debaixo do sobreiro secular. Veremos se consigo tirar perolas de virtudes d'aquella pequenina concha; e, se conseguir, apparecerei adornado com ellas na presença do meu juiz.

IV

Episodios de Frei Jacintho

Qualquer homem que tem alguma eminente parte, em que se difference dos outros, ou em seu modo de proceder e condição primorosa, logo se distingue... logo vereis todos elles sem algum modo de razão encararem n'elle os mosquetes de suas traições e malicias.

FREI CHRISTOVAM DE LISBOA—*Consolação de afflictos.*

Tudo se facilitou ás diligencias do solicito monge. A freira, que tinha sido ama de Angelica, cedeu-lhe parte de sua casa; e, além do effecto antigo, recebeu-a com respeitosa compaixão de sua desgraça. Perto do convento, nas escadas do Códeçal, alugou o frade um sotão para a criadora do menino, a qual já se disse que era mulher do «camarada» de Thomaz.

Feito isto, frei Jacintho foi para a sua aldeia, de-

teve-se alguns dias festejando os filhos e netos de seu sobrinho, e saíu caminho de Tibães em busca do leigo frei Manuel da Redempção, por conta de quem correra a fuga do collegial de Refojos. O frade porteiro, quando reconheceu frei Jacintho de Deus, fez pé atraz e exclamou:

— *Vade retro, Satan!* Como o impio malhado ousa bater ás portas santas d'esta casa! Vem espionar o que se passa? quer ir dizer aos do Porto o dinheiro e as alfaias que ha em Tibães?

— Não, meu irmão — disse o monge. — Eu venho saber se ainda vive frei Manuel da Redempção.

— Era dos da sua laia... Morreu... já o levou o diabo, assim como o outro seu amigo que fugiu para a Terceira... Todos têem o pago...

— E' assim, irmão, é; todos têem o pago. Fique-se o nosso irmão com a graça de Deus.

Affastou-se caminhando morosamente o frade até cavalgar a mulinha que o esperava na estrada. A noticia de tal visita reboou nos claustros e ainda alguns frades encanecidos tiveram a fortuna de ver frei Jacintho a distancia de o injuriarem com palavras e apupos.

— E' o mosteiro que está nas agonias do ebrio que se afoga em lama, — disse o monge a dois netos de seu irmão que o acompanhavam.

D'alli jornadearam por terras de Basto, desviando-se já de um, já de outro bando. Chegados a S. Pedro de Alvito, visinhança de S. Miguel de Refojos, o frade pediu novas da familia de Thomaz d'Aquino. Estava o irmão mais velho na casa de que era senhor. Pediu que lh'o chamassem. Desceu o morgado ao terreiro da casa, reconheceu o amigo de seu irmão e disse-lhe sacudidamente:

— O doido lá o atravessaram as balas em Lisboa. Foi a deshonra da nossa casa. O pae morreu na defeza do altar, e o filho acabou na fileira dos atheus.

— Seu pae defendia o altar? — perguntou frei Jacintho.

— Pois não sabe que os liberaes de Fafe o mataram no Ladario? Vossa paternidade está-se a fazer parvo!

— Constou-me que o mataram; mas disseram-me que o senhor Simeão d'Aquino andava agarrando homisiados para os entregar áquelle grande ministro chamado João Branco, o qual decerto não era ministro do altar.

— Pudéra não! — tornou o irmão de Thomaz com certo jubilo de ver já notoria a dedicação de seu pae.

— E vossa paternidade, se podesse, não os agarrava tambem?

— Agarrava para escondel-os do pae de vossa senhoria.

— Que tal está o patife do frade! — exclamou um official de grandes barbas, arrastando a espada, e coriscando dos olhos ascuas de cólera.

Frei Jacintho de Deus encarou serenamente no temeroso homem, deante do qual todos se affastavam e descobriam, disse:

— E' vossa senhoria o senhor Pita Bezerra, se me não engano.

— Sou.

— Conheci-o muito novo e docil menino em casa de seu tio o senhor capitão-mór de Cabeceiras, Seraphim Pacheco dos Anjos.

— E d'ahi? — bradou o celebrado carnifice — cuida que o não mando despir e chibatar, seu indigno

frade, que ousa dizer que escondia os malhados do justo castigo que os espera?

—Apoiado!—exclamou o irmão de Thomaz de Aquino.

—Eu lhe direi, senhor,—redarguiu o monge—esconderia da ira inconsiderada do seu inimigo todo o homem em afflicção; esconderia no meu habito o senhor Pita Bezerra, se ámanhã os seus inimigos viessem bradando que era justa vingança matal-o. A todos esconderia, a mim é que me não escondo dos homens; esconder-me-ia só de Deus, se pudesse. Póde pois vossa senhoria mandar-me chibatar, se n'isso lhe vae satisfação.

—Não m'o peça segunda vez!—bradou o capitão de infantaria 13.—Cadeia com elle e com estes que o acompanham!

—Estes são innocentes, que ainda não proferiram palavra, senhor Pitta Bezerra!—disse o monge.—Parece-me justo que os não prendam.

—Não me pregue lérias! Ferros com elles, antes que os mande passar pelas armas!...

Alguns milicianos de Guimarães rodearam o frade e os sobrinhos com ar de constrangidos. Pitta Bezerra como os visse froixos na diligencia, bradou:

—Querem ir todos a pontapés?

Os presos entraram ao anoitecer na cadeia das Pereiras. Os mancebos choravam e o tio frade dizia-lhes:

—Então, rapazes! Chorar!? Que pusillanimes sois!... Não vos envergonham os meus oitenta annos! Eu tambem nunca pernoitei entre estes ferros; mas, se me não engano, o somno das conscincias quietas não extrema o carcere nu de uma boa al-

cova cortinada. Se Deus vos deparar uma cama, muitas graças lhe daremos.

Pouco depois chegava á cadeia um velho carregado de colchões. Lançou-os ao chão e ajoelhou-se a beijar a mão do frade.

—Estou-vos conhecendo... —disse vacillantemente frei Jacintho.

—Conhece vossa paternidade em mim o leigo João do Soccorro, o criado e amigo do senhor frei Thomaz de S. Placido, que Deus tem.

—Se conheço!... Não vos vi eu em Alpendurada pouco ha? Então ha ainda mais uma terceira pessoa que chore o nosso infeliz Thomaz!... Bem vindo sejaes irmão!... Deixastes de todo o habito? Servi a Deus sem elle. Visitae os encarcerados como agora fizestes, dai-lhes umas palhas para que o frio das pedras os não tolham, e isso vos valerá muito para a salvação deante do senhor, que não peza na sua balança os habitos. Viveis com os parentes de Thomaz? Mau homem, me pareceu o irmão!

—Não, senhor. Fui expulso porque defendia o nosso infeliz das aleivosias do irmão. Levo minha vida em negocio de colmeias, e graças a Deus, não tenho fome nem frio. Ha anno e meio que comecei, e já posso offerecer a vossa paternidade algumas moedas de oiro, se me faz a esmola de as receber e pagar-m'as em missas por alma do senhor Thomaz.

—Meu irmão, eu vos direi as missas, se viver, e vós me dareis como esmola o prazer de suffragar por vossa conta a alma do nosso amigo. Levae nas boas horas o vosso dinheiro que nos não é mister. Ide em paz, que ainda me falta mais de metade da minha reza.

Ao outro dia, os filhos do sobrinho de frei Jacintho foram postos em liberdade. O monge, porém, ficou para responder pelo crime de ter saido de S. João de Alpendurada com o proposito de se ajuntar, como de feito ajuntou em Penafiel, aos rebeldes.

Levado a perguntas, o réo respondeu singelamente que fôra despedido...

—Porque? —perguntava o juiz ordinario.

— Por não pegar em armas.

—E porque não seguiu o honroso exemplo dos outros frades?

— Por que o exemplo não era bom.

—E preferiu unir-se aos rebeldes?

— Não me uni: levaram-me prezo, escarneceram-me, derrubaram-me facilmente na lama da rua; mas ainda assim houveram-se com caridade comigo. Não me calumniaram.

— Que fez durante o tempo que esteve no Porto?

— Algum acto bom, que Deus Nosso Senhor me descontará nos maus.

—Responda intelligivelmente. Em que se occupou?

— Exercitei o meu officio.

— Que officio?

— O dos viadores n'este desterro: a caridade.

— De que modo?

—Do modo ensinado por Jesus: fiz bem a amigos e inimigos. Não me saiu porém a sorte feliz de bemfazer senão aos que me estimavam e amavam.

— Aos liberaes?

— A uma familia desamparada pela morte de um liberal.

Mandaram-o voltar para a cadeia, e no dia seguinte deram-lhe liberdade, por que muitos cavalheiros realistas de Basto conjuraram a favor do monge que tinha renome de bom homem, algum tanto estonteado pela grande velhice. Salvou-o a fama de tresloucado.

Abrigou-se o frade no seio da familia e descançou alguns mezes. Ultimada a guerra e chegado o lanço das retaliações politicas, saiu a pedir e a orar caridade e misericordia com os vencidos. Apasiguados os tumultos no seu concelho, tornou ao Porto, onde o chamavam saudades de Angelica e do seu pequenino Jacintho.

Angelica appareceu-lhe já de todo desformada da belleza com que ainda entrara no mosteiro. Observou o padre que a linguagem d'ella era refinadamente mystica com seus entremeios de crendices disparatadas. Dizia maravilhas dos *Exercicios espirituaes* de Affonso Rodrigues, e contava os milagres feitos por freiras mortas e vivas d'aquella casa, muito mais inverosimeis do que as contam as chronicas franciscanas. Frei Jacintho de Deus escutou-a largamente e disse:

— Muito bem, minha filha, folgo de vos encontrar tão espiritual; sinto, porém, que a materia se vos converta em espirito mais que o util e necessario. Estaes muito acabadinha.

— Os jejuns e os cilicios... — murmurou ella.

— Quem vos inculcou a precisão de jejuns e cilicios?

— Um fradinho muito santo da Arrabida, que está em casa d'uns fidalgos e vem aqui confessar algumas santinhas.

— O frade é santo, e as freiras são santas... —

volveu o eggresso, coçando a calva. — E diziam que a liberdade vinha empobrecer o futuro calendario de Portugal! Será essa gente bem santa, minha filha? Se tu quizesses, reflexionavamos um pouco sobre o que cada um deve a Deus, a si e ao proximo. Estes deveres bem cumpridos produzem excellentes qualidades em quem os pratica. Formam-se com elle a mulher boa e o homem bom. Quanto a Santos, isso é lá com Deus que os vê, e com o Espirito Santo que os canoniza.

— Pois não é santo o fradinho da Arrabida? — replicou ella com espantado reparo.

— Que sei eu do fradinho da Arrabida, minha pobre Angelica! Será santo e todavia não jejuará até ficar em osso, e talvez não ande mortificado com as rosetas dos cilicios...

— Ai! se anda!... e toma todas as manhãs uma disciplina.

— Conta-vos elle essas penitencias?

— Dizem-nos as fidalgas.

— Pois bem pode ser que elle precise das penitencias; mas tu, filha, não tens peccados que...

— Eu!... Mãe de Deus!... Ha maior peccadora do que eu fui! — exclamou ella gesticulando á feição de muito afflicta. — Por causa do meu peccado é que o senhor Thomaz morreu... fui eu a causa da sua morte... Se o não fosse desafiar ao convento, estava elle vivo...... e assim está morto e talvez para sempre nas penas do inferno!

— Isso disse-t'o o fradinho?

— Sim, senhor frei Jacintho; e eu, esperando que Deus não condemnasse ao inferno a alma do senhor Thomaz, applico todas as minhas penitencias por alm a d'ellea ver se a tiro do fogo do purgatorio.

Deteve-se o consternado monge a contemplal-a, e perguntou-lhe:

— Tens visto o teu filhinho?

Rompeu Angelica em soluços e gemidos, podendo apenas dizer:

— O confessor não quer que elle cá venha, senão de longe a longe.

Feita uma longa pausa, tornou frei Jacintho:

— De sorte que eu perdi todo o imperio que tinha em tua alma! Ha seis mezes a minha vontade eram ordens divinas. Hoje, eu, em comparação do arrabido, sou nada. Que admira! Se tu deixaste de ser boa mãe, como havias de ficar amiga do teu velho enfermeiro!... Pois pudeste, Angelica, obedecer ao fanatico estupido, que te ordenou que lançasses de ti, e do teu amor, e do teu coração o filhinho de Thomaz d'Aquino? Assim pagas á memoria d'aquelle bom pae, que tanto amava o seu menino, como tu me contaste? Não te disse elle uma vez: «Se eu te morrer em batalhas, e te faltar o beneficio dos meus e dos teus parentes, toma no colo o nosso filho, vae ás portas dos meus camaradas, e pede bem alto: «esmola para o filho do voluntario da rainha, Thomaz d'Aquino!»

Angelica Florinda offegava lavada em pranto.

O monge proseguiu:

— Visse-te elle assim do céo, do purgatorio ou do inferno, que não teria senão lagrimas para o filho e maldições para a mãe! Que quer esse frade que faças á creança? que te diz? que o engeites? Responde, filha!

— Não me diz senão que Deus o protegerá, — balbuciou Angelica.

— Mas não se offerece elle para t'o proteger? O

fradinho santo não quererá fazer a caridade de recolher o innocente filho do crime, de modo que nunca o remorso tenha em tempo algum de esmagar o coração da mãe?!... Basta de hypocrisia, de bestialidade fradesca e de crueza maternal!—exclamou o monge, levantando-se convulsivo, e batendo com o punho na banqueta da grade.—Basta, Angelica! Digo-te em nome de Deus que esse frade, se não é estupido, é infame!

—Jesus! Santo nome de Jesus!—gaguejou ella a tremer e a enfiar.

—Infame ou estupido!—recalcitrou frei Jacintho.—Diz-te que abandones teu filho? pois sabes tu que para as mães descaroadas, as mães que desamam os filhos, não póde haver Deus que lhe perdôe nem céo que as receba. As virtudes das virgens são bemquistas do Senhor; mas as mães, que pensam sanear um crime com outro crime, não restauram com isso o puderem hombrear com as honestas e puras. Aos olhos de Deus hasde ser sempre a criminosa que cuidaste illudir seus juisos, pondo os pés sobre o innocentinho para que Deus t'o não visse.

A este tempo, Angelica estava ajoelhada, com o rosto entre as mãos, soluçando e expedindo a espaços uns gritos, que chamaram gente á porta interior da grade.

A pobre mulher dera tento de avisinhar-se alguem e fazia afflictissimos signaes de silencio ao monge. Elle, porém, duplicando a vehemencia da voz, clamou:

—Eu queria fazer saber ás senhoras d'esta casa que é preciso trancar suas portas á peçonha, que saíu da posthema dos conventos! Queria dizer-lhes que está ensopada em sangue a terra de Portugal

por causa do fanatismo sacrilego dos frades, que pregoaram a caridade das forcas e insinuaram nas almas ignorantes doutrinas sanguinarias, intervenção de Deus em baixas miserias do genero humano, um jogo impio do céo e inferno para tudo e de tal fórma que não haverá hoje alma alumiada por um lampejo de razão, que possa conceber premios nem castigos fóra deste mundo, em que os visionarios da casta do arrabido tornaram escarneciveis todas as coisas sublimes da religião de Jesus Christo!

O frade caira extenuado na cadeira, apanhando as bagas de suor na manga da batina.

Corridos momentos, levantou-se, apoiou os braços nas rexas e disse brandamente:

— Angelica!... vou ver teu filhinho...

— Vá, vá...— disse ella gemente e anciada.

— Queres que o teu velho frade traga comsigo a creança?

— Pois sim...— balbuciou ella amedrontada.

— Ora eu t'o agradeço em nome do meu pobre Thomaz! Elle está contente por ver que não precisas tomar o menino no collo, e clamar ás portas dos liberaes: «esmola para o filho do voluntario de D. Maria II!»

V

A senhora Maria

Qué muger!

MIRA DE MESQUA — *El hombre de mayor fama.*

— Ai! Deus o traga! — exclamou a ama, quando viu o eggresso. — Ando ha dias p'ra mandar escrever a vossa senhoria p'rámôr da mãe do Jacintrinho!

— Aqui me tem, senhora Maria. Já sei o que me quer contar.

— Já!? Ainda bem! Esteve onde a ella?

— Estive.

— E viu como o berzabum da beata está cabra p'ró filho? Tenho lá ido com elle de oito em oito dias, fallo á portaria, a porteira manda-a chamar; e ella — má raios! — manda dizer que está muito occupada! Bedes bós no que deu aquella creatura! P'los modos foram os crelgos que lhe deram volta ao miôlo! Tanta choradeira que fazia ao principio quando eu lá ía, e vae depois ás duas por tres dá

em santeira e despresa este menino, que é mesmo a formosura do céo! Ora venha vêl-o, senhor frei Jacintro! Olhe como elle está lindo no bercinho! Se não fosse a caridade de vossa senhoria, este anjo ía p'rá roda!

— Vocemecê tem recebido sempre os seus ordenados?

— Isso lá ainda o dia do fim do mez não está acabado e já o dinheiro me entra pela porta dentro. Bem no diz o meu homem: «Se os frades fossem todos como o senhor frei Jacintro, a religião não acabava...»

— Então por cá intendem que a religião acabou, senhora Maria?

— E' o que diz o meu homem. Eu bem me custa não ir á minha missinha, porque fui creada com ella; mas o meu Bento Gomes diz que Deus está em toda a parte, e que a hostia é pão, e o vinho do calix é...

— E' vinho,— atalhou o frade sorrindo e continuou: — então seu homem tambem é philosopho e espirito forte?

— Nada; o meu homem pediu a baixa do serviço, e está empregado em guarda da alfandega. Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos reins, por isso pediu a baixa, e está ganhando tres tostões e dez réis. Graças a Deus, vamos remediando a nossa vida.

— Sempre vocemecê vae dando graças a Deus!... Alguma religião ha nesta casa...

— Pois lá Deus, isso nem dado nem de graça. Quem fez o mundo?

—E' verdade... quem fez o mundo, e quem fez a vócemecê...

— Isso foi meu pae, acho eu.

— Tambem eu acho isso; e seu avô fez seu pae...

— Olé!

— E quem faria o seu ultimo avô que não teve pae?

— D'esse não me fallava minha avó: acho que ella já o não conheceo...

— Nem eu, apezar de ser muito antigo.

O frade dialogava e sorria, ajoelhado á beira do berço, anediando as madeixas louras do pequenino. Depois, descubriu-lhe os bracinhos nús, viu uns garatujos escuros na polpa d'um braço, no outro umas armas reaes com lettras, e perguntou espantado:

— Que é isto?!

— Foi meu marido que lhe fez estas cousas com tinta, que fica pára sempre na pelzinha. Neste braço estão duas lettras: um *T.* e um *A.* Não são?

— Parecem-no.

— Quer dizer *Thomaz d'Aquino*, que era o pae do menino. Nest'outro bracinho está a corôa real da nossa rainha e por baixo estas lettras dizem:— *Viva D. Maria* II. Não está bem feito?

— Mas isto foi uma crueldade! A creancinha de certo chorou com dôres.

— A'gora chorou! não tugiu nem mugiu! A senhora Angelica tambem entrou a barregar quando viu isto... Meu marido encheu-me o corpo d'estas trapalhadas... Quer vossa senhoria vêr uma *Senhora da Rocha* que eu tenho na bucha do braço?

— Não é necessario... deixe lá estar...

— E n'outro tenho um Santo Solimão, que livra de feitiços e máos olhados. Pois não livra, senhor frei Jacintro?

— Sim, senhora Maria, Santo Solimão livra de tudo o que vocemecê quizer.

— Está a chalaçar, vossa senhoria!...—tornou a ama a rir de velhaca.—Eu tamem não tenho fé com isto; mas o meu Bento quiz... vá lá... Se hasde ir p'ra taverna, faz quantos Solimões p'ráhi quizeres.

— Pois melhor seria que elle, em vez de estragar os braços d'este menino, fosse para a taverna. Diga-lhe que eu o prohibo de escrever no corpo da creança... E ámanhã, senhora Maria, esteja prompta com o menino ás dez horas, que temos de ir ao convento. Deixe-me dar-lhe um beijo sem o acordar... Até ámanhã...

— Olhe lá, senhor frei Jacintro!—disse a ama,—não sabe que prenderam o Pitta Bezerra? Aquelle grande carrasco?

— Prenderam?

— Mas o povo está na Cordoaria á espera que elle saia do tribunal da rua da Fabreca para o matar. Eu, se não tivesse esta creança, tambem lá ía cortar-lhe uma orelha.

— Que mal fez o Pitta Bezerra á senhora Maria?—perguntou o frade.

— Diabos o arrastem, que nunca o vi; mas matou ahi gente nesse Porto que não lhe sei dizer. Eu disse a duas visinhas que lá foram: ó, mulheres, se me trazeis a ponta do nariz d'esse ladrão, pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais elle está pelas horas da morte.

— Essa sêde de sangue é impropria d'uma mulher, senhora Maria...

— Podéra não! tomára eu vêr todos os caipiras picados como a çabolla de estrugido.

O frade ía dizendo entre si: «O sexo fraco, do qual dizem que a brandura da alma é o seu particular condão!...»

Encaminhou-se frei Jacintho de Deus á rua da Fabrica. Quando chegou á rua de Santo Antonio, viu grande chusma de povo a desbordar da viella do Correio, urrando «morras» e floreando no ar espadas e chuços. Ao convisinhar da revolutante mó de mulheres, maltrapidos e garotos ouviu que os gritos diziam: «Morra o Pitta Bezerra». Perguntou onde estava elle e disseram-lhe que estava a ser julgado e que o esperavam para o matar.

— Não seria melhor que o deixasseis ser castigado pelas leis?

— Quaes leis nem qual diabo! — bradou um soldado dos batalhões fixos, sacudindo uma espada curta. — A lei é o povo! Será você algum burro da panella d'elle?

— Não sou, camaradas — respondeu serenamente o frade; — eu sou um dos que elle metteu na cadeia.

— E então está ahi a dar aos taleigos a favor do malvado, que tirou um pedaço de nadega a meu irmão, salvo tal logar, aqui! Ora, meu velhote, não se vá fazer fino com palavriado lá para o meio do povo, que lhe vão á pavana! Tome o meu conselho...

Frei Jacintho muito cosido com a parede, pedindo licenças com a maior humildade, chegou até á porta do tribunal, a tempo que Pitta Bezerra descia as escadas entre soldados.

Ao verem-no, centuplicaram-se os gritos. Os silvos das mulheres, como os da cobra cascavel, sobrelevavam os rugidos dos tigres, que nada menos se figuravam aquelles homens, recurvando as garras para o sevo da carniça.

Pitta Bezerra, já comdemnado á morte, chegou

ao limiar do pateo com o sangue já represado no coração. Encostado ao alisar da porta estava o frade. O sentenciado, que ali chegara com parecenças de cadaver, encarou no homem da batina.

—Sou aquelle pobre frade, senhor Pitta Bezerra...—disse frei Jacintho de Deus; e, assomando no umbral da porta, disse voltado para o povo:

—Não queiraes manchar vossas mãos puras com o sangue do criminoso. Povo valente, povo magnanimo! vós déstes á justiça a victoria; quebrastes as algemas aos legisladores; deixae agora á justiça a missão de vos vingar.

—Que diz o asno?—bradou uma regateira.

—Fóra burro!...—conglobaram-se muitos gritos.

—Quem vos falla—tornou o frade imperturbavel—é um dos homens inoffensivos que este cruel lançou em ferros. Mas não permitta Deus, nem a liberdade, que vossos braços conquistaram, que eu vos incite a matar este criminoso sem que todas as suas victimas o possam ver no patibulo. Sabeis que se mata um homem n'um momento? Que é pequeno castigo para este matador tirar-lhe n'um instante a vida, quando elle tantas arrancou vagarosamente com demorados tormentos? Não querereis antes vêl-o caminhar do oratorio á forca? Cidadãos! deixae-o entrar com vida na cadeia; e não lhe deis o praser de o matar n'um curto momento; porque elle de certo antes quer a morte repentina com que o ameaçaes, do que a lenta agonia do oratorio e o espectaculo da infamante morte. Quantos parentes vossos cairam nos baluartes d'esta cidade acutilados ou varados de pelouros? Morreram, e comtudo eram

honrados defensores d'uma causa justa! E quereis vós, imprudentes, que este homem acabe como acabaram os valentes que choraes? Quereis que elle não tenha paroxismos mais duradouros? Quereis que elle d'aqui a cinco minutos esteja insensivel aos castigos que devem prolongar-se até que o peso do carrasco lhe aperte a garganta? Cidadãos, vêde o que fazeis? A vida d'este homem deve ser cortada fio a fio. Se o mataes de um só golpe, podeis dizer que não vingastes as victimas de Pitta Bezerra.

— Apoiado! conclamaram muitas vozes.— Apoiado! deixal-o ir! Não se mate! Diz bem o padre: ha de morrer aos pedaços!... Ferros com elle! Deixem passar, mulheres!

A escolta abriu passagem. Pitta Bezerra ao perpassar pelo padre baixou-lhe um olhar de implorativa gratidão. Frei Jacinto não o encarou.

Vinte passos andados, a turba, que sobreveio do lado dos Clerigos e não tinha ouvido a allocução triumphante do frade, rompeu de chofre e, ferro apontado contra a escolta, arrancou do preso, acutilou-o, espedaçou-lhe o rosto, estrangulou-o com um grosso esparto, arrastou-o esphacellado pelas ruas, e levou-lhe o arcaboiço meio escarnado á beira do Douro, onde o arrojou, urrando uma prolongada dissonancia de gritos exultantes, vociferados pelos mesmos que tinham cuspido affrontas ás cabeças cravadas nos espeques da Praça Nova, em 1829.

Era o mesmo povo.

Frei Jacintho de Deus, quando viu ir no pendor da calçada dos Clerigos o cadaver de rojo, deixando um rasto de sangue, chorou e meditou as palavras do propheta:

«Acaso não punirei eu estes excessos? diz o Se-
«nhor. De uma gente como esta não se vingará a
«minha alma?

«Cousas espantosas e estranhas se tem feito na
«terra!» [1]

[1] Jeremias.—Cap. v, vers. 29 e 30.

VI

O arrabido

> Oh! e vós sois parvo frade!
> Dou-t'eu ó demo por seu.
>
> GIL VICENTE. *Náo d'amores.*

Annunciou-se frei Jacintho de Deus na portaria de Santa Clara.

Disse a madre porteira que a senhora Angelicasinha passara tão má noute que o medico a não deivava sair da cama emquanto durasse a febre.

— Aquillo é pêta,— disse a ama desabridamente. — Está tão doente como eu. Tem vergonha de fallar ao filho, a senhora beata!

— Cale-se, mulher!—obstou o frade; e continuou á porteira:

— Faça-me a senhora a mercê de lhe dizer que está aqui frei Jacintho de Deus.

— Tanto monta dizer-lh'o como não,— redarguiu a religiosa. — O medico não a deixa sair da cama.

— E' o medico ou o santo fradinho da Arrabida? — replicou mui gravemente o benedictino.

— Não foi o fradinho,— respondeu de muito boa fé a franciscana — foi o proprio doutor em pessoa que m'o disse a mim.

— Havia de ser o frade,—interveio a senhora Maria, esposa do espirito-forte da alfandega.—Que eu me não levante mais d'aqui se não foi o machacaz do frade! Má mez pr'ó diabo do impostor, que anda aqui a comer as freiras com bichancrices! O meu Bento já me disse que qualquer dia lhe pega pelas pernas e o estatéla n'uma esquina! Olha a praga que havia de cair n'este convento!

— Senhora Maria,—tornou o monge entre-risonho e severo,—faz fovor de não se metter na minha conversação com esta senhora?

— Não que eu estou passada! — clamou a freira. — Mulher de mais má lingua nunca se viu n'este pateo! Se fosse n'outro tempo já estava na cadeia...

— Ouviu? — retrocou logo a ama, levantando-se direita com o locutorio e pondo o pé á facaia, e as mãos nos quadris.—Olhe! — e com a ponta de um dedo arregassou a palpebra inferior do olho direito. — Ouviu, senhora freira?... Vistel-o? esse tempo já lá vae. Cadeia! olha a seresma que ainda está apaixonada pelos caipiras! Estas santeiras de borra que os traziam aqui pelos muros da cêrca a trepar lá p'ra dentro...

— Perco a paciencia, senhora Maria! — volveu frei Jacintho, vendo que a porteira se retirara receosa de maior insulto. — Faz favor de se retirar com o menino, que eu já lá vou ter a sua casa.

— E' melhor, é...— condescendeu a ama sacudindo-se para fóra.— Não vá eu fazer das minhas, que não sei já onde estou!

Chegou-se ao ralo outra vez a madre, e disse muito commovida:

—Esta desavergonhada, cada vez que a senhora Angelicasinha não vem á grade, fica ahi a dizer injurias ao convento. Vossa senhoria não consinta que ella cá volte...

—Não terei remedio, visto que ella é a ama do filho da senhora Angelica.

—E o rapaz que vem cá fazer?—tornou a porteira com edificativa intolerancia.—E' um escandalo andar por estas grades um filho de uma recolhida, de mais a mais filho do peccado.

—Seja embora peccado o pae, a mãe é ella; e então que tem que o filhinho aqui venha?!

—O senhor frei Silvestre do Coração Divino não quer; chorou quando soube o abatimento a que desceu este mosteiro tão reformado.

—Ah! elle chorou?

—Sim, senhor... chorou...

—Santo homem! Quem m'o dera conhecer!

—Pois vossa senhoria não conhece o senhor frei Silvestre do Coração Divino?

—Por meus grandes peccados, não!

—Isso trazem-n'o ahi nas palminhas todos os fidalgos! A cara é já de santo. Tudo que aconteceu nesta guerra dizem que elle o profetisara, e agora de futuro já profetisou que o senhor D. Miguel I dentro de anno e dia está em Portugal.

—D'el-rei D. Sebastião não diz nada frei Silvestre?

A seriedade das perguntas de frei Jacintho não deixava reluzir veslumbres de ironia.

—Não me consta que elle dissesse nada do senhor D. Sebastião—respondeu a madre porteira.—

Eu cuidei que já ninguem o esperava; e vossa senhoria ainda crê na vinda do Encuberto?

— Eu lhe digo, minha senhora...

N'isto, exclamou a freira:

— Olhe! ahi vem o fradinho...

Voltou-se para o portão do atrio o monge, e viu entrando a passos curtos e mensurados, olhos em terra e braços pendentes, o arrabido com sua batina, sapato com fivela de aço e chapeo tricorne.

Orçaria por sessenta annos, ainda frescaço, côres sádias, introncado e algum tanto pançudo e cachaçudo.

— A cara é de santo que não passa mal... — disse a meia voz o monge á porteira. — Ora dê-me vossa senhoria licença de lhe ir fazer os meus cumprimentos, como agora se diz.

E saindo-lhe ao encontro, abaixou cortezmente a cabeça e disse-lhe:

— Não perderei esta boa occasião de saudar o senhor frei Silvestre do Coração Divino.

— Não conheço vossa mercê, — disse o arrabido.

— Fui frade tambem. Pertenci á ordem de São Bento.

— Ah! será vossa paternidade o senhor... o senhor...

— Frei Jacintho de Deus...

— E' verdade, já uma minha filha espiritual muitas vezes me fallou de vossa paternidade.

— A senhora Angelica, secular d'este convento.

— Essa mesma. Tive hoje noticia de que ella estava mui doentinha, — disse frei Silvestre.

— Tambem agora o soube, vindo aqui para lhe mostrar um filhinho que ella tem...

— Valha-me Deus, valha-me Nossa Senhora, va-

lham-me todos os Santos!—atalhou com santo phrenesi o arrabido.—Não fallemos n'isso, que é uma desgraça, uma verdadeira calamidade, senhor frei Jacintho, e releve que eu lhe diga, com muitissima agonia do meu coração, que não deve aqui vir mais essa creança, nem vossa paternidade consentir que a mulher não leve por diante a sua conversão que tão bem dirigida vae...

— Dirigida por vossa reverencia...—atalhou o benedictino.

— Sim, senhor, eu estou contentissimo do effeito dos sacramentos d'aquella alma trasviada do céo; mas é preciso que se lhe affaste da vista e da lembrança aquelle vivo e escandaloso testemunho das suas culpas.

— Vamos a pensar n'isso... Vejamos para onde affastaremos a creança. O menino não tem pae, nem parentes, nem amigo compadecido que o receba. Tem de idade dois annos e sete mezes. A ama que o alimenta, se lhe faltar a paga, abandona-o, porque é pobre. Temos pois o pequenino desamparado. Onde quer o senhor frei Silvestre que o levemos de modo que a mãe o esqueça?

— Eu... não sei...—balbuciou o arrabido.

— Não sabe? A meu vêr, o expediente mais summario seria matal-o, afogal-o entre as mãos ou n'um poço. Aquelles anginhos facilmente vôam das mãos dos verdugos aos braços de Jesus Christo, que já n'este mundo lhes quiz muito: *Sinite ad me parvulos venire*... Parece-lhe acertado o parecer?

— Vossa paternidade não falla serio!—replicou o outro.—Então não ha outro meio bom a escolher, senão o mais barbaro?

— Temos outro,—volveu placidamente frei Ja-

cintho. — Alta noute pegamos da creancinha, e depômol-a ahi na rua. Se ella não morrer de frio e medo até ser dia, acertará de passar alguma pessoa compadecida que a levante das pedras e a leve.

— Ora, senhor! — replicou o arrabido, isso não é modo de tractar esta materia! Vossa poternidade está zombando!

— Dê-me então o seu judicioso parecer, senhor frei Silvestre.

— Não está ahi a roda dos expostos?

— E' verdade. Não me lembrava a roda dos expostos. Tem vossa reverencia lembranças santissimas. E' de justiça chamarem-lhe santo, muito mais santo que frei Bartholomeu dos Martyres. Este virtuoso arcebispo, sabendo que um pastor de almas, um abbade, um sacerdote de Christo e director espiritual de virgens e esposas, tinha um filho a occultas, disse-lhe com o menino pela mão: «Conhe«ceil-o?... Já que sois pae, ensinae-o bem, e sa«bei-lhe dar vida, e não offendaes mais a Deus». Isto foi dito a um ministro que sagrava o pão e o vinho, a um recoveiro d'almas para o céo, a um archote de luz divina levantado nas trevas da ignorancia das suas ovelhas montezinhas e propensas a encarecer a relaxação do pastor. Ora intende o senhor frei Silvestre que o santo arcebispo induziria uma secular recolhida n'este mosteiro a remessar á roda dos engeitados, á garganta d'aquelle abismo de tenrinhos cadaveres, o filho de tres annos, a creancinha tantas vezes ungida pelas lagrimas amorosas de seu pae! Que lhe diz lá de dentro a sua consciencia, padre! Tem-na contente por ter enchido de terror e fel o coração d'esta pobre mãe? Acha edificante lanço arrancar-lhe as entranhas mater-

naes, e encher-lhe o seio de imagens do inferno que a trazem espavorida, estupida e até desnaturada dos sentimentos de gratidão para mim, que a salvei nos meus braços, quando a miseria, peor que a morte, a ía talvez levar á voragem das perdidas! Que santo é vossa reverencia, que vem aqui fazer o mal que nem as legiões infernaes confederadas conseguem vingar! Responda, padre, se a vergonha ou o remorso o não estrangularam!

— Vossa paternidade não me ultrage! — exclamou o arrabido, apertando o passo para fugir ao ancião, que tremia mal seguro ao encosto da bengala.

Ainda assim, frei Jacintho desandou para onde o outro se escapulia e disse-lhe em voz muito para ouvir-se no interno do convento:

— Eu voltarei ámanhã com o filho de Angelica, senhor frei Silvestre. Depois, hade aqui vir o braço da justiça dos homens para arrancar d'entre incautas senhoras um diffamador da justiça e bondade de nosso Senhor e Pae. Estas bestas feras, que teem a caverna nas egrejas, teriam dado de travez com a religião de Jesus, se ella não fosse divina!...

O arrabido entrava no templo, quando frei Jacintho, concluida a apóstrophe, saiu do pateo do mosteiro. As janellas, que abriam sobre o adro, estavam cheias de freiras, seculares e creadas. Algumas choravam de consternadas pelo vexame do seu confessor. As freiras novas riam sob-capa e davam palmadas nas ancas respectivas umas das outras.

As beatas. que foram espreitar do côro o arrabido, viram-no em joelhos, braços em cruz, e olhos levantados a uma imagem do Salvador. Choraram

copiosamente. Os soluços de algumas eram arrotos do bôlo alimenticio mal esmoido por effeito das afflicções do coração e outros intestinos.

Combinaram-se no côro as attribuladas, e indireitaram d'alli á cella de Angelica Florinda. A inferma estava sentada no leito a chorar, porque já sabia os acontecimentos da portaria. A mais authorisada das religiosas entrou, louvando nosso Senhor Jesus Christo e disse:

— Estamos muito consternadas, senhora Angelica! O santo frade arrabido acaba de ser agora enxovalhado pelo outro frade que a senhora conhece, e que está bem longe de ser o varão de Deus que por aqui se dizia...

— Não diga isso, minha senhora, que elle é muito bom homem... — contrariou Angelica.

— Será; mas nós não queremos que nos venha injuriar o nosso confessor lá o bom homem que a senhora Angelica defende. Se lhe deve obrigações, nós não lhe devemos nenhumas. E, se a senhora Angelica não põe côbro a isto, o melhor é sair do convento e não estar sujeita a obedecer ás donas d'esta casa, que são as freiras.

— Bem sei, minhas senhoras; mas não me culpem, que eu não sabia nada. Deus conhece quanto me custa o desgosto do senhor frei Silvestre... Elle bem sabe a causa disto...

— A causa disto lá a disse o outro frade bem alto. Quer que vossemecê vá vêr o seu filho á grade. Isso não póde ser. Se até aqui os maledicentes desacreditavam este convento, que dirão elles agora? Que vem aqui as creancinhas vêr as mães! E, depois, ninguem pergunta de quem é filho o pequeno. O que elles dizem é: «lá vae uma creança vêr a

ao convento»; e as freiras é que o pagam...
receio, que esta madre tinha de pagar com os
creditos, era menos mal fundado. Trinta annos
dera suspeitas de ter assentido ao preceito da
plicação da especie; todavia, bem pudera ella
mer-se da calumnia em annos tão adiantados
alidades corporaes tão persuasivas da continen-
que nem o proprio Anti-Christo — a ser verda-
que hade engendrar-se em freira — quereria en-
jar n'aquella tinhosa ovelha do rebanho de frei
estre.

— Minhas senhoras, — exclamava Angelica pondo
mãos — não me deitem fóra d'esta santa casa,
que eu prometto pedir ao senhor frei Jacintho de
Deus que não volte aqui. O senhor frei Silvestre
hade perdoar-me, vendo a minha innocencia...

— Pois arrange-se lá, e prepare-se que ámanhã
cá tem o frade e mais o filho. Elle lá o disse a berrar
cá para as janellas. Um velho d'aquella idade
não tem vergonha de andar com um filho do crime
pelas portas d'uma casa religiosa! E' malhado e
basta!

Disse e saíu para o côro com as outras a regougar
os psalmos de David.

O' sublimadas poesias, desastrado destino vos
pôz nos beiços saburrosos d'estas gosmentas! Se
as harpas plangitivas do oriente cuidariam roufinhar
pelos meatos nazaes d'estas madres, que vos fazem
arpejo ás lamentações com assobios de esturrinho!...

VII

A piedosa demencia

De maneira que temos um Deus cuja vista nos hade meter juntamente vergonha e temor.

FREI JOÃO CARDOSO.—*Jornada da alma.*

A' mesma hora do seguinte dia lá surge frei Jacintho e mais a ama e o menino no humbral do portão.

Já uma servente o está esperando com a chave de uma grade. O monge subiu e a senhora Maria logo atraz d'elle, resmuneando:

—Ora graças a Deus! Ía aqui o diabo hoje, se ella não viesse cá...

Faz favor de ir calada, senhora Maria!—admoestou frei Jacintho.

—Não, que a gente rebenta se não desempacha a raiva. Uma creancinha tão linda! Haver uma mãe que não quer ver este serafim! vossa senhoria hade deixar-me dizer-lhe duas palavras a ella.

— Não a deixo dizer palavra alguma; e, se estiver com juiso, tem uma prenda. Conte com um saiote vermelho.

— Ora está dito! Ainda que dê um estoiro, não digo nada...

Abriu-se a porta interior da grade e saíu Angelica Florinda acompanhada de uma senhora de meia idade, já conhecida de frei Jacintho. Era a freira de quem tinha sido creada Angelica.

— Eu vim, senhor frei Jacintho,— disse a religiosa — movida pela compaixão que me está fazendo esta creatura.

Proseguia a freira, quando Angelica, enfiando os braços pelas grades, rompeu em gritos, exclamando:

— Meu filho! meu amor! meu querido anjo!... Vae para o céo, filho da minha alma, vae para o céo, e pede a Deus por teu pae, pede-lhe que o não lance no inferno para todo sempre!

Caíu como exhaurida de alentos na cadeira e desatou em torrentes de lagrimas.

A religiosa dizia-lhe muitas coisas consolativas; frei Jacintho de Deus expremia graves reflexões á cerca do indiscreto medo que incutiram no fraco espirito da mulher quanto ao destino da alma de Thomaz d'Aquino. A ama, estreitando muito com o peito a creança espantada e medrosa, resmungava:

— Má mez p'ra ella, que quer que o filho morra! Tem dez diabos no corpo a criatura!...

Frei Jacintho de Deus, proseguindo nas suas reflexões, disse á freira:

— Em summa, senhora, esta mulher não pode aqui estar, nem precisa estar onde por força hade ser mal vista, embora se macere com penitencias e eve o seu ascetismo até á desmoralisação de rene-

gar o filho. Angelica, é necessario que te retires d'este convento. Irás para outro; eu te escolherei em Guimarães ou Braga mosteiro onde possas amar e servir Deus sem romper os laços que te prendem ao teu filho. Queres sair?

Ella não respondia. A ama deu um salto involuntario sobre a cadeira e bradou:

— Saia d'ahi, mulher! vossemecê parece-me parva!

— Senhora Maria,— murmurou baixinho o frade — tenha prudencia.

— Não me importa cá o saiote vermelho! — clamou ella, pondo-se em pé e gesticulando vertiginosamente. — Está-lhe o senhor frei Jacintho a dizer que lhe dá outro convento, e ella tanto faz como nada! Querer que morra o filho! p'raquê? p'ra ir a pedir a Deus que tire o pae do inferno! Ora esta! qual inferno nem qual diabo! Deixe-se d'isso, mulher! não ha inferno nenhum. O inferno é cá n'este mundo. Quem não tem que comer nem beber, nem umas palhas em que se deite, isso é que é inferno. O mais são parolas dos frades. D'este que aqui está, não. Olhe, se o senhor frei Jacintho lhe diz que o senhor tenente está no inferno!...

— Jesus, que mulher! — disse já impacientado o frade. — Deus me dê paciencia por quem é!

— Está bom, eu já não digo nada; e... sabem que mais? o melhor é eu ir-me embora, e fique vossa senhoria cá. Já viu o filho? não o quer ver mais, senhora Angelica? Adeus, passe por cá muito bem! Olhe que o menino póde bem com as saudades. Parece que adivinha! Olhou para ella e tomou-lhe medo. Pudera! não que ella está como se a desenterrassem! Isso é que é estar no inferno, senhora Angelica... Pagou bem ao senhor tenente...

quer-lhe atirar á roda dos engeitados o filho!... Credo!... deixa-me ir d'aqui, que me ferve o sangue!...

E saiu com o menino muito abraçado n'ella.

— Que mulher, meu Deus!—disse a freira.—Não ha nada mais mal criado!

— O que me espanta não é ella, minha senhora, — disse o monge.— O que me assombra é essa outra mulher que ahi está! Que refinada crueza! Como esse coração morreu inteiro, e tão vergonhosamente morreu! Viu sair o filho e nem um brado... nem um gesto!... Faz-me horror!...

E ergueu-se a tremer e a enchugar os olhos.

Angelica estorcegava os dedos, inclavinhava-os levantando as mãos ao céo, apertava as fontes, escabujava, estorcia-se, expedia ais estridentes.

— Mas que significam todos aquelles phrenesis? — perguntava o frade. — Que é aquillo? Esta mulher estará demente, senhora!...

— Não está — disse a freira.

— Não estou doida... Peor, mil vezes peor;— exclamou Angelica a impulsos de gritos entrecortados de soluços — estou condemnada ás penas eternas... Não posso já salvar o desgraçado que roubei a Deus, nem salvar-me a mim... Perdi a esperança de o encontrar no céo...Nunca mais... nunca mais...

As agonias apertaram-lhe a garganta de modo que fazia dó ver o arquejante esforço que ella punha para respirar.

— Não me digam que esta mulher não insandeceu! — murmurou frei Jacintho.— Isto é irremediavel!... Ahi está uma filha espiritual do santo frade arrabido! E' essa creatura que já tem o melhor da vida morto em si: coração e razão morreram! Ahi está! Quem

te viu, Angelica! que pena me fazes!... Por que me não hade a divina Providencia fazer o milagre de te resuscitar, mãe morta, e intelligencia perdida!... Bem! faça-se a vontade do Senhor!... Angelica! eu não torno a ver-te... adeus! Por pouco que viva o fraco alento que tens, eu irei deante, e pedirei a Deus por ti. Quanto a teu filho, não temas que elle cá te volte. Vae comigo, por que é o filho de Thomaz d'Aquino. Eu direi a meus sobrinhos que não desamparem o orphão, e lá em cima pedirei ao Senhor que dê entranhas de pae aos protectores do menino. O supremo juiz pedirá contas ao frade que te reduziu a isso, pobre louca! Não temas o inferno, que a responsabilidade de teus crimes já não é tua: é do teu confessor.

As ultimas expressões não as ouviu já Angelica. Tinha perdido os sentidos, acostada ao hombro da religiosa.

Frei Jacintho de Deus pôz então as mãos, levantou os olhos e disse:

—Senhor! se chamasseis a outra vida o espirito d'esta pobresinha!...

E continuou orando mentalmente.

Angelica estremeceu. O frade quedou-se breve espaço a ver-lhe o rosto nos braços da religiosa, e saíu em silencio.

VIII

Passou

> Este és el fin del siervo de Dios, y el remate que tuvieron sus trabajos.
>
> FREI AGOSTINHO ANTOLINEZ — *Vida de S. Juan de Sahagun.*

Estes conflictos pesaram nos debeis fios da vida do frade. Entrou-se de grande tristeza e paixão. O velho acreditou que Deus lhe entregara aquella mulher e o filho. Era uma illusão da alma excellente, da virtude em summo gráo. Se isto fosse já fraqueza de espirito, bem lh'a compensava tão adoravel robustez de coração.

Restava-lhe o menino em que dispender o seu inexhaurivel thesouro de caridade. Foi para a sua aldeia. Gratificou liberalmente a ama. Venceu-lhe com dadivas a resistencia, e assoldadou-a por mais um anno de criação.

As mesadas de Angelica não descontinuaram. E ella, apezar do dissabor do frade, não as regeitava.

E' que o santo da Arrabida, bem que a reduzisse a escasso alimento, não lhe alvitrou o modo de dispensar-se totalmente de comer. Angelica recebia a prestação mensal do benedictino.

A familia de frei Jacintho apparentava alegre condescendencia com a dispendiosa caridade do tio; ainda assim, no secreto de suas reflexões, cada um perguntava a si mesmo se o frade quereria dar partilha na casa ao rapazinho que trouxera, sendo que o avantajava aos netos de seu sobrinho em mimos e affagos. Era mais que muito natural o ciume e perdoavel o reparo. O frade tinha dado tudo, é verdade, mas não lhe remanescia nada que prometter.

Foi-lhe facil ao monge capacitar-se de que não festejaria o anniversario dos seus oitenta e dois. Faltou-lhe o lume e energia interna de que elle se jactava, dizendo-se moço na alma embora o estojo gretasse de velhice, como antiga caixa de joia que os seculos não delapidaram. E usava tambem dizer de si com certo sabor antigo: «este corpo é gaiola velha de ave immorredoira: não tarda que o gradeado de cana caia de carunchoso, e o passaro se vá voando ás regiões do perpetuo estio.»

Em janeiro de 1836, frei Jacintho de Deus forcejou de balde por sair do leito. Sentava-se e recaía contra o espaldar.

— Não teimarei, — disse elle com imperturbada lucidez e conformidade. — O corpo está a pedir a posição horisontal do descanço; a alma pucha por elle para cima: é que se está ensaiando para desferir vôo para o alto. Agora é tempo de dar á caridade a sobrevivencia que puder, para que eu não morra todo para o meu orphão...

E, chamando á beira do leito o sobrinho e filhos,

fez-lhes esta pratica mui pausada e n'um tom socegado de quem dá ordens e conselhos aos familiares para que a sua ausencia temporaria não desordene o bom regimento da casa:

— Meus filhos e amigos, estou para pouco d'esta vida em que vos deixo. Chego primeiro que vós á outra, por que vou em oitenta e dois annos de jornada. Na estrada que trouxe, encontrareis alguns indicios da minha passagem, dos quaes tereis motivo de alguma honra, e os mostrareis aos vossos filhos e netos á imitação dos fidalgos que dão a ler aos seus infantes as paginas da historia patria em que figuram heroicamente seus avós. Fidalguia de bons feitos, brazões de caridade e aforados todos no livro dos filhamentos da casa de Nosso Senhor Jesus Christo, isso é que eu vos deixo, meus amigos. Considerae, todavia, que a nobreza quer-se alimentada sempre com o forte sustento que a gerou: senão bastardeia-se e corrompe-se. Se me não continuardes as obras que eu principiei e as não concluirdes conforme a traça que vos deixo, sereis indignos dos beneficios que recebestes de quem vos deixou esta casa e foi com sua voluntaria pobreza coitar-se no cubiculo de um convento. Em comparação de muito que vos dei pouco vos peço. Ora ouvide as minhas disposições e Deus seja testemunha que vos accuse e juiz que vos condemne, se as não cumprirdes. Enviareis a Angelica Florinda a mesada que eu lhe tenho dado. Dareis a Jacintho de Deus, logo que elle perfaça os seis annos a educação que tiverem os vossos pequenos destinados á carreira das sciencias. Se elle, n'esta idade, tender á vida de clerigo, ordenae-o; se á milicia, assentae-lhe praça; se ao commercio, estabelecei-o. Não o aconselheis nem

forceis, salvo se na escolha se denunciar incapacidade mesma de escolher. Pelo que é da mãe, se ella alguma hora quizer sahir do convento e ajuntar-se ao filho, recebei a; se o filho quizer ver sua mãe, deixae-o ir; mas vigiae-lhe os passos fóra do trilho innocente da vossa aldeia. Estas duas desventuradas creaturas, que deixo no aconchego da vossa caridade, são filhas da minha alma. Não m'as esqueçaes; não menoscabeis a minha memoria, desamparando-as; que eu não vos quero maior tormento que o remorso da ingratidão a quem tudo deveis. Desde este momento estaes debaixo da vigilancia da Divina Providencia.

O sobrinho e filhos de frei Jacintho disseram que a vontade de seu tio seria religiosamente satisfeita.

O monge ainda viveu alguns mezes entrevado. No decurso penoso d'esta paragem á beira da sepultura, nunca as fortes dores vingaram quebrantar-lhe o pulso da paciencia. Algumas alegrias lhe deu ainda o Senhor. Eram as cartas de Angelica Florinda, escriptas sob a impressão da saudade e reveladoras de coração muito agradecido. Realçava n'ellas, porém, o espirito ascetico, transviado da razão, infernado em medos e remorsos de ter levado á perdição a alma de Thomaz d'Aquino.

Frei Jacintho respondia-lhe por seu punho breves palavras, terminando as cartas com este invariavel exorcismo: «Filha, Deus te defenda de todo o mal e do frade arrabido que além de mau é estupido, e, além de estupido, incorrigivel.»

Corria o oitavo dia do mez de abril, quando o frade pediu que lhe vestissem o seu habito de benedictino e abrissem de par em par as janellas do quarto, para poder despedir-se da sua ultima primavera.

— O homem vive pouco,—disse elle serenamente.
— Estas arvores tão vestidas de gala já meu pae as plantou. Eu, mui pequenino, já subi a colher a fructa acolá por aquelles ramos! Caduquei... e ellas florecem como ha cem annos. Ainda cá ficam, ôcas e roídas, mas a florir e fructear... Que somos nós, se não produzirmos flores e fructos de amor e bemfazer?! Menos que arvores.

Sobreesteve a remirar a florescencia das fructeiras, cogitativo e silencioso. Rolou-lhe vagarosa uma lagrima a desfazer-se nas barbas alvas e arriçadas que se lhe espessavam por todo o rosto.

Bem que minguada de espiritos levantados áquelle compungido scismar do ancião, a familia chorava. Ha uma altissima poesia, tão da natureza e ajustada ao commum sentimento que a toda a alma afervora e lhe aquece os gelos da insensibilidade. Era quadro para enlevo de tristes, aquelle!

O ancião relançou a vista do céo e das arvores para a formosa cabeça do filho de Thomaz. Estendeu o braço, acenando-lhe; a creança abeirou-se do catre, e sob-poz a cabeça á mão do velho.

— Mal te lembrarás de mim, quando fores homem!...—lhe disse o monge.—Olha, filho, repára, vê-me bem, nunca me esqueças, não?

— Não, senhor padrinho,— respondeu o menino.

— Deixae-me só,—disse frei Jacintho—e convidae o abbade a que me soccorra com os sacramentos. São horas de entroixar para a grande viagem.

Apoz a communhão e a unção extrema, o moribundo resou alternadamente com o sacerdote os psalmos penitenciaes. Os derradeiros versos a custo os exprimiu sillabicamente. Calou-se o abbade, cuidando que elle descançava. A respiração era so-

cegada, mas quasi inaudivel. D'ahi a segundos, não vivia; mas aquelle estado não podia ser morte. Era, como diz a gente das nossas aldeias, *passar*: vocabulo sublime que nos vem de algum superior espirito, que o achou assim nas suas lucubrações sobre o mysterio da immortalidade, e os latinos o perfilharam para o inthesourarem depois os christãos. *Transire*, «passar, ir para além» diziam elles. Oh! não me deparareis outro de tanta uncção e verdade para vos eu dizer como foi o evolar-se d'aquelle grande espirito do monge. *Passou*. Além, a luz perpetua, a glorificação das intelligencias salvadoras, o foco divino recebendo o raio luminoso que se apagara na terra. Áquem, um rosto glacial, com o riso do adeus ao mundo em que deixara alguma parte de sua essencia de anjo, e á volta d'elle a contemplação e o chorar de velhos e creancinhas.

IX

Tres bofetões sacrilegos

Materia de harta lastima para unos, y risa para outros.

FRANCISCO SANTOS. — *El rey Gallo.*

A noticia do trespasse do monge engolfou a recolhida de Santa Clara em tristeza tão fechada, que não havia admoestações do confessor nem caridosos disvelos de algumas religiosas que lhe abstrahissem o animo.

Era uma nova phase d'aquella alma enferma, uma extravagancia de consternação irracional como as outras.

Agora o seu terror do inferno acrescia-lh'o a falta de frei Jacintho de Deus, de cujas orações ella esperava muito. O frade arrabido ganhou despeito com esta confiança da sua filha espiritual n'um petulante que o desfeiteara publicamente, e recusou-se a absolvel-a emquanto ella não se accusasse em

confissão de ter peccado, ajuisando tão incompetentemente efficases as orações de frei Jacintho.

Angelica recusou-se clamando, que antes queria perder sua alma que negar as virtudes do seu bemfeitor. Frei Silvestre do Coração Divino demittiu-a de sua confessada e disse ás outras filhas espirituaes que Satanaz o vèncera, roubando-lhe o espirito de Angelica Florinda.

Formou-se conjuração declarada contra a secular. Com visos de lastimal-a andavam as freiras mysticas insinuando á prelada a necessidade de reduzir Angelica á submissão do fradinho, ou então dar-lhe o dinheiro com que ella comprara a entrada e mandal-a á sua vida. A prioreza respondeu que a secular buscaria outro confessor. Custava-lhe á compadecida religiosa compellir a triste mulher a sair do mosteiro n'um estado tal de espirito que não iria longe da loucura. Além de que, a pobresinha, cada vez mais rezadeira e recolhida, não saía do seu cubiculo ou do côro. Não obstante, o serafico bando do arrabido teimava por uma das duas satisfações a frei Silvestre : obedecer-lhe ou sair.

Ora, como a secular não podia ser admittida nem despedida sem votação da communidade, a prioreza recorreu ao suffragio, depois de ter perguntado a Angelica se queria obedecer ás prescripções de frei Silvestre. A resposta foi de lagrimas, porém, o chorar era negar-se a descrer da efficacia das orações de frei Jacintho.

Posto o litigio em escrutinio, decidiu-se por maioria de seis votos, sendo trinta e sete as votantes, que Angelica fosse despedida.

Depois do quê, os dois partidos affrontaram-se de insolencias tamanhas que por um til não vieram

ás mãos. As beatas defendiam-se com desbragado tiroteio de remoques á deshonestidade das mais novas. Estas, exhumando escandalos tradicionaes, recocheteavam as mesmas ignominias, aceradas pelo escarneo, á cara das velhas. S. Francisco e Santa Clara ascondiam, de puro envergonhados, os seus bem-aventurados rostos, lá no empyreo, por detraz dos rabecões dos anjos.

No entanto, Angelica foi avisada do successo. A freira, sua antiga ama, sobre todas, saira desesperada do acto da votação, e foi dizer-lhe que não saisse ainda que a intimassem; que ella ia fazer um bom serviço á paz do convento.

Esta religiosa já se disse que era constitucional. Tinha irmãos e mais parentes no exercito. Escreveu para Lisboa chamando um sobrinho aspirante de cavallaria. O rapaz, amantissimo da freira que o trazia captivo de umas peças de duas caras com que o brindava ás vezes, licenciou-se e apresentou-se no convento. Contou-lhe a tia o caso do arrabido com a secular e a desordem que elle motivara entre as religiosas. O aspirante dispensou a tia de expender o fim para que o chamava.

—Deixe-me com o frade...—disse o rapaz.

—Mas não me exponhas... vê lá como fazes isso... Encarrega outra pessoa...

—Não cedo a ninguem o prazer de dar duas cambalhotas a um santo.

Pesquisou o aspirante, e soube que o frade passava as noites em casa de umas fidalgas onde se entretinha edificantemente a coordenar, n'uns relicarios, esquirolas de ossos de varios santos, trazidas do seu convento. Diga-se de passo que o frade proprietario d'esta preciosa ossaria tinha distribuido

no paiz tal porção de falanges dos dedos de S. Bono presbytero e martyr, que preciso lhe fôra ter o santo mais braços que Briareu, para que todos os ossos fossem d'elle. Com quanto não vendesse a pezo nem a olho estes arcaboiços desfeitos, a grangearia de dinheiro, que lhe advinha d'este commercio ao arrabido, era tal e tanta que o frade já tinha comprado boas leiras na sua terra, e esperava comprar outras com o producto de um tornozelo de carneiro, que já tinha desfeito em lasquinhas e consignado ad iferentes santos e santas.

Uma noite, que frei Silvestre levava n'um saquinho de velludo escarlate as veneraveis reliquias de um joelho de S. Cucufate e um piramidal do pulso de Santa Simphronia, saiu-lhe debaixo do Arco de Vandoma um encapotado e fallou-lhe com esta concisão:

—Frade, vossemecê nunca mais ha de pôr as seraphicas patas no convento de Santa Clara. Se as puzer, leva quatro duzias de cachações. E para que vossemecê faça uma idéa do mimo que lhe prometto, receba já por amostra, e não por conta, esta meia duzia.

Não a recebeu inteira o frade, porque ao terceiro estava no chão, com as ventas contusas de modo que, se aproveitasse os ossos nasaes, poderia emcampal-os como nariz de algum martyr de Diocleciano.

O aspirante escapuliu-se impunemente. Frei Silvestre desandou para casa e concertou as ruinas do aspeito desinformado. No dia seguinte, esteve a caldos, e enfardelou a bagagem. Ao outro, despediu se de muitas confessadas, dizendo que um anjo lhe apparecera em sonhos e o mandara sair dentre os malhados que tentavam assassinal-o.

Ao convento não foi. Escreveu á mais espiritual das suas filhas, contando-lhe o sonho, e pedindo-lhe as suas orações, mandando lhe por esta occasião uma boa lasca do tornozelo do carneiro, repartida em onze esquirolas, para que, em memoria d'elle, cada uma das suas confessadas ficasse com uma reliquia do milagroso S. Cornelio.

As onze beatas berraram de afflicção.

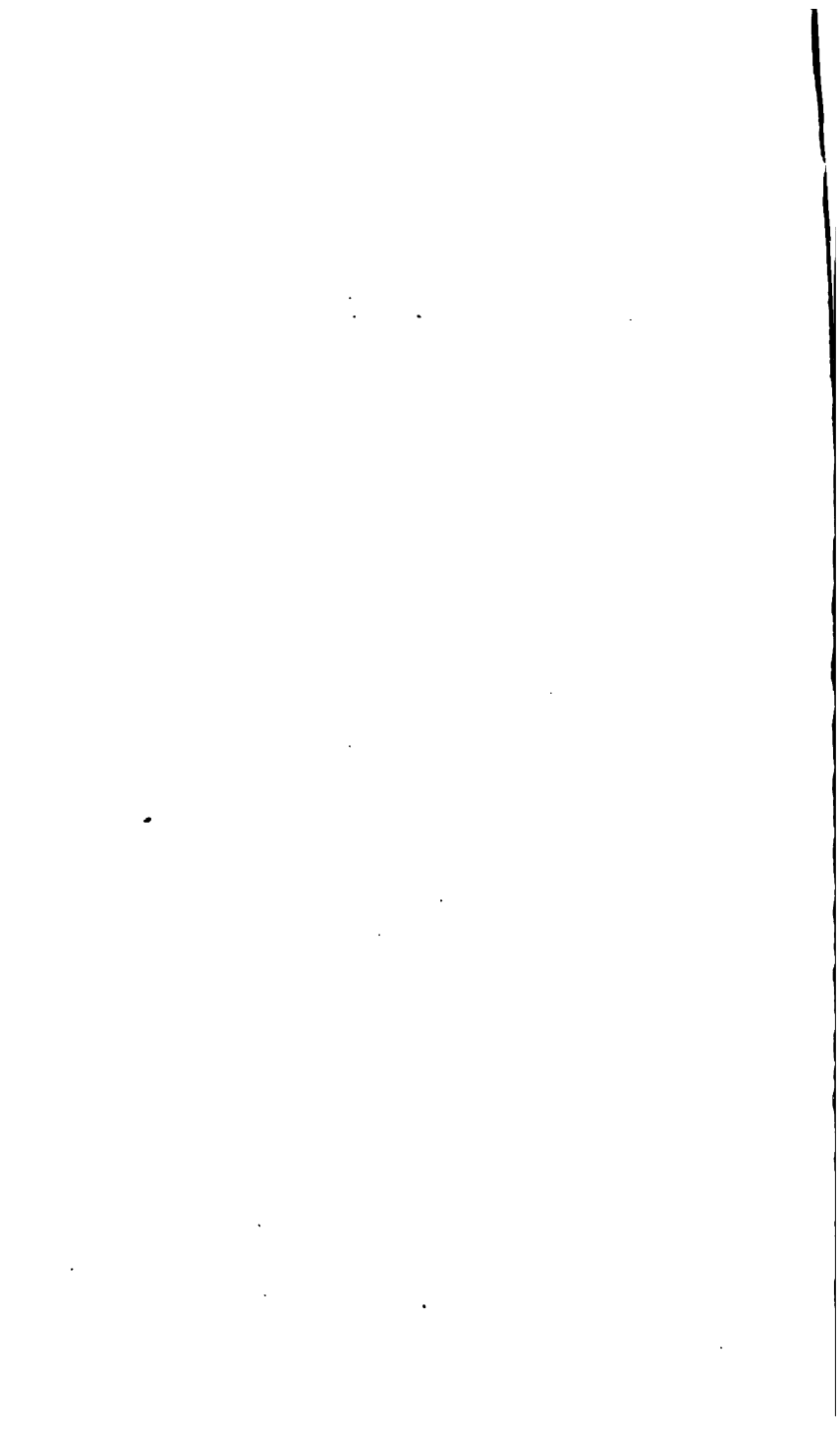
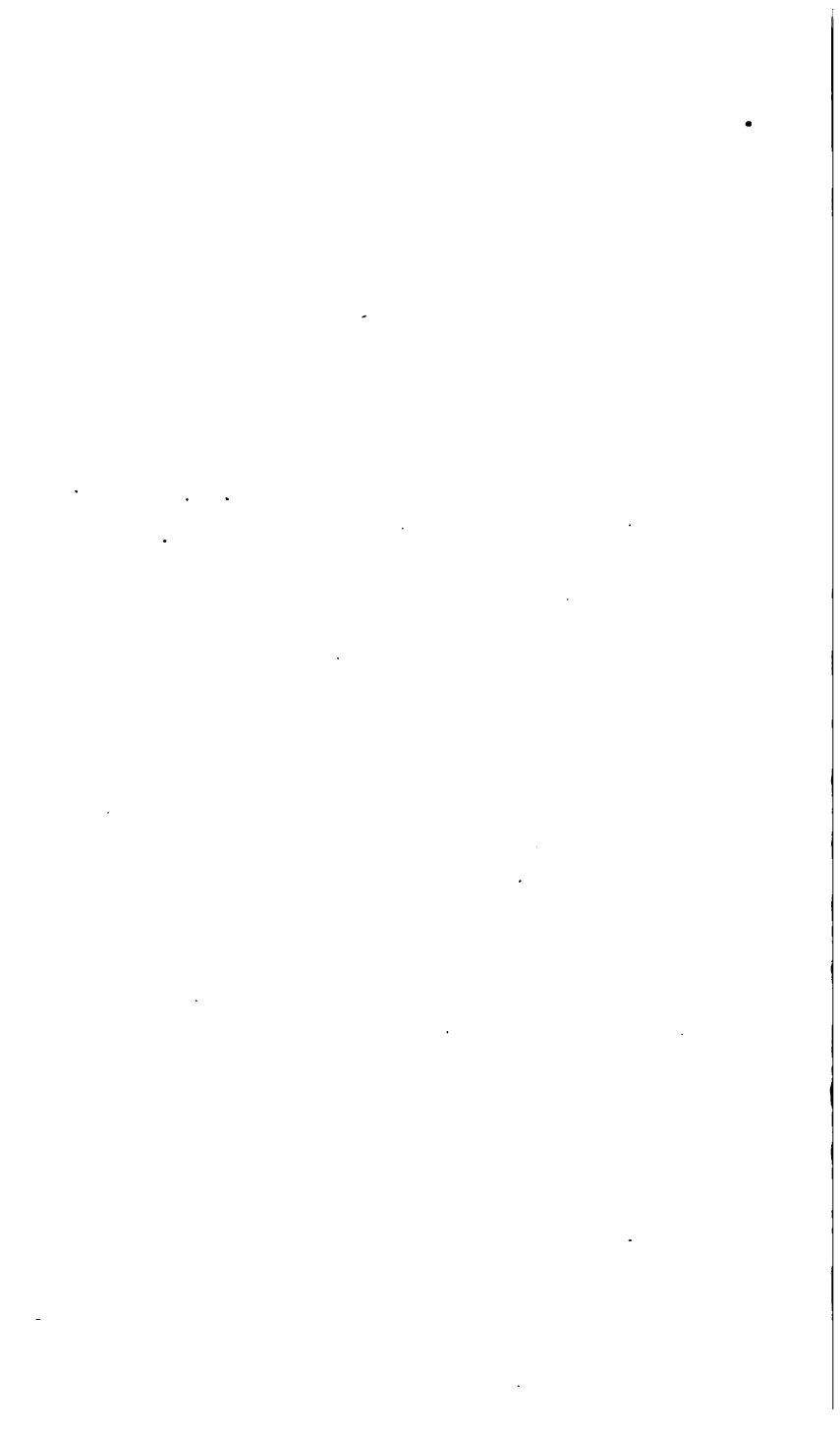
Ao mesmo tempo, a minoria das peccadoras espojavam-se a rir na cella da tia do aspirante. O pacificador do mosteiro ía já caminho de Lisboa bascolejando na algibeira seis sonoras peças que a tia lhe pozera na mão sacrilega.

Angelica Florinda já tinha desafogado a maior oppressão dos escrupulos aos pés de mais illustrado director; mas a chaga cancerara tanto aquella razão inferma, que não havia já caustico de austera e luminosa religiosidade que lh'a cauterizasse.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

QUINTA ESSENCIA DO AMOR DIVINO

I

O filho de Thomaz d'Aquino

Este é o verdadeiro amigo.

Frei Heitor Pinto — *Imagem da vida christã.*

Vejamos a pontualidade com que procedeu a familia de frei Jacintho na execução dos legados. Do encargo da mezada á secular dispensou a o brio de Angelica, senão antes a consideração, isempta de orgulho, de que lhe era a ella menos penosa de receber a esmola de sua antiga ama que a de estranhos, de quem ella não vira a face sequer. Agradeceu, muito commovida, á pessoa que lh'a entregava, e pediu que toda a caridade, que lhe quriam fazer, a convertessem no filho.

Esta inesperada felicidade alegrou notavelmente o sobrinho do defuncto frade. Quanto ao pequenino, por lá andava entre os da sua edade. Davam-lhe de comer ás horas; vestiam-no como ao commum dos rapazes da aldeia, ou pouco peor: refor-

maram-lhe as botas em tamancos e o chapéo de pluma e fitas em carapuça vermelha.

Aos seis annos enviaram-no á escola regia.

Morava longe o mestre. Saía o menino de madrugada, levava comsigo o almoço frugal de brôa estreme, e voltava ao meio dia, ora queimado do sol, ora a escorrer da chuva. Acariciavam-no assim.

Quando a mãe, sem pejo de si propria, perguntava pelo filho, respondiam-lhe seccamente que andava estudando.

Aos sete annos, Jacintho não sabia coisa de nada; raros dias ía á escola; escondia-se nas devezas a chorar, e lembrava-se muito do padrinho a dizer-lhe: «Não me has de esquecer, não?»

E sentia-se mais confortado, se punha as mãos e resava por alma do monge.

O amparador do menino, avisado do gazeamento, castigou o duramente: pezava-lhe a mão; era bater n'um ente de todo estranho ao sangue, ao coração, á caridade.

O mocinho não se emendava. E' que não tinha vontade de aprender, nem forças para andar duas leguas por dia, ás vezes com fome e não poucas descalço por trazer os pés feridos dos tamancos. Queriam-lhe assim ao querido de frei Jacintho de Deus...

O voto geral da familia do monge foi que se tirasse o rapaz da escola e se lhe désse algum officio. A divergencia já estava sómente na arte. Perguntavam-lhe se queria ser sapateiro, alfaiate ou carpinteiro. O pequeno chorava e não respondia.

Uma vez, estava elle sentado á beira da estrada, caminho do Arco. Passavam duas mulheres visinhas da casa em que elle vivia. Pararam ao pé d'elle e disseram:

— Este menino, que tão aceadinho andava em vida do senhor frei Jacintho de Deus, anda agora assim!...

E, como lhe vissem tremer as lagrimas nos olhos, perguntaram-lhe:

— Ainda te lembras do senhor frei Jacintho, pequeno?

— Ainda.

— E de tua mãe?

— Não me lembro nada.

— Por que não vaes para onde a ella?

— Está no convento.

Uma das mulheres deu-lhe um pedaço de pão, que elle aceitou.

N'este comenos, vinha passando um velho cavalgado sobre um possante macho; e como visse as mulheres muito fitas no lagrimoso rapaz, soffreou as redeas e perguntou:

— Que tem esse cachôpo?

— Coitadinho! — disse uma d'ellas,— tem o peor que póde ter: não tem nada. Estavamos aqui a dizer que este menino ha tres annos andava vestido de panno fino, e agora traz saragoça cheia de remendos.

— Elle de quem é? — tornou o passageiro.

— Não tem pae, e mãe é como se a não tivesse... Quem o trouve cá para a nossa aldeia foi um fradinho que talvez vossemecê ouvisse allumiar... o senhor frei Jacintho de Deus.

O cavalleiro apeou-se, prendeu n'um esgalho de castanheiro o macho, e achegou-se do pequeno, perguntando-lhe com vivo interesse:

— Como se chamava seu pae?

— Eu não sei,—disse o menino,—acho que era...

— Vocês sabem, mulheres? — disse o velho voltando-se para ellas.

— Olhe, — replicou uma, — eu ouvi dizer a uma creatura ainda sobrinha do senhor frei Jacintho, que o pae d'este rapaz era da tropa dos malhados e que morrera na guerra de Lisboa.

— E a mãe? — sobreveio muito agitado o caminheiro.

— A mãe o que lá dizem é, que era uma rapariga de S. Pedro d'Alvite ahi d'ópé de Refojos de Basto; e tambem lá me contaram, que o pae d'elle tinha sido frade... mas isso acho que será mentira.

O velho aconchegou o pequeno muito de si, amimou-o, e esteve-se algum tempo entalado, antes de lhe perguntar:

— Tratam-no mal n'essa casa onde ficou?

O pequenino abaixou os olhos e deu aos hombros.

— Mal! — respondeu uma das informadoras, — pois vossemecê não vê?! Olhe como o deixam andar pessoas que tem tanto de seu; e mais dizem que o senhor frei Jacintho, Deus lhe falle n'alma, morreu com este menino atrancado nas guelas. Pelos modos, quando estava a expedir, botou lá uma falla, que fazia chorar as pedras, a pedir aos sobrinhos que olhassem por este pequeno como se elle fosse de casa... De comer sabe o que lhe dão? o que comem os creados da lavoira: pão, caldo, e alguma sardinha amarella.

— Não ha muito, — accrescentou a outra, — que eu lhe dei um migalho de orelheira e o pobresinho comia como se tivesse fome de tres dias. Agora ouvi dizer que o vão metter no mestre a dar tempo para alfaiate...

— Com effeito! — exclamou o velho, — bons parentes tinha frei Jacintho!

E, levantando-se de salto, foi desprender o macho, abeirou-o de uma pedra, cavalgou, e disse ás mulheres:

— Botem-me cá para cima esse pequeno.

— Então vossemecê leva-o?! — perguntaram ellas espantadas.

— Botem-m'o para cá! Salte sem medo, menino!

O pequeno não hesitou; sentou-se na dianteira do albardão, e poz se a olhar entre-alegre e maravilhado no rosto do velho.

— Vocês, se quizerem, mulheres — disse o passageiro, — vão a casa d'esses máos homens, e digam lá que este menino foi levado por um velho creado de seu pae. Se elles quizerem alguma coisa d'elle ou de mim, que perguntem por João Antonio, negociante de cêra e mel em Freixieiro. Lá estou.

O ex-leigo de S. Miguel de Refojos ía dizendo ao filho de Thomaz d'Aquino:

— Vá alegre, meu menino, que vae com um amigo de seu pae.

II

Coração morto

> Disse Nosso Senhor a Santa Catharina de Sena: «Cuida tu sempre de mim que eu cuidarei de ti...» De nenhuma coisa devemos ser sollicitos senão de como havemos de agradar a Deus.
>
> MANOEL SEVERIM DE FARIA — *Promptuario espiritual.*

João Antonio, primeiro de tudo, vestiu o menino á feição dos mais apontados no vestuario, e foi com elle ao Porto.

Angelica Florinda alvoroçou-se, quando lhe deram parte de ser procurada por um velho, que dizia chamar-se o João Antonio de S. Pedro d'Alvite, e trazia comsigo um pequeno.

Foi ao palratorio; antes, porém, de mostrar-se, quedou a reprezar a vehemencia do coração, para não deixar-se arrebatar de peccadora alegria. Venceu-se. Venceu o demonio que por um triz lhe não mette no peito um coração maternal. De maneira

que entrou á grade com tão carregada sombra e glacial compostura que dirieis serem o velho e o menino inteiramente estranhos a tal mulher.

Ora o ex-leigo viu-a e não a conheceu. Ía dizer-lhe que procurava outra pessoa, quando ella perguntou:

— Já me não conhece, senhor João Antonio?... Estou muito acabadinha... Os trabalhos e afflições que a bondade do Senhor me tem mandado...

O velho enchugando as lagrimas, disse ao menino:

— Senhor Jacintho, peça a benção a sua mãe.

— Dê-me a sua benção, minha mãe? — disse o menino.

Angelica, sem responder, arquejou em ancias de respiração mal suffocadas, e depois rompeu em alto chorar e gemer, não obstante abafar a bocca, sobrepondo-lhe o lenço com as mãos ambas.

Durou minutos esta lucta da natureza com o ascetismo, do amor materno com divino amor.

O velho não entendia aquillo ou entendia mal. Cuidou que era estremado jubilo que a fazia chorar, e disse:

— Ha muito que a senhora Angelica não via o seu filho? Aquelles malvados sobrinhos de frei Jacintho já lh'o deviam ter trazido muitas vezes. Mas quê! os patifes não lhe davam que vestir de modo que elle pudesse mostrar-se. Em que estado eu topei este menino! Elle ahi está que lhe conte as fomes e maus tratos que soffreu... A senhora Angelica nunca devia deixar-se estar tantos annos, mais de quatro, sem ver o seu filho!

— Pois elle...— atalhou ella,— já não está com os parentes de frei Jacintho de Deus!?

— Qual! está commigo. Foi Deus que me guiou para aquelles sitios... Achei-o rotinho; levei-o para minha casa, onde, graças ao Senhor, ha pão de sobra e meia duzia de cruzados novos bem merecidos. Vesti-o do melhor modo que os alfaiates souberam. Elle aqui está, o filho de meu amo, do meu pobre Thomaz... Desde que lá o tenho, parece-me que me entrou em casa o meu amo resuscitado. Sonho com elle todas as noites... Não ha velho mais feliz do que eu! Medo não me faltava que os tratantes m'o viessem pedir por terem vergonha de lh'o eu levar. Agora foram elles! Dinheiro dariam os cafrinos por que lh'o tirassem de casa... Ai! se a senhora o visse...

— Meu Deus!...—murmurou ella,—acabae de me castigar que eu já não posso com tanto!...

— Então que é isso?! — clamou João Antonio.— Não queria que eu levasse o menino?...

— Queria... — balbuciou ella.—Eu cuidei que elle era feliz... Mas nada posso fazer em bem d'elle... Vivo de esmolas, porque não posso trabalhar...

— Vive de esmolas!—interrompeu o velho.— O' creatura! olhe que eu tenho de mais para todos tres! Quer a senhora vir para a companhia do Jacinthinho? Está dito! Venha comnosco!

— Não posso...—disse ella entre soluços,—não posso... A minha penitencia tem de ser grande... A alma do senhor Thomaz precisa que eu nunca mais tenha um dia de contentamento. Se eu não soffrer muito n'este mundo não ha nada que o alivie do fogo do purgatorio.

O velho abria muito a bocca para perceber aquelle processo de tirar almas do fogo; e ella proseguiu, insertando pios disparates á cerca da via purgativa

das almas viadoras, e da efficacia da penitencia para o fim de applacar a vingança de Deus sobre as almas dos finados postas em crizol de expiação purificante.

— Senhora Angelica,—disse gravemente João Antonio:— Eu estive dois annos nos conventos de Tibães e Refojos, lidei com muito frade, toda a vida tenho vivido com elles, aprendi de oitava o meu tudo-nada de theolgia-mystica, e nunca até aos setenta e um, que vou fazer, ouvi essas trapalhadas que lhe metteram na cabeça. A senhora anda mal dirigida, ou não tem o juizo muito escorreito: ha de perdoar, se isto a offende...

— Não me afflija,—atalhou ella em tom supplicativo.— Bem me bastam as mortificações que eu cá tenho dentro d'esta casa... Mas,— proseguiu ella, feita uma curta pausa, com alegre timbre de voz e os olhos a rever pranto ao mesmo tempo,— afflija-me, atormente-me, dê-me que merecer a Deus em desconto dos peccados do senhor Thomaz d'Aquino... Sou muito ingrata a quem me quer ajudar a tiral-o das penas do purgatorio. Tomára eu quem me calumniasse, quem me escorraçasse... até Deus se compadecer de mim e revelar-me que o senhor Thomaz está na bem-aventurança!

O ex-leigo absteve-se de contrariar a mulher, por lhe parecer mais mentecapta que boçal, e, mais que tudo, merecedora de compaixão.

Perguntou-lhe se era contente de estar o menino em companhia d'elle.

— Muito bom é Deus que lh'o entregou,— disse ella.— Escuso de ter cuidado no destino d'este menino; lá está Deus, que é pae, e a Virgem Santa que é mãe.

— Isso é verdade, — tornou o velho, — mas sempre se lembre de que a Virgem Santa, se é mãe dos filhos desamparados, não devemos crer que seja amiga das mães que os desamparam.

— Valha-me Jesus Christo! — exclamou Angelica, — eu não o desamparei... Lá foi o santo frade que o levou, e agora vejo que Deus o tem de sua mão, pondo-o na companhia de quem tão amigo era do senhor Thomaz.

— Pois sim, senhora Angelica,— sobreveiu brandamente João Antonio, — o menino bem está; digo-lh'o eu, e basta. Cá me encarrego de o arranjar na carreira que elle quizer. Dá-me a senhora licença de o governar, sim?

— Deus é quem o governa... — insistiu ella, dando mais relevo á persuação de que Deus lhe tomara o filho, dispensando a de ser mãe, e obrigando-a ao sacrificio de o não ser, afim de, purificada da peçonha que lhe deixara na alma a geração criminosa do filho, lhe serem recebidas as penitencias e orações nas contas do ultimo juizo, assim pelos seus peccados, como pelos gravissimos peccados do cumplice.

João Antonio estava constrangido na grade. Angelica fazia certo enojo. O corpo, os olhos, a bocca, tudo n'ella, a tregeitar de um modo typico de beataria, evaporava um certo fedor de santidade especifica d'aquella especie. Da aversão do local e da beata, encheu-se primeiro o filho, começando por dizer a meia voz ao velho:

— Vamos embora... vamos?

A' terceira rogativa, João Antonio despediu-se de Angelica, perguntando-lhe quando queria que lhe trouxesse o filho.

— Quando Deus lh'o ordenar, senhor João. Eu não tenho vontade senão a do meu Senhor e juiz. Bens não lh'os peço; penas digne-se a sua divina misericordia mandar-m'as todas, que eu não me queixarei.

E, fixando no filho os olhos pavidos e chammejantes, clamou, de tal voz e ondear do seio, que parecia trazer o coração a rasto das palavras:

— Adeus, adeus, meu filhinho... Pede á Virgem Nossa Senhora que te leve emquanto és novo...

— Será melhor que o leve quando elle fôr muito velho, senhora Angelica,— disse João Antonio, affagando a cabeça do menino.

III

As tres vias

Tal se acha a alma namorada que lhe parece que está no inferno ou que o tem em si mesma.

FREI AFFONSO DE MENDIA.—*Da oração mental.*

Desde aqui ao seu termo, esta historia não póde relatar, senão de fugida e com intermitencia de longas temporadas, os factos que encerram e abarcam não poucos annos. A sisuda observação do leitor dispensa que lhe estejam de continuo apontando os mesmos effeitos de um principio funesto. Se tentassemos esclarecer-lhe o ser moral de Angelica, explicar-lhe uma vulgar demencia que mais de uma vez topamos e não vingamos entender, malograra-se empreza, que não teve ainda melhor saída dos laboratorios das sciencias physio-pathologicas. Faz-se mister cavar fundo na vasta livraria da theologia mistica para entender, sequer muito á flôr da terra, como os asceticos percebem e definem as ver-

igens que desconcertaram o entendimento de Angelica Florinda.

Os mysticos rejubilam quando ennumeram os diagnosticos e prognosticos das tres vias do espirito: purgativa, illuminativa e unitiva. Os cathecumenos ou principiantes, no estado de purga, defecam-se dos defeitos da vida passada. Os illuminados, que pertencem á segunda via, esses, como já estão purgados pela primeira, adquirem virtudes, engordam moralmente, como succede aos corpos depois de um bom derivativo. A terceira via é a dos que não pensam já senão em Deus e na sua consubstanciação com o divino (heresia tola que não merece o desfastio da ementa).

A' primeira luz, parece isto facil de entender, e não saltam os porquês de se nos figurarem doidos os sujeitos que, desde a purga primeira até á união final com a divina substancia, se vão transfigurando. O processo parece natural e bem deduzido: primeiro, limpeza; depois, virtudes; por ultimo, santificação. Materialisemos, se é permittido em coisa tão gazosa: primeiro purga; depois, dieta; por ultimo, saude. Ora isto entendem-no não só os illuminados da segunda via, que tambem os sujos, e sujos tão encardidos, que nunca poderiam passar bem limpos da primeira.

Saibamos, pois, o que é que estontea e dementa os inclusos nas tres partes da theologia mystica. Não direi sobre o certo o que seja; mas escudrinhando, quanto em mim coube, o andamento das tres methamorphoses em pessoas que já lá vão, averiguei que a vida do espirito passa por todos os seguintes trabalhos e glorias, indicadas nos praxistas da materia sujeita:

Noite passiva do sentido.

Purgação passiva do sentido, e instrumento da dita purgação.

Illuminação passiva.

Contemplação infusa. Recolhimento. Quietismo. Orações infusas. Embriaguez sobrenatural. Somno de potencias (todas estas coisas vem encambulhadas de uma assentada).

Vistas dos esposos.

As quatro aguas e sete moradas de Santa Thereza.

Visões, revelações e locuções.

Impulso divino, extasis e rapto.

Desposorios divinos.

Purgação do fogo ou do amor.

Matrimonio divino.

Acaba pelo casamento, como as farças da «Abelha Mestra», de «Manuel Mendes Enchundia», do «Medronho», das «Astucias de Zanguizarra», e de tudo que tem bom fim.

Que siso commum, — siso do que a gente gasta no seu uso de telhas abaixo,—queremos que tenha uma alma que principiou na purga e acabou no casamento, com intermittencia de embriaguez, infusões, somno de potencias, «rendez-vous» com os esposos, aguas de Santa Thereza quatro e moradas sete, e ainda, na vespera do casamento, purgação de fogo?

Cabeça que resiste a isto, tambem eu não queria aparar-lhe a marrada!

Não ha entendimento que sáia d'estes laxantes de fogo, digno de entender Deus, segundo a simplicidade com que elle quiz que nós o entendessemos e rogassemos: *Pae nosso que estás no céo, santificado seja teu nome, venha a nós o teu reino, etc.*

Não, senhores. As almas purgadas, illuminadas e unidas chamam á correcção de vicios, *purgação;* á caridade, *illuminação;* á meditação das obras divinas, *embriaguez;* ao inlêvo das maravilhas do creador, *somno das potencias;* á oração, *vistas dos esposos;* ao desapego final dos bens mundanos que nos fundiram meritos á divina recompensa, *purgação de fogo;* á salvação, *Matrimonio.*

Tamanhos transtornos e transposição de palavras, de força hão de desmanchar a ordem de idéas. A insania que d'ahi procede não é a que recebe um cartão de entrada nos hospitaes; mas gosa do privilegio de ter casas filiaes do inferno nas familias onde entra.

Chama-se *beaterio.* A palavra assumiu proporções de zombaria; mas o que ha ahi de lagrimas e lama n'esta palavra não o calcula a chacota nem a indifferença.

Vale a pena ser vista uma d'essas infermas, mais digna de odio que dó: aquella mulher que purgou com as passadas culpas as intranhas de mãe: Angelica Florinda.

IV

Como lhe elle queria

> Sentiu tanto este apartamento que entendi em meus braços fazia a vida a ultima despedida.
>
> MARTIM AFFONSO.—*Tempo d'agora.*

Jacintho de Deus e Aquino, aos nove annos, saíu das primeiras aulas, frequentadas em Braga, com louvor dos mestres e muita alegria de João Antonio.

Dispunha se o velho a mandal-o estudar latim, reservando para depois consultar-lhe a inclinação. Antecipou-se, todavia, o moço, declarando-lh'a, com receio de magoar o seu bemfeitor.

— A minha vontade é ir para a vida commercial do Brazil,— disse elle.— Se o senhor João Antonio der licença, vou com dois condiscipulos que têm lá o pae.

—Pois sim, menino; se quer ir para o Brasil... vá. Não me torna a ver... mas que monta isso? Al-

uma vez hade ficar sem o seu velho... Tanto faz que me veja morrer como saiba ao longe que morri.

O menino abraçou-se nas mãos do ancião a beijar-lh'as.

João Antonio levantou-o nos braços convulsos e balbuciou:

— Não me deixe, meu filho... Já agora feche-me os olhos e vá depois, que não tardará muito.

Jacintho condescendeu alegremente; o velho, porém, desvelou a noute a scismar na imprudencia de lhe tolher o destino, quando todo seu bom proposito fôra sempre approvar-lh'o e prestar-lhe auxilios, ainda á custa de se desfazer d'uns bens que herdara e accrescentara com o seu lavor incançavel. Por sobre isto meditava elle no valor das suas propriedades, e concluia que o producto d'ellas escassamente bastaria a um mesquinho passadio. Prefigurou-se-lhe que, por sua morte, o filho de Thomaz d'Aquino, a não ter officio ou emprego, ficaria mal remediado para occorrer ás despezas e necessidades de educação limpa e afidalgada. Superiormente o que mais o movia á reconsideração do seu pedido ao menino, era o escrupulo de lhe encontrar a propensão e porventura a boa sorte que o chamava ao Brasil.

Deliberado, pois, a emendar a irreflexão, assim que foi dia desafogou-se do cuidado oppressor, pedindo ao menino que pensasse no seu embarque e soubesse quando os condiscipulos íam.

Foi João Antonio com o pequeno informar-se da ida dos outros, e aprasaram a epoca de se encontrarem em Vianna d'onde saía o navio. Nos tres mezes seguintes andou o velho ajuntando cartas de recommendação dos brasileiros mais grados da pro-

vincia do Minho, e foi ao Porto com o fim de dar conta a Angelica da determinação do filho.

A secular, n'este tempo, consoante a opinião das religiosas com quem João Antonio fallou na portaria de Santa Clara, estava já na terceira via, na Unitiva, na purgação do fogo, perto do matrimonio divino, ou identificação com Deus. Em semelhante estado não podia fallar com João Antonio. Conseguiu elle fazer-lhe chegar á mão uma carta. Angelica não a leu sem que o seu confessor a lesse primeiro, depois a prioreza, depois a escrivã e finalmente ella. O velho esperou dois dias que o papel corresse todas estas chancellarias. Ao terceiro foi-lhe dada a resposta por um padre, onde a porteira o mandou. O director espiritual de Angelica louvou muito a delicadeza de João Antonio e a resolução do menino; quanto á licença, facultou-lh'a em nome da sua filha espiritual, ajuntando á licença a benção de sua mãe, que sobre ser benção maternal era tambem benção de santa.

— Pois muito obrigado a vossa senhoria, — disse João Antonio. — O que me não agradou é que isto se demorasse tres dias. Pensei que não custava tanto a receber os despachos das santas...

Jacintho de Deus e Aquino embarcou em 1843. João Antonio acompanhou-o a Vianna e viu fazer-se de véla a escuna. Se o ancião chorava, diziam-no as lagrimas caídas no degrau da capella da Senhora da Agonia, onde elle dobrou os joelhos e permaneceu emquanto enxergou o navio. Aquelle menino debruçado sobre o peitoril da escuna, com os olhos na capella, quando já não via o vulto do bemfeitor, era Jacintho de Deus. Chorava de saudades, de arrependimento, de ingratidão! A's palavras consolado-

ras dos seus tenros amigos e dos passageiros, respondia:

— Não o torno a ver!...

O velho voltou para a sua casa. Ahi é que foram as lançadas mais penetrantes. Soledade irremediavel! Não tinha parentes, nem affeições, nem alguem que lhe espertasse recordações dos seus amigos mortos e perdidos. Desconfiou da morte e desejou-a. Orvalhou-lhe o céo, neste ardentissimo desapego da vida, uma lembrança consoladora: e foi, se o seu menino, por ser de compleição debil, voltaria doente para a patria. Ahi começou o velho a pedir forças a Deus, a divertir o espirito na lide do seu negocio, a edificar esperanças e a fundil-as em certeza de que o seu menino voltaria breve, afugentado pelos ares doentios do Rio de Janeiro.

Recebeu carta no primeiro navio que voltou a Portugal. Alguns caracteres da escripta vinham delidos nas lagrimas. O mocinho confessava o seu pesar de ter ouvido os lisongeiros convites dos amigos. Era a estranheza dos costumes que lhe contristava tudo. Acolheram-no graciosamente os paes dos condiscipulos; mas bem sabia elle que o começo da sua carreira mercantil ía ser trabalhoso e invilecido, em vista do modo como elle via tractados os que haviam de ser seus companheiros.

João Antonio, ao mesmo passo que lastimava o seu infeliz menino, alegrava-se esperançado na vinda. Foi ter-se com os brazileiros seus conhecidos, mostrou-lhes a carta, e a todos encarregou de lhe mandar abono de passagem á mesa do capitão, e tudo mais que o menino necessitasse. Dissuadiam-no do intento os ricassos, que haviam começado a explorar a mina de auro, ensanguentando as mãos nos

veios da rocha viva. Admoestavam-no a que não impedisse com funestos conselhos o affazer-se o rapaz aos trabalhos inevitaveis de quem principia. Não o demoveram. Escreveu, aconselhou, pediu, supplicou ao moço que voltasse.

Quando a carta chegou ao Rio de Janeiro já Jacintho de Deus se conformara com a sorte commum e algum tanto melhorada pela influencia dos seus amigos no animo do rico fazendeiro e negociante em cujo serviço ficou.

Assim o dizia elle ao velho, promettendo-lhe, passados alguns annos, vir visital-o.

—Pois não vens, que vou eu,—disse entre si o septagenario.

E, sem mais pensar nem delongar a partida, vendeu as suas terras e casa em hasta publica, achou que apurara dinheiro com que viver dez annos socegadamente, e embarcou sem prevenir Jacintho.

Saltou na praia; pediu que o guiassem á rua da Quitanda, e parou a distancia de um armazem de café. Viu centenas de pretos carregando saccos para embarque, e entre elles alguns moços brancos, trafegando com os negros. Reconheceu Jacintho de de Deus, sujamente entrajado, denegrido e magro. Marejaram-se-lhe os olhos, e disse comsigo:

—Que honrado és, menino! E assim é que o tractam amorosamente, como elle dizia na carta. Se *tu* alli o visses do outro mundo, meu Thomaz! Que contas te daria eu da felicidade de teu filho!

Aproximou-se d'elle; esperou que o visse. Abriu-lhe os braços ao moço perplexo, e exclamou:

—Aqui está o velho! Agora posso morrer, como Simeão. Peça a seu amo que o deixe vir ensinar-me uma estalagem.

Jacintho correu a avisar o patrão. Saíu fóra um homem de agradavel sombra e conduziu o velho pela mão para casa dizendo-lhe:

— Jacintho contou-me a sua vida e as virtudes do seu bemfeitor. A minha casa não cede a ninguem a honra de hospedar o senhor João Antonio. Não lhe faça pena ver o seu orfão a trabalhar entre os negros; que eu em minha casa dou-lhe uma cadeira á mesa entre os meus filhos, que são aquelles que vossemecê lá vê fóra trabalhando. Cá, fazem se assim os homens. Na America é onde mais resôa o ecco da condemnação do Paraiso terreal: «Viverás do suor do teu rosto.» Mas é necessario accrescentar o que Deus não julgou preciso dizer: «Viverás, e *serás honrado*, do suor do teu rosto.

— — —

V

A Penitente

> Despues de aver purgado el alma, con los ejercicios de la via Purgativa, y alumbrado el entendimiento con la luz de la Iluminativa, se sigue la inflamacion de la voluntad e union de toda el alma, con el sumo bien que es Dyos.
>
> Frei Ciriaco Perez, *Hermitano de Monserrate.— Ejercicios espirituales.*

Corria o anno de 1855.

A exaltação mystica de Angelica Florinda tinha subido ao galarim da via unitiva.

Prefizera a secular de Santa Clara quarenta e cinco annos, com parecenças de sessenta.

A ama, que lhe esmolava a mesada, tinha morrido, legando-lhe com o beneplacito da prelada os seus haveres auferidos no fabrico de doce, os quaes avultavam a mais de cinco mil cruzados. Angelica recusou acceitar a herança e pediu, em nome do Divino

Esposo, que a entregassem aos parentes da freira. Observaram-lhe que ella ficava sem pão; interveio o director espiritual ordenando-lhe que recebesse o dinheiro. Resistiu a pobre, dizendo que não podia ser perfeita sem sentir a penuria. O confessor argumentava contra os dictames dos santos padres, dispensando-a d'esta prova suprema de abnegação. Angelica foi inflexivel. A herança levou o destino que teria, se a religiosa não dispuzesse.

Fintaram-se as freiras para sustentar a virtuosa que lhes celebrava e honorificava o seu convento. Angelica impediu-as de se collectarem, prevenindo-as de que a sua saída do convento eram ordens do Divino Esposo.

— Mas para onde vae?! — exclamou consternadissima a prelada.

— Não sei, minha senhora. O Divino Esposo é que sabe.

Rodearam-na as religiosas, os capellães, os confessores d'aquelle alfobre de santas, já supplicantes, já ameaçando-a de lhe impedirem a saida.

— Os anjos me levarão, se as portas se não abrirem, — replicou tranquillamente ás ameaças.

As religiosas mais reformadas, convencidas do sobrenatural impulso d'aquella deliberação, desistiram de a estorvar. Não graçava no convento a crença de que os demonios obedeciam a Angelica Florinda? Então que muito, se os anjos a vestissem de azas para a fuga?

Quanto á obediencia dos espiritos infernaes, era crença bem assentada nas maravilhas que a secular operara sobre algumas possessas e creanças maleficiadas do contacto diabolico. E dado que ao perfeito exorcista cumprisse ser sacerdote, o director

espiritual e o consenso unanime das freiras concederam que Angelica exorcisasse mediante o «Methodo» do arrabido frei José de Jesus Maria, frade cujo nome fez concutir as abobadas do inferno, raivoso da inexoravel guerra que lhe fez com o seu «Methodo» pondo fóra de Portugal quantos demonios o infestaram na segunda metade do seculo XVIII.

Não acoimemos de sandia ou sequer visionaria a mulher que atacou imperterrita as legiões luciferinas. Da existencia dos espiritos infernaes superabundam as provas nos Livros Sagrados, e em milhares de livros que, postos na gehenna do eterno fogo, sobejariam a sustentar a perpetua assadura de seus auctores.[1]

Maneatadas portanto as freiras pelo receio de serem impeciveis ás ordens do céo, desembargaram o passo á secular Angelica Florinda, não sem a seguirem, chorosas e clamorosas, até á portaria.

A inspirada, ao despedir-se, pediu a todas de joelhos a sua benção, e já fóra do penetral da portaria, voltou-se para dentro e disse:

— Dêem um bocadinho de pão pelo amor de Deus á penitente mendiga.

Proromperam as freiras e creadas em altos gritos de pena e edificação de tamanha humildade. Correram todas a trazer-lhe esmolas de pão e dinheiro.

---

[1] A mais cabal, completa e irrefragavel prova que conheço da convivencia que os demonios tem comnosco é um livro latino de auctor allemão, João Godofredo Mayer. Não pude mais duvidar da concumitancia em que vivo com os espiritos immundos, sob diversos feitios, desde que li a *Historia Diaboli seu commentatio de diaboli, malorumque spirituum exsistentia, statibus, judiciis, consiliis, potestate.* Tubingœ, 1780.

Angelica recebeu apenas o pouco de pão necessario para um dia, e caminhou muito de passo, coberta de um capotinho de camelão com mangas, debaixo do qual sobraçava um fardel com alguma roupa branca.

No «Largo da Batalha» pediu que lhe dissessem pelo amor de Deus o caminho de Basto. Guiaram-na para Valongo. Aqui pernoitou no alpendre d'uma capella, onde recebeu a esmola d'um caldo, e manta para se agasalhar. Ao abrir da manhã levou a manta ao bemfeitor e seguiu jornada. Acompanharam-na até Ponte Ferreira duas mulheres da casa caritativa que lhe quizera dar boa ceia e cama e lhe foram perguntando d'onde era.

—Sou d'este vale de lagrimas,—respondeu ella.

—E como se chama?

—A Penitente.

—Para onde vae?

—Não sei, minhas irmãs em Christo.

As duas mulheres voltaram, resando de parçeria a corôa, que não resavam, desde muito, e propalaram na terra que tinha pernoitado em Valongo uma santa.

A seguinte noute velou-a, com intervalos de curto dormir, n'um logar chamado Torrão. Esmolou albergue no palheiro de um lavrador. Gemeu com dôres do frio da noute passada, e consolou-se interiormente d'este padecimento novo.

Ao outro dia, por volta da tarde, chegou a S. Pedro de Alvite, á porta da casa onde tinha nascido. Pediu agasalho a uma esbelta môça, que devia ser filha de seu irmão.

Era em novembro. Nevava. Angelica ía transida de frio.

Mandaram-na entrar para a cosinha a aquecer-se á fogueira.

A' volta do tóro esbraseado estavam doze pessoas. Angelica Florinda encarou em todas e desconfiou que uma das mais velhas devia ser seu irmão. A mulher idosa, que devia ser a cunhada, não a conheceu. Fazia neste anno vinte e seis que ella tinha fugido d'aquella casa. Parecia-lhe, circumvagando os olhos pelas alfaias da cosinha, que tudo estava como ella o deixara. O que ella não via era os dois velhos, seus paes, que se reviam na formosura d'ella. O mais, tudo. O mesmo escano. A mesma assadeira de castanhas pendente do canniço. A mesma trempe de pedra. O mesmo gomil de estanho com vinho. A almotolia pendurada no mesmo páo bifurcado atraz do lar.

O irmão ainda mostrava um resto das feições da mocidade. Estava gordo, alegre e feliz com os seus muitos filhos.

Perguntou-lhe a pobre se todos eram seus filhos.

—Todos e tenho já tres no céo,—respondeu elle.— Ainda aqui falta uma cachopa, a mais velha, que está doentinha de mal de olhado. Pegou a não comer, a immagrar e chupar-se, que está na pelle e osso. Tem bebido tudo quanto ha na botica e não sae d'alli. Está tolhidinha!

—Se fizesse favor de m'a mostrar,— disse a «Penitente»—nome com que ella respondia a quem quer que lhe perguntava o nome.

Conduzida á cama da tolhida, apenas entrou no quarto, Angelica deu d'olhos n'uma imagem do Crucificado. Aquelle quarto era o em que ella dormira desoito annos. A imagem tinha ainda lateralmente umas jarras azues que Angelica Florinda havia com-

prado para ter sempre flores da horta ou do monte á sua milagrosa imagem. Quedou-se a contemplar tudo, e desatou chorando porque não pôde ter as lagrimas e soluços.

O pae e mãe da doente agouraram mal d'aquelle chorar: quanto a elles, a virtuosa pobre tinha santidade de ver o futuro, e para logo adivinhara que a doentinha morreria.

— Vossemecê que vê?—perguntou-lhe o irmão.— A rapariga irá d'esta?...

Angelica visinhou da enferma, pediu-lhe a historia da sua molestia, e lhe fez uma enfiada de perguntas, consoante as prescripções que o seu confessor lhe tinha dado traduzidas do *Dictame* VII de Brognolio. *(Signa certa et evidentia Demoniaci.)* Respondiam os paes e a doente. Eram sessenta e uma as perguntas do estylo. A exorcista, porém, só em tres respostas se deteve esclarecendo-se com outros interrogatorios. Foi uma quando a môça disse que sentia ás vezes correr-lhe o corpo todo um forte arrepio ou formigueiro, e assim a modo de uma cobra a correr por toda ella. Era de notar esta especie, por que lá vem marcada no capitulo dos *Signaes certos e evidentes de diabrura.* [1] A segunda foi dizer a môça que não podia esmoer a comida como dantes. Esta anemia de estomago, que hoje se cura com bismutho e ferro, está tambem á conta do pobre diabo, no «Methodo» do arrabido. [2] Foi o terceiro re-

---

[1] *Cum ventus quidam vehemens discurrit per totum corpus ad modum formicarum vel ad modum serpentis velociter quaqua versum serpit.*

[2] *Quando quis sanes cibem digerere non potest in stomacho lecet in eo habeat calorem.*

paro chorar a rapariga sem motivo, e ter zunidos nas orelhas. Isto é tambem duas diabruras a um tempo. [1]

A Penitente mandou sair do quarto as doze pessoas que se acotovellavam, e ficou sósinha com a rapariga. Requereu o espirito immundo. A doente não fez algum signal de obsessão.

— Pensaes que o vosso mal é causado pelo demonio? — perguntou a exorcista.

— Acho que não — respondeu a doente.

— Tendes alguma paixão d'alma?

— Alguma tenho.

— Vossos paes não vos deixam casar, ou peccastes contra a castidade?

— Ágora pequei!... Meu pae não me deixa casar... elle bem sabe o que eu tenho... mas faz-lhe conta dizer que isto é feitiço...

E desatou a chorar...

— O noivo que vós querieis por que o não quer vosso pae? — perguntou Angelica.

— Porque elle tem pouco; e meu pae quer que eu case com um brasileiro velho que tem muito de seu, e eu antes quero morrer.

— Pois, môça... é pedir a Nosso Senhor que vos dê paciencia. Não queiraes morrer, que é grande peccado pedir a Deus que nos tire a vida para fugirmos aos trabalhos d'ella. Resae comigo.

Ajoelhou-se Angelica defronte da esculptura de Jesus, ao qual, na noute da sua fugida para o Porto, pedira que a levasse onde a sua alma se não perdesse.

---

[1] *Quando lachrymas plorvt sine causa et nescit quid pl... ret; aut si est rumor continuus in auribus sine probabili caus...*

Feita uma longa oração mental, saiu do quarto. O pae e mãe da doente perguntaram-lhe se tinha remedio a cachopa.

— Dae-lhe vós o remedio, se lhe sabeis a causa da molestia,—respondeu a Penitente.—Deixae-a casar, se o noivo tem sómente o defeito de ter pouco.

— Isso é que não! — acudiu o lavrador. — Como ella contou a sua vida depressa! Se quer casar, está aqui marido que lhe convém, e da nossa escolha. Nada menos que brasileiro...

— Pois Deus vos ensine o melhor... —concluiu Angelica.

Deram-lhe ceia e boa cama. Da ceia tomou o pão e o caldo. Da cama tirou a manta com que se cobriu sobre o taboado.

Ao alvorecer da manhã, levantou-se e disse ao dono da casa que, em paga da esmola do agasalho, queria resar um *Padre Nosso* sobre a sepultura dos paes d'elle.

Admirou-se o filho de Francisco da Thereza de tão extraordinaria piedade em mendiga. Isto não impediu que elle commovido fosse pedir a chave da egreja, onde entrou a mostrar a campa em que seu pae tinha sido sepultado vinte annos antes, e a mãe seis annos depois do marido.

Angelica prostrou-se com a face na lagea e derromou muitas lagrimas.

— Vossemecê conheceu meus paes ? !—perguntou o lavrador, quando ella saíu ao adro.

— Conheci e amei-os muito.

— E vossemecê como se chama ?

— Já vos disse que me chamo a Penitente.

Em seguimento, quiz despedir-se de toda a familia, foi ao quarto da doente, disse-lhe das virtudes

da conformidade e paciencia, consolativos preceitos, e ao sair, voltando-se para o pae, continuou:

— Não a obrigueis a casar com o vosso brasileiro. Se tendes memoria de uma desgraça da vossa familia, lembrae-vos de que, ha muitos annos vossa irmã Angelica fugiu d'esta casa, á conta de a quererem casar com um brasileiro, e foi desgraçadinha lá por esse mundo. Se vosso pae a não quizesse obrigar ao casamento, póde ser que ella hoje désse exemplo de virtudes ás vossas filhas...

— E vossemecê conheceu minha cunhada?! — atalhou a mulher do lavrador.

— Conheci essa infeliz mulher.

— Inda será viva? — tornou ella. — Ha annos atraz ouvimos dizer que ella estava muito santinha n'um convento do Porto.

— Isso é falsidade! — respondeu energicamente Angelica. — Mulher tão peccadora neste mundo, só a misericordia de Deus fará que ella não seja eternamente condemnada. Santa! Em tão boa hora contricta e penitente. Nunca quizeste saber d'ella? — perguntou a mendiga ao irmão.

— Agora quiz! Meu pae morreu de paixão, quando soube que ella estava de casa e pucarinho com um frade aqui de perto que fugiu da cadeia de Tibães. Não lhe deixou nada no testamento, e disse á hora da morte que me amaldiçoava do céo ou do inferno, se eu a tornasse a receber nesta casa.

— Então fizestes o vosso dever em nunca mais a procurar, — approvou a Penitente. — E ficastes-lhe com grande odio a ella?

— Podéra! se lhe parece, depois de nos envergonhar com tal vida!...

— Pois perdoae-lhe... eu vos rogo em nome

d'ella que lhe perdoeis para este mundo e para o outro, — accudiu Angelica erguendo as mãos.

— Agora isso já lá vae ha muitos annos, — condescendeu o lavrador. — Se ella morreu, Deus bem sabe que lhe não tolho a salvação. Vossemecê sabe que ella tinha um filho do tal frade?

— Sim...

— Pois esse rapaz, que esteve aqui em Freixieiro com um João Antonio, que foi creado do pae e leigo no mesmo convento, foi para o Brasil e está lá casado muito rico com a filha do patrão. Conheceu-o lá este brasileiro que queria casar com a minha Mariana, e diz elle que o sogro do tal moço tem mais de dois milhões!... Ha diabos que tem fortuna!

— Porque dizeis «diabos»? — atalhou Angelica. — O menino que culpa tinha nos crimes e peccados da mãe?

— Isso é verdade! — assentiu a cunhada. — O rapaz não tinha culpa... Deus que lhe deu boa sorte, lá sabe o que fez! E, se não fosse o tal João Antonio, quem sabe se elle andaria por ahi a guardar cabras!... São sortes!

— E o tal João Antonio ainda é vivo? — perguntou Angelica.

— Morreu lá no Brasil, — disse o lavrador. — Gostava tanto do rapaz, que vendeu tudo e foi para lá. Contou o tal brasileiro, que me pediu a minha Marianna, que elle, no dia em que o rapaz casou, deu á noiva mais de dez mil cruzados em brilhantes...

— Pois elle tinha vendido por mais de doze mil cruzados uns bens que herdou em Freixieiro... — accrescentou a mulher.

— Boa alma era então a d'esse homem... — tornou

Angelica.— Ora, pois, meus irmãos, ficae-vos com a Virgem nossa Mãe e auxiliadora. Sêde felizes, e não deixeis estar alli tão acabadinha a vossa Marianna. Não a obrigueis a casar, e lembrae-vos sempre da vossa irmã Angelica. A paz de nosso Senhor Jesus Christo seja para sempre nesta casa.

E saíu.

— Vossemecê onde vae hoje ficar?—perguntou o lavrador.

—Não vos sei dizer.

— Mas que caminho quer levar?

— Nenhum... vou indo... por aqui...

E separaram-se.

—Esta velha,— disse o lavrador,— qualquer hora apparece morta ahi pelos caminhos... Deve ter mais de sessenta.

—Isso tem...—confirmou a mulher.

—Ella já conheceu meus paes!... e como ella chorava na egreja!.. Se ella tivesse menos vinte annos, eu havia de cuidar que ella fosse a Angelica!...

—Agora! pois eu não me lembro de tua irmã! ainda era mais nova que eu!... Se ella vivesse ainda, teria agora pouco mais de quarenta.

—Pois, não é, não; mas que ella a conheceu, isso é que não tem duvida. Coitada! aquillo é uma santinha! Viste como ella disse que minha irmã estava no inferno?... Foi pena que a Marianna não ouvisse aquillo...

VI

A Bruxa

Pasa tan penitente
pasa tan solitaria
que por regalo sale a ver el dia.

D. CHRISTOVAL LOZANO. — *Soledades de la vida.*

Ao caminhar por quinchosos, campos e arvoredos da sua aldeia, e tantas memorias ali renascidas de sua juventude, dos seus amores e saudades, qual seria o sentir da alma de Angelica?

Oh! passava sem os ver! Era o esquife a transportar o cadaver da peregrina, amantissima e saudosa môça que alli vivera. O espirito que ainda impulsava aquelle escarnado arcaboiço ía embebido na idéa da perfeição mystica pela penuria, na esqualidez da indigencia como enfeite e gala de noiva para as nupcias divinas.

Jornadiara o dia inteiro. Anoiteceu-lhe na serra. Confrangeu-a o medo um instante; assim, porém, que a lembrança de ser vista do Esposo a visitou

na escuridão, fez-se luz de dia do céo á volta da sua alma. Ajoelhou e exclamou:

—Bem vêdes a vossa serva, Senhor! Mandae-me aqui morrer, se me haveis perdoado!

Cessou o vento rijo e glacial do norte. Começou a nevar. E a penitente, tiritando, fallava a Deus dulcissimos colloquios.

Foi-lhe como vaporando o aroma dos enlevos ao compasso que a neve enregelava e fendia a urna. Perdeu o accordo da sua mystica voluptuosidade por alta noite. Não era a morte: era o milagre da vida reprezada para não sentir as dores: era a chloroformisação do céo.

Ao entreluzir da aurora, passavam almocreves. Viram aquelle vulto enconchado entre uma fraga e o concavo de uma valla. Sacudiram a mulher sopitada: viram-lhe nos olhos luz expirante de vida. Deitaram-n'a entre uma carga e deixaram-n'a entregue aos lavradores da primeira aldeia que toparam. A aldeia demorava ás abas do Monte-Cordova, serra que se empina e ondêa com suas fragosissimas encostas até á villa de S. Thirso.

Seria por ventura a modorra de Angelica uma «purgação de fogo» como dizem os ascetas? Seria; mas, no verbo profano do cirurgião que viu a pobresinha, chamava se aquelle modo de ser um ir-se d'este mundo.

Prova da incompetencia do cirurgião para entender d'aquellas phases unitivas, anagogicas, raptos, extasis, ou o que fossem, é que Angelica não morreu.

Volvidos cinco dias estava em pé, contando aos caridosos abegões da aldeia que não dera tento do seu desmaio nem sabia como fôra trazida da serra.

Aqui principiou a nomeada da santidade da pobre. Logo veremos como aquelle gentio das aldeias do Cordova confundirá a santidade com o bruxêdo.

Um quarto de legua distante d'esta aldeia, chamada Caparães, bem no agro e nu da serra, alvejava uma ermida, que as saraivas e os soes tinham descaliçado. Ao pé da ermida erguiam-se tres breves lanços de parede, que tinham formado, com o quarto lanço já derruido, uma arribana.

Contavam os lavradores que, no tempo de antigas guerras de Portugal com Hespanha, um fidalgo da familia dos Brandões de Coreixas, perseguido por ter atraiçoado a patria, se escondera alli com habito de ermitão e lá se finára sanctamente. Outros antiquarios, mais esgaravatadores de antigualhas, davam como certo e contado de paes a filhos que um rei fugido da Bohemia viera para aquelle ermo chorar os seus peccados, e tão chorados, que um anjo o levou amortalhado nas suas azas, assim que elle rendeu o espirito. [1]

De qualquer das maneiras, Angelica tão depressa vigorou, subiu ao alcantillado recosto da serra e parou no rocio da capellinha, verdejante de sargaço e urzes. Depois de orar entrou no pardieiro, e quedou-se perguntando a Deus se a deixava acabar seus dias n'aquelle terreal paraizo.

Desceu da serra e começou a pedir esmola para cubrir a casinha sem dono.

Sairam á porfia os lavradores a carrejar vigas e

---

1 Em chronica de que não temos presente á memoria o titulo, já encontrámos esta mesma tradicção, posta com todo o seguro de certeza. Os bohemios é que não sabem qual dos seus reis veio ermar eremiticamente e morrer a Portugal.

colmaço para reedificarem a choupana. A confluencia dos operarios foi tal e tamanha que, ao cabo de dois dias, Angelica foi levada como em triumpho entre os lavradores á sua casa, deram-lhe a chave da capella, desde muitos annos fechada. Petrecharam-lhe a cabana com o essencial para levantar os ossos do chão estreme, e cosinhar um caldo.

Angelica affligia-se com tanta prosperidade, fallando humanamente; as delicias divinas da pobre, eram o chão duro, a fome mordente, o frio congelador.

Começaram a procural-a as doentes da alma e do corpo. Era anno aquelle de extraordinario invasão de demonios nos sujos corpos das raparigas dos arredores, em virtude de, no anno antecedente, haverem casado duas energumenas, cujos diabos tinham fugido, logo que os paes consentiram que ellas casassem com outros mais immundos: o que diz em abono do pundonor afidalgado dos primeiros, que tinham sido algum dia aceados anjos.

Com este exemplo, raras casas ficaram sem uma pocessa no anno seguinte. E o mais é que souberam enganar a boa fé e sciencia demonifuga de Angelica. Algumas das obsessas tinham todos os caracteristicos infernaes assignados por Brognolo e pelo arrabido; outras tinham as principaes. As endiabradas saíam despejadas do satanico recheio das mãos da exorcista, umas para casarem, outras para levarem valente bordoada dos paes que, a um tempo, cuidavam vingar-se d'ellas e do diabo. Tal foi a iniciação da Penitente no Monte-Cordova.

Bem que não possamos tirar a limpo o contrasenso popular de chamarem BRUXA á exorcista da serra, é sem embargo certo que a nomeada que ella

cobrou, leguas em volta, era aquella, de todo o ponto inconveniente a uma quebrantadora de influencias maleficas, bruxêdos e feitiçarias, sendo usual no nosso paiz, dar-se a estas milagrosas creaturas os nomes bem cabidos de *benzedeiras*, e *mulheres de virtude*..

Bruxa do Monte-Cordova era geralmente o nome injusto senão injurioso com que ella attrahia á choupana não só homens, mulheres e creanças indemoninhadas, mas tambem o gado, ou *mundice*, como lá dizem, para a todos estes irracionaes curar de enfermidades excedentes do alcance das sciencias medicas.

Com suas mãos, fabricara Angelica um cruzeiro tosco defronte da capella, e puzera ao lado um banquinho de pedra bruta, sobre duas que lhe serviam de pedestaes. Ora dizia-se que, por deshoras, a bruxa saía, a evocar d'alli o demonio, e o colhia ás mãos com conjuros e sortilegios, e o amarrava á cruz, de modo que todas as suas curas prosperavam em quanto o cão tinhoso estivesse prezo. Um padre bem intencionado d'aquelles sitios foi-lhe perguntar se, de feito, ella conseguia ter o diabo em prisão. Angelica, mais compadecida que pasmada da pergunta, disse ao padre:

— Se Deus Omnipotente o deixa em liberdade, como heide eu, pobre peccadora, prendel-o?

Revelou-lhe o sacerdote que o povo lhe chamava *bruxa*.

— Que tem isso? — accudiu ella. — Tanta razão tem o povo em me chamar bruxa como santa.

Alguns espiritos fortes de S. Thirso, informados das irrisorias curas da bruxa do Monte-Cordova, foram demandal-a com o fito de zombar d'ella. An-

gelica Florinda, quando os viu á sua porta, saiu a recebel-os, e disse-lhes:

— Que quereis, senhores?

— Que tire o demonio do corpo d'este nosso companheiro, — respondeu um.

Angelica fitou muito attenta no rosto do inculcado energumeno, e disse-lhes:

— Já é bem ruim espirito o que vos trouxe aqui, senhores. Vindes zombar; escarnecei-me se quereis, em quanto eu peço a Deus que vos livre das más tenções que tambem são filhas do inferno.

Os foliões, corridos, desandaram. De longe olharam para a capella e lá viram ainda a bruxa ajoelhada.

VII

O barão de Burgães

> Nenhuma coisa parece mais propria á nossa natureza, que pretender coisas grandes e aborrecer baixezas.
>
> Dr. Diogo de Paiva. — *Sermão.*

Em 1863, annunciaram as gazetas a venda de uma quinta, chamada de Burgães, no concelho de S. Thirso. Concorreu comprador que cobriu o lanço de todos. Poucos dias passados, o *Diario do Governo* publicou um decreto, alegando os serviços de humanidade prestados aos seus compatriotas infelizes, no Rio de Janeiro, por Jacintho de Deus Aquino, e agraciando o benemerito portuguez com o titulo de barão de Burgães. Logo disseram os licitantes á quinta que o homem, á mingua de propriedade, corria o risco de ficar sem titulo.

O barão de Burgães demorava no Porto com sua esposa e quatro filhos desde 1862.

Certo era que, senão saudades, grandissima ge-

nerosidade de animo o movessem a procurar sua mãe. Por sobre isto, lembrou-lhe uma recommendação de João Antonio muitas vezes encarecida n'estes termos:

— Se sua mãe tiver necessidade, lembre-se que seu pae lhe quiz muito.

Mandou pois Jacintho de Deus perguntar em Santa Clara se ainda vivia a secular Angelica Florinda. Disse a porteira que essa virtuosa mulher havia já sete annos feitos que tinha saido, sem dizer para onde, nem mandar mais noticias; mas que — ajuntou a religiosa—por uns signaes que tinham dado uns almocreves da terra de uma freira, a pobre Angelica fôra encontrada a morrer na neve de uma serra lá para cima, e a morrer, ou morta, a deixaram n'uma aldeia.

Jacintho ouviu estas informações com sincero pezar; todavia, considerando inuteis outras averiguações, descuidou-se, distraiu-se e esqueceu-se humanissimamente de sua mãe.

Era o brazileiro muito rico e pomposo, esmoler e assignante de todos os periodicos em que o seu nome, coberto das bençãos dos periodiqueiros, tinha regularmente as honras da primeira local.

Soava, mediante as tubas da imprensa, por longe o seu nome.

Annunciaram-lhe um dia uns parentes que o procuravam.

— Parentes?! — disse elle, sorrindo espirituosamente, — que entrem os meus parentes.

Atravessaram com medo e espanto os tapetes de tres salas um velho e um rapaz. Hesitavam em mecher-se como sentindo-se indignos de pizarem a pelucia aveludada do pavimento.

Esperava-os o capitalista no seu gabinete.

— Quem são os senhores? — perguntou elle com a testa enrugada.

— Eu, — respondeu o mais velho — saberá vossa senhoria que sou José Pereira de Alvite, irmão da senhora sua mãe; este é meu filho, para lhe dar gosto.

— Muito bem... E onde está a senhora minha mãe?

— Acho que já morreu.

— Acha, ou tem a certeza? Pois o senhor tem uma irmã e ignora se ella é viva ou morta, estando ella no mesmo paiz e a distancia de poucas leguas? Pelo que vejo, o senhor não se correspondia com ella...

— Nada, não, meu senhor...

— Porque?

— A fallar a verdade, como o outro que diz, nós ficámos de mal quando ella saíu de casa...

— E nunca mais quiz saber d'ella, eim? — tornou o ricaço carregando cada vez mais a carranca.

— Ella estava cá no Porto... com o senhor seu paesinho de vossa senhoria...

— E d'ahi?

— E, como vossa senhoria bem entende, nosso pae tinha lá a sua áquella d'honra...

— E d'ahi?

— Por isso não viemos onde a ella...

— E depois que meu pae morreu? procuraram-n'a, perdoaram-lhe, recolheram-n'a debaixo das telhas onde tinha nascido? Deram-lhe a sua legitima? trataram de saber se ella tinha fome? Responda a isto, irmão da senhora minha mãe!

— Se ella nos procurasse... do que nós comessemos havia de comer ella.

— Mas não a procuraram... não?

— Isso lá não, meu senhor,

— E por que me procuram a mim?

— Isso... lá emfim... vossa senhoria... como diz lá o dictado...

— Que diz lá o dictado? Que os senhores são uns miseraveis que mereciam ser chibatados por um lacaio? Diz isso o dictado? Rua, seus vilões! Eu sou aquella creança que o senhor irmão de minha mãe conheceu ás sopas caritativas de João Antonio, creado de meu pae. Um dia o meu honrado bemfeitor passou comigo por vossemecê e disse-lhe: «Aqui está o filho de sua irmã». Que respondeu o senhor? Recorda-se, seu biltre? Foi isto: *é de má raça.* Rua, canalha!

Os lividos palermas sairam ás recuadas e chegados á rua disseram ambos simultaneamente olhando de esconço com mêdo dos lacaios:

— Que tal está o ladrão!

Dias depois, annunciou-se outro parente, que apeara de um trem, e trajava casaca, luva côr de pombo e sobretudo dobrado no braço.

— Que espere no pateo;—disse o filho de Thomaz d'Aquino ao escudeiro.

Pedro d'Aquino, filho do irmão de Thomaz, como recebesse tão disparatado recado, tirou da carteira um bilhete com armas e disse ao escudeiro:

— Meu primo certamente não sabe quem o procura. Queira entregar-lhe este bilhete.

Volveu o criado.

Jacintho de Deus leu: *Pedro d'Aquino dos Guimarães Oliveira Leite de Barros Andrade e Castro.*

E logo ao escudeiro:

— Não sei quem é. Entregue-lhe o bilhete. Se elle se espantar da remessa, diga-lhe que entre os nomes das pessoas que me visitam, e eu prezo, não costumo baralhar bilhetes de pessoas a quem não aperto a mão. Em summa, se me quer importunar que me espere no pateo.

Isto foi dito accintemente no patamar da escada, em voz que Pedro d'Aquino ouviu.

O fidalgo de Alvite saíu vexado dos lacaios, que se retiraram como envergonhados do insulto.

Dizia Jacintho á esposa:

— A familia de meu pae é mais infame que a de minha mãe. O santo, que me livrou da roda dos engeitados, foi insultado por elles. Se aqui viesse o pae d'este homem, mandal-o-ia azorragar. Assim, ao filho, não sei que generosidade possa haver com elle superior ao desprezo.

Eis aqui a briosa indole do filho do tenente de lanceiros.

VIII

Como Angelica Florinda morreu

> Ya el tiempo avia llegado
> En que hazerse convenia
> El rescate de la esposa
> Que duro yugo sofria.
>
> S. João de Deus.—*Coplas*.

Em julho d'este anno, o barão de Burgães saiu do Porto a passar o estio sob os arvoredos da sua quinta.

Além da sua familia, acompanhavam-no um casal de velhos: a senhora Maria que o tinha criado, e o senhor Bento Gomes, marido da senhora Maria, camarada de seu pae, soldado de voluntarios de D. Maria II, o qual andava morrendo de fome, porque o seu logar da alfandega lhe tinha sido tirado para galardoar um caceteiro eleitoral.

O barão recolheu-os e denominou-os «sua familia.»

A' casa de Burgães concorriam os nobres e os ricos d'aquelles arredores. A baroneza era mais pro-

curada dos pobres, e pagava-lhes a visita com as mãos cheias de consolações e o coração de alentos. O velho soldado entrava á sala dos hospedes mais cerimoniosos, e, á meia volta, lá vinha historiando as batalhas da liberdade, desde a primeira dos Açores até á ultima da Asseiceira. De permeio, enternecia-se até ao pranto, quando commemorava as proesas do seu tenente.

Em uma tarde formosa de agosto, umas damas portuenses, hospedas da baroneza, perguntaram a um cavalheiro de S. Thirso onde é que estava por aquelles sitios uma ermitôa que o povo chamava a *Bruxa de Monte-Cordova.*

— Oh! minhas senhoras! — respondeu o cavalheiro, — não cuidei que chegava ao Porto a fama da bruxa de Monte-Cordova!

— Pois não chega?! — volveu uma dama. — Olhe que a mamã, quando o papá esteve a morrer, veio aqui onde está a tal mulher de proposito a pedir-lhe que rezasse pela saude do papá, e...

— E o caso é que o seu papá melhorou, minha senhora, — interrompeu risonho o sujeito, que se presava de ter dois dedos do philosophia, segundo a quantidade em que ella está distribuida em S. Thirso.

— Melhorou, sim, senhor. E quer saber mais? A mamã mandou á mulhersinha não sei quantos cruzados novos, e ella pediu ao creado que lhe désse meio tostão para azeite da lampada da capellinha e não quiz mais nada.

— Lá pela independencia d'ella fico eu, — tornou o cavalheiro. — Sei que a bruxa não acceita, senão a gum bocado de pão e couves para o caldo; e acont ce, se tem pão de mais, repartir com os pobres c ie lá vão consultal-a para doenças, ou pedir-lhe

orações; creio isto porque o sei de bons informadores; mas, se vossa excellencia me permitte, não acreditarei que ella curou seu papá.

— E por que não?— redarguiu a senhora.— Então as orações das pessoas virtuosas não valem nada deante de Deus?!

— Como quer que seja,— interveio o barão,— essa mulher é curiosidade rara nas da sua profissão. Pelo commum, as benzedeiras, bruxas e mulheres de virtude exploram as victimas quanto pódem.

— Quem me dera vel-a! — occorreu a baroneza.

— Isso é facillimo!— disse o cavalheiro de S. Thirso.— Tres quartos de legua de máo caminho pela serra acima. Tem vossa excellencia coragem de assentar-se n'um jumentinho?

— Ai! vamos!— conclamaram as damas portuenses.— O' senhora baroneza, vamos, sim? Quem nos dera ver a creatura que pediu a Deus pela vida do nosso papá!...

— Que dizes, Jacintho? — perguntou a baroneza.

— Vamos, filha. Prepare-se a cavalgada. Vae o rancho dos pequenos. Vamos todos. Vae a minha ama e o Gomes. Ás cinco horas da manhã tudo prompto. Olha se dispões o merendeiro, Amalia. Lembra-te que o nosso apetite lá na serra não se ha de regular pela abstinencia da bruxa.

Sairam creados do barão a prevenir as cavalgaduras. As damas com a baroneza foram á capoeira escolher as victimas. Deitaram-se cedo para madrugar: e á primeira luz da manhã, desfilava a cara -na no seguimento do cavalheiro de S. Thirso, q : ensinava o caminho.

Quando assomaram ao tezo da primeira corti ı da serra, onde assentava a cabana, viram algun ı

mulheres maltrapidas á porta da capellinha, com creanças no colo, esperando que a penitente saisse da sua oração extatica para lhe benzer os filhos.

O rancho de Burgães ajoelhou deante da ermida, exceptuados os dois filhos mais novos que entraram por ali dentro, ladearam a velha muito fitos n'ella, e fugiram ás corrimaças, exclamando:

— Oh! que velhôrra!

O pae chamou-os para si e estorcegou-lhe as orelhas.

A mãe fez um gesto de magoada e disse aos filhos:

— Sentem-se ali, meninos.

— Não se sentem,—emendou o barão,— ajoelhem ao pé de seus irmãos.

Angelica parecia não ter dado conta da invasão e da risada dos meninos. Deteve-se orando por algum tempo; levantou-se e veio de passo muito vagaroso, e encostada a um bordãosinho, á porta da capella.

Os visitantes levantaram-se e saudaram-n'a. Ella respondeu á saudação, dizendo:

— Seja louvado nosso Senhor Jesus Christo!

E, voltando-se ás mulheres rotas que tinham os filhos, perguntou-lhes:

— Que tem os pequeninos?

Deram-lhe conta dos padecimentos das creanças. Angelica tomou um por cada vez nos braços, foi ajoelhar no degrau do altar, orou breve espaço, voltou com o ultimo e disse:

— Estas creancinhas precisavam de melhor alimento, filhas. Vós passaes fomes, e ellas tambem. Pedi uma esmola a estes senhores; e, se v'ol-a derem, ide comer alguma coisa mais sustancial, e as-

sim dareis melhor sangue a estes enfezadinhos.

A baroneza, que era mãe estremosa, deu todo o dinheiro que levava. O barão esmolou dinheiro que as pobres nunca tinham visto. As senhoras portuenses lastimavam-se de levarem tão pouco. O de S. Thirso esmerou-se em agradar, pela liberalidade, a uma das damas. Os pequenos pediam ao pae dinheiro para dar. O soldado de D. Maria, com marcial entono, exclamou:

— Ahi vão dois patacos; um por mim, outro pela minha Maria. Eu já pedi esmola aos liberaes que ajudei a pôr no poleiro, e não me deram outro tanto!

— Bravo, meu Gomes! — exclamou o barão. — Esses quatro vintens hão de ser mais pesados na balança de Deus que as minhas quatro libras.

— Não, que elles realmente pezam mais, — disse o veterano a rir.

Nadavam em lagrimas de alegria os quasi apagados olhos de Angelica. As tres mulheres desciam a montanha rezando em voz alta pela saude e salvamento dos seus bemfeitores.

O cavalheiro de S. Thirso usou primeiro da palavra dirigindo-se á bruxa:

— Como se chama?

— A Penitente.

— Donde é vossemecê?

— D'este val de lagrimas.

E, a meia voz, disse o cavalheiro ao barão:

— Nunca responde outra coisa.

E tornou á velha:

— Estas senhoras vieram aqui para a verem.

— Não vieram ver-me, — disse Angelica Florinda affavelmente, — vieram guiadas pelos anjos para acudirem ás mães d'outros anginhos.

— E nós — disse uma das senhoras portuenses, — viemos agradecer-lhe as suas orações pela saude do nosso papá. Lembra-se de uma senhora que aqui veiu do Porto ha tres annos? e que depois lhe mandou um dinheiro, que vossemecê não acceitou?

— Lembro, lembro... era uma senhora que chorava muito... Como não veria Deus tamanha afflicção!... Ella ainda está n'este valle de lagrimas?

— Está; mas não veio, por que já é velhinha e doente: senão muito gostaria ella de a ver...

— Pois, meus irmãos, — disse Angelica retirando-se á choupana, — fiquem com nosso Senhor Jesus Christo. Se querem orar, ahi está a capellinha; o sol já aperta cá fóra e faz mal a quem não está affeito. Entrou no tegurio, e sentou-se a molhar em agua umas côdeas de brôa.

O barão postára-se de modo que a entrevia n'aquelle banquetear-se. Pediu-lhe que lhe fizesse companhia ao almoço. Angelica respondeu:

— Muito agradecida. Isto me basta.

— Mas faça-nos a fineza de almoçar comnosco, — tornou o barão.

— Não posso, senhor; queira perdoar-me...

Voltou o barão ao grupo e disse:

— Tem que estudar e admirar esta mulher! Se não existisse Deus, escreveu um philosopho que era necessario invental-o para que algum superior poder désse o premio a esta mulher n'outra vida!... Ha quantos annos está ella aqui?

— Ha sete, pouco mais ou menos, já eu aqui vim, — disse o cavalheiro de S. Thirso. — Eramos uns poucos de tolos que vinhamos gracejar com a velha; mas ella recebeu-nos de modo que nenhum

de nós pôde chalacear. Ha o quer que é n'esta mulher... Isso é que não ha que duvidar...

— Ha, talvez, uma cousa bem vulgar! — tornou o barão de Burgães, — uma grande paixão ou um grande crime. Não se chama ella a *Penitente?* Ahi está... Remorsos fazem maravilhas de virtude. O que mais singular vejo n'esta creatura é ignorarem todos donde ella veiu!...

— Se ella não o diz!...

— Nem se queixaria alguem da falta d'ella? — perguntou a baroneza.

— Que eu saiba, não, minha senhora. Esta mulher, a meu vêr, é de muito longe — respondeu o cavalheiro.

Os pequenos puchavam pelo frak ao pae, reclamando o almoço. Applaudiram todos a petição e logo se estendeu a toalha á sombra da ermida. Quem servia á meza com militar pontualidade era o veterano, praguejando ás criadas que lhe não forneciam regularmente as vitualhas. A senhora Maria que em tempo fôra philosopha, e negava, ao avêsso de Platão, Socrates e Santas escripturas, que existissem demonios, estava agora esperando opportunidade de fallar á santa, a ver se lhe ensinava coisa que lhe abrisse a vontade de comer. E, de feito, lá se esgueirou da sucia para dentro da choupana, deliberada a fortalecer as suas serodias crenças com a robustez do estomago, começando assim n'elle e por elle a renascença da sua fé.

Comido alegremente o almoço, o rancho das senhoras e meninos foi saltitando de fraga em fraga a colher boninas silvestres que ainda, ao resguardo das rochas, scintillavam aljofradas de orvalho.

O barão, a esposa, o cavalheiro e o soldado fi-

caram a conversar no terreirinho da capella. Maria, já de volta da choupana, estava comendo com os creados o despojo opimo do almoço, e dizendo:

— O' mulheres! aquella creatura é santa!... Eu disse-lhe que não comia bem; ella disse-me que esperasse pela fome; e eu estou aqui a comer como vocês vêem! Parece que me cresceu o bucho!

— Tambem a nós, sem irmos á santa, — disse uma criada ladina, sonegando um borracho assado á mão da velha Maria que pairava sobre elle como milhafre.

O barão pediu ao escudeiro o seu oculo de mar e esteve circum-vendo o dilatado panorama.

— Isto é magnifico! — disse elle. — Que riqueza de terra! Até as montanhas parecem relvêdos! O rio Ave como que se vae espreguiçando de delicioso por entre os seus arvoredos que se curvam a cortejal-o!

— O que ahi vae de poesia bucolica, meu barão, exclamou o de S. Thirso.

— Aqui, meu amigo, n'este Minho, não é habilidade nem merito ser poeta. Todos estes riachos são Hypocrenes e Aganipes.

— Olhe que essas aguas já se não admittem na cosinha dos modernos vates. Agora as fontes inspiradoras dos poetas descabeçados e descabellados são de cognac e absyntho. Guerra declarada ao Olympo dos velhos e ao senso commum de todas as idades!

— Qual guerra! — saiu d'entre umas fragas clamando o veterano. — Por aqui não houve guerra que prestasse! Deram-se uns tiritos ahi em S. Thirso, no dia 28 d'abril de 34, e mais nada... Falle-me

p'rácolá p'rá Ponte Ferreira, isso sim! dizia o velho apontando.

— Não foi tanto assim, senhor Gomes! — atalhou o cavalheiro. — No dia 28 d'abril, quando o barão de Pico de Celleiros saiu a repellir as avançadas do José Cardoso, ainda correu sangue que farte. Valente francez trazia D. Miguel no exercito! O coronel Puisseux, á frente dos lanceiros, deu acolá em baixo uma linda carga! A distancia de seis passos arremessou elle a lança ás costas de um sargento, e quando a repuchou já o sargento estava morto. Lá o mataram depois na Asseiceira...

— E morreu bem! — atalhou o voluntario da rainha. — Bravo como um leão! A' frente de dois esquadrões, que pareciam dez milhões de diabos, atacou-nos a direita da linha que nos pôz os atiradores, lanceiros, reservas e tudo em palpos d'aranha! E o outro francez que vinha com elle? O coronel Clacy? que me dizem ao coronel Clacy que dava urros como um touro! Por este lado a victoria foi d'elles, e, pela linha miguelista fóra, não se ouvia já senão gritar: *Victoria! Victoria!* Vae n'isto o Puisseux subiu por uma encosta fóra a passo de carga. O caçador 11 estava lá no alto e foi de supeto apanhado; mas o commandante Queiroz tinha figados! Descarga geral! Os dois francezes afocinharam mortos redondamente, e a cavallaria foi como um raio a fugir que levava demo! Então, meus senhores, é que se acabou a guerra... mas, quando isto foi, já o meu amo estava morto!... Não sei se foi Deus, se o diabo que o não deixou receber a paga de tanta valentia...

O veterano passou o canhão da farda pelos olhos, e proseguiu, apontando para a serra de Baltar:

— Acolá, por acolá fóra, é que meu amo, ainda com uma farda como esta, despejava fogo que parecia uma granada! Quando elle me disse que estava ferido, foi já no fim da batalha... Ainda me lembro de vir ter com elle o senhor Alexandre de Sousa Coutinho, que lá morreu no mesmo dia em Lisboa, e dizer-lhe: «Isto não é nada, rapaz! Estas balas do Miguel são de cêbo! Não faças caso d'essa arranhadura, Thomaz d'Aquino!...»

Quando o veterano proferiu as derradeiras palavras, assomou á porta da choupana Angelica Florinda, com a mandibula inferior pendida, a respiração anceada e os olhos esbugalhados. O soldado que tinha as costas voltadas contra ella, não viu a velha em que o barão estava reparando attentamente, e continuou:

— O meu amo fazia lá caso da arranhadura! Pois não era para desprezar! Sabe o que elle fez? Seu pae nunca foi á cama, senhor barão. Esteve no hospital por que os cirurgiões o não deixavam sair!... Caramba! o senhor Thomaz d'Aquino, se vivesse hoje, ou tinha quebrado a espada, ou era um dos mais valentes generaes do exercito portuguez!..

— Que tem ella?! — perguntou o barão, vendo a Penitente caminhar para elles a cambalear, sacudindo os braços, e articulando palavras convulsas.

A baroneza adiantou-se para ella e disse-lhe:

— Vossemecê que tem, mulherzinha?... Está afflicta?

— Ouvi aqui fallar em Thomaz d'Aquino... — murmurou Angelica.

— Fui eu que fallei, — disse o veterano. — Vossemecê conheceu o senhor Thomaz d'Aquino?!

— Sim... conheci... — tartamudeou a Penitente,

agitando as mãos, que lhe batiam tremulas sobre o seio.

— Conheceu meu pae?! — disse o barão com interesse e espanto.

— Aqui tem o senhor barão de Burgães, que é filho d'elle, — occorreu Bento Gomes.

— Este? este? — exclamou a velha, apontando no rosto do barão, e crescendo para elle.

— Este, sim... — tornou o soldado.

— Este, ó Senhor do céo!?... este é Jacintho de Deus?...

— Sou eu... — tartamudeou o barão sem ainda poder entender o seu alvoroço, — como sabe o meu nome?!

Aegelica chegou-se a elle, travou-lhe do braço direito, regaçou-lhe vertiginosamente a manga do frack, depois a da camiza até cima do cotavêllo, examinou as duas iniciaes do nome do pae, e exclamou:

— E'...! é elle, é meu filho! Este é, meu Deus!

— O' Virgem do céo! — exclamou a baroneza, ajudando a amparar Angelica, desmaiada nos braços quebrantados do esposo. — E' tua mãe, Jacintho! encontrámos a tua mãe!...

— Talvez morta!... — disse o barão. — Minha mãe! — Minha mãe! — bradou elle, tocando-lhe na face com os labios. — Minha mãe, não queira morrer agora!... Amalia, pede a Deus que me deixe ainda ouvil-a proferir o nome de meu pae.

As senhoras portuenses e os meninos tinham chegado, attraidos pelos brados de todos.

— Vinde cá, meus filhos, — exclamou o barão — vinde beijar a mão de vossa avó que é esta pobre... O' minha mãe, abra os olhos para ver os seus netos...

O pulso de Angelica ainda batia. O barão mandou todos os creados procurar medicos. Sairam todos a varias localidades dirigidos pelo cavalheiro de S. Thirso. O filho de Thomaz d'Aquino conduziu sua mãe á taboa sobre que viu uma manta esfarrapada. Não havia na choupana outro leito. A baroneza mandou tirar das andilhas as almofadas e cobertas. Afofaram-lhe uma camilha, sentou-se á cabeceira o barão, encostando no seu braço esquerdo a cabeça da mãe.

Maria, a ama de Jacintho, com as mãos na cabeça, e como empedrada ao lado de Angelica, exclamava:

— Não póde ser! esta mulher não póde ser a mãe de vossa excellencia! Vejam lá que não estivesse ella doidinha, quando disse que era sua mãe...

— Eu, — ajuntou o veterano, — ainda não quiz dizer nada; mas... a fallar o que sinto, não vejo nada que dê idéa da senhora sua mãesinha, sôr barão...

— E' minha mãe, e... — exclamou o barão, — diz-me Deus que é ella... calem-se, que não vá ella ouvil-os.

Volvidos minutos de silencio, quebrado apenas pela respiração offegante de todos, agitou-se Angelica e fez baldado esforço por sentar-se.

— Minha mãe! — disse com muita ternura o filho, collocando-se deante d'ella, sem a largar dos braços. — Diga-me outra vez que eu sou o seu filho... Falle-me de meu pae...

— Ajudem-me a salval-o, — murmurou com muito compassadas expressões Angelica. — Está no fogo do purgatorio... ajudem-me a pedir a Deus que o despene...

Maria ajoelhou-se muito á beira dos olhos d'ella e perguntou-lhe:

— Conhece-me?...

Angelica deteve-se a examinal-a com os olhos meio descerrados e disse:

— Agora... conheço... sois a ama do meu... filho... e o vosso homem?

— Aqui estou, senhora! — saíu o veterano, ajoelhando ao lado da mulher.

Só elle morreu...— balbuciou Angelica, feita uma curta pausa.

Pouco depois, a cabeça da moribunda escaldava e o sangue batia-lhe velocissimamente nos pulsos. Era um incendio febril, a lavareda que pegára nas arestas d'aquella adelgaçada vida.

Dois facultativos impediram que o barão a transportasse em uma cadeira de respaldo, até ao fundo da serra, dando-lhe como inevitavel a morte no caminho. Tambem se não animaram a medical-a energicamente com estimulos causticos, por não lhe acharem vitalidade que reagisse. Alvitraram que se esperasse a crize, cuja demora não podia ser longa.

Todos pernoitaram no Monte-Cordova. Abrigaram-se na capella as senhoras portuenses com os meninos. Na choupana ficaram o barão e os restantes.

Por noite alta, a febre quebrou; mas o aspecto da moribunda, esvaída a côr febril, era já de morta.

Ainda não. Descerrou as palpebras, reconheceu o filho; apertou-lhe a mão e aconchegou-a dos labios carbonisados, dizendo em voz clara:

— Os netinhos...

Foi a baroneza pressurosa buscar os filhos que dormiam vestidos nos regaços das senhoras. Trou-

xeram-os as damas todos quatro no collo, e approximaram-os da avó.

Angelica deu-lhes a mão a beijar. As creanças estrouvinhadas estregavam os olhos, sem darem o maior apreço á triste solemnidade do acto.

— Coitadinhos!— murmurou a velha.— Aquelle...
— continuou ella apontando no mais velho que teria oito annos,— aquelle... é muito parecido com o avô... Conheci-o desde a idade d'elle...

E fechou os olhos para reprezar as lagrimas, que transudaram por entre as pestanas.

— Minha querida mãe,— disse o barão,— não vá d'este mundo sem saber que eu apenas cheguei a Portugal a mandei procurar em Santa Clara do Porto.

Ella acenou ligeiramente; e, apoz uma ancia de alguns segundos, disse:

— Perdôa-me, filho...!

O barão, comprehendendo a grande e recondita agonia d'aquella supplica, rompeu em pranto desfeito, exclamando:

— Maldito seja quem me roubou as caricias de minha mãe... e a trouxe a esta penuria!...

Ella agitou a mão até lh'a poder chegar á bocca, e disse:

— Filho!... eu quiz resgatar das penas eternas a alma de teu pae...

Recaíu em lethargia.

Ante-manhã, quando as aves já trinavam sobre o colmaço da ermida, voltando de lá para a choupana, Angelica Florinda cobrou um lampejo de alento e disse:

— Os sacramentos...

A este tempo já o vigario da freguezia, como os

pobres o avisassem de que estava a ermida e a choupana cheia de fidalgos, tinha subido á serra para examinar o que seria causa a pernoitar gente limpa n'um sitio tão desabrigado. Em quanto o sacerdote desceu a munir-se dos santos oleos, Angelica disse ao filho:

— Manda-me sepultar na ermida... E' só levantar a primeira pedra... A cova já eu fiz com as minhas mãos...

— O' minha mãe...— clamou o barão.— A sua santa alma tem muito valor com Deus... Peça-lhe que a deixe viver mais alguns annos com o seu filho, com minha mulher que está alli chorando, e com os seus queridos netinhos... Peça-lhe, minha querida mãe...

— Não...— respondeu ella, com os olhos fitos no arrebol da manhã que via pela fresta da choupana. — Agora é tarde... Vou pedir ao Senhor... vou... mas é a salvação de teu pae... Diz aos teus anginhos que rezem sempre por elle...

Com alguns intervalos de lethargia e apparencias de final trespasse decorreram trinta minutos até á chegada da extrema uncção.

Depoz da umbella do ministro do sacramento subia a montanha multidão grande de mulheres, velhos e creanças a entoar o bemdito. Os sinos lá em baixo tangiam á agonia nas freguezias circumjacentes ao Monte-Cordova. Da segunda cortina da serra vinham tambem descendo os moradores de outros outeiros mais elevados da cordilheira.

Formosissimo espectaculo de muitas lagrimas!

No céo, porém, azul, sereno, e como de festa para receber uma alma, dirieis que transpareçia o jubilo interno dos anjos.

Angelica commungou e foi ungida.

Começou o padre lendo as orações da agonia. A moribunda, com a candeia na mão, ainda respondeu á ladainha entoada pelo sacerdote. Depois, chegou o padre ás primeiras palavras da oração: «Senhor, não vos lembreis das culpas e desacertos da mocidade...»[1] N'este lance, a agonisante pôs os olhos no rosto de Christo, que o filho segurava, chorou uma lagrima e estremeceu instantaneamente. O filho de Angelica Florinda, atalhou o padre que proseguia na oração, dizendo:

—Está morta!

Esta palavra ouviu-se fóra da choupana, porque fôra dita n'um arrancar angustioso.

Soou nas quebradas da serra um longo gemido. Ajoelharam todos, alongando a vista pela amplidão do céo, como se vissem o transito luminoso de uma alma. Depois, não quiseram descer da montanha sem beijarem a mão da defuncta.

---

[1] Delicta juventutis et ignorantiæ, ejus, quœsumus, non memineris, Domine.

Conclusão

Caminhe o servo de Deus por esta segura vareda.

Frei Francisco da Conceição — *Director.*

A elegante fabrica de «Santa Maria Magdalena», magnifica e luxuosa capella do Monte-Cordova, foi ultimada em 1865.

Com paredes paralellas ás da choça onde morreu Angelica Florinda, edificou o barão de Burgães uma casa quadrilatera, a qual prende com a capella. No interior d'este vistoso miradouro de janellas mosarabes, está intacta a choupana de Angelica. Dentro, não ha andaime, nem alfaia: é a cabana, a pobreza guardada n'um cofre de granito, aformosentado por folhagens e laçarias primorosas. Uma porta de ferro bronzeado abre o passo para um corredor espaçoso que circuita a morada da Penitente, e gira entre a choupana e a cantaria exterior, recebendo a luz das janellas circumpostas e de um zimborio que remata a abobada. A testada d'este rico involucro de pe-

dras toscas é guarnecida em redor de gradaria a fechar a cruz e banquinho que a «bruxa» de Monte-Cordova construira por suas mãos.

A capella foi traçada por feição que a sepultura de Angelica Florinda fórma parte do pavimento do altar-mór. Na mesma pedra que lhe cobre as cinzas, lê-se este epitaphio: A PENITENTE. Mais nada.

A um lado, entre o altarinho lateral e a porta, resalta meio palmo do chão uma pedra de nove palmos, onde está escripto: JASIGO DE JACINTHO DE DEUS AQUINO, E SUA FAMILIA. De fronte no outro lado, em uma pedra similhante, lê-se: AS CINZAS DE JOÃO ANTONIO, BEMFEITOR DE JACINTHO DE DEUS.

O barão de Burgães, acabada a sua obra, entregou a guarda e vigilancia da capella a um sacerdote pobre de uma aldeia proxima, a quem incumbe nos dias santos sacrificar. Aconselharam-no a que mandasse suffragar quotidianamente as almas de seus paes e amigos. Reflexionou o filho de Thomaz d'Aquino que seu pae tinha sido suffragado por vinte e sete annos de penitencia de sua mãe; que Deus seria injuriado em sua justiça por quem lhe pedisse que désse a gloria a Angelica Florinda; que os seus amigos mortos estavam santificados pela caridade.

Estas razões escandalisaram hereticamente o clero d'aquellas terras, e marearam o nome limpamente catholico de que, até então, se gosára o edificador da capella de Santa Maria Magdalena.

Feito isto, o barão de Burgães saíu com sua familia para França afim de recomeçar a educação intellectual de seus filhos. A mordomia e feitorisação de casa e terras ficou á mercê e probidade do veterano e da senhora Maria, cuja piedade ia au-

gmentando na proporção do appetite, que ella attribue a milagre de Angelica Florinda.

Ha dois annos que o barão voltou para Portugal com os dois filhos mais velhos, afóra dois nascidos em França.

Perfaz n'este anno trinta e quatro annos o filho do tenente de lanceiros. No vigor da vida, no goso de vasta riqueza, com um coração cheio de tristes e ao mesmo tempo sublimes memorias, devem os infelizes contar largos annos com a caridade de uma creancinha que ha vinte annos acceitava a esmola de duas mulheres, que lhe mataram a fome, e recebia o agasalho de um velho creado de seu pae.

O barão de Burgães conta estes successos da sua infancia deante dos ricos a fim de que os saibam os pobres, e não hajam acanhamento em pedir a quem desde o berço viveu de esmolas, até que o trabalho e a honra o resgataram da dependencia.

FIM

NOTA CORRECTIVA

Inadvertidamente faltamos ao rigor pragmatico dos tratamentos conventuaes da ordem benedictina, permittindo que o frade collegial recebesse o tratamento de «paternidade» que só era concedido aos monges, que tinham grande idade com exercicio de logares superiores e tão sómente subalternos ao das prelazias nos mosteiros. Era tarde para emendar a falta, quando nos saltou a inconveniencia de tal tratamento.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

A mocidade de um homem

SEGUNDA PARTE

O ultimo frade

TERCEIRA PARTE

Quinta essencia do amor divino